Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 852 4$00

QUINTA-FEIRA 28 AGOSTO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

REUNIÃO DECISIVA EM BELÉM

O Directório e os três chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas iniciaram hoje, ao fim da manhã, no Palácio de Belém, uma reunião de extraordinária importância para a clarificação da situação política que o País atravessa. Pouco depois entraram também os conselheiros da revolução em exercício. À hora em que fechamos esta edição a reunião continuava.

Conforme o «DL» ontem noticiou, nesta reunião estão a ser tratados os pontos fundamentais que ficaram em suspenso na última sessão de trabalhos entre o Directório e o Conselho da Revolução, efectuada na segunda-feira: a questão do Primeiro-Ministro e do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que ao que julgamos saber gira entre o almirante Pinheiro de Azevedo e o general Vasco Gonçalves. Nas últimas horas dois acontecimentos surgiram que, pelo seu signifcado, podem contribuir decisivamente para uma aceleração de medidas que, de uma vez por todas, acabem com o impasse político a que se chegou há várias semanas e tem sido alimentado por certas forças nele interessados: referimo-nos à ocupação da 5.ª Divisão pelos «Comandos», em circunstâncias ainda por esclarecer, e a manifestação unitária ontem realizada e que terminou em Belém de um modo que não deixou dúvidas a ninguém quanto à dinâmica do processo revolucionário em curso no nosso país.

Contrariamente ao que foi divulgado esta manhã o Conselho da Revolução não esteve reunido durante a noite no Palácio de Belém. Com efeito, depois de terminada a manifestação unitária, com a retirada do Presidente da República, findo o seu discurso, de semblante carregado, iniciou-se logo de seguida uma reunião informal — mas nem por isso de menos significado — entre alguns membros do Conselho da Revolução ali presentes e oficiais «operacionais...» O presidente Costa Gomes, o general Vasco Gonçalves e o comandante do Copcon, Otelo Saraiva de Carvalho, também estiveram presentes, tendo os dois primeiros retirado bastante antes do final do encontro, que se verificou cerca das seis da manhã. Ao que conseguimos apurar, para além de naturais considerações sobre o modo como tinha decorrido a manifestação, e o seu significado, nomeadamente na sua parte final, foi discutido largamente, o documento «Copcon», que, convém destacar, foi referido por Vasco Gonçalves durante o seu discurso de ontem à noite.

Alguns nomes de oficiais presentes na reunião: comandante Martins Guerreira e Contreiras, major Pereira Pinto, e capitães Macedo e Ferreira de Sousa, conselheiros da Revolução: major Tomé e major Campos de Andrade da Polícia Militar; major Dinis de Almeida, do RALIS.

Decidida por Otelo a ocupação da 5.ª Divisão?

Fontes fidedignas atribuem a Otelo Saraiva de Carvalho a decisão de ocupação das instalações da 5.ª Divisão por intermédio de uma força de comandos sob as ordens do próprio coronel Jaime Neves.

Uma amostra do modo (significativo) como este oficial tratou da ocupação ocorreu junto das instalações dos Serviços de Dinamização Cultural — Codice —, na Rua Castilho, onde além de alguns serviços da 5.ª, funcionam outros departamentos militares, cuja segurança é feita pela Polícia Aérea. Não fora a intervenção do comandante Contreiras e outros oficiais responsáveis pelas diferentes secções (os militares da segurança ao edifício tinham já montado o dispositivo de defesa) poderiam ter ocorrido incidentes graves.

Eis como Jaime Neves se terá dirigido ao capitão Apolinário, comandante dos «chaimites» que estiveram na Rua Castilho: «Então porque é que quando aqui chegaste não usaste logo a força? Eu vou entrar e é já a tiro.» E quase logo a seguir (só o tempo necessário para repreender o capitão Apolinário), dirigindo-se ao oficial de serviço que estava a opôr resistência à entrada dos militares do Copcon: «Os comandos estão habituados a cumprir missões muito mais difíceis.»

O espectáculo das palavras prosseguiu sob diversas formas, e ao ser proposto ao coronel Jaime Neves um melhor esclarecimento do que se estava a passar a resposta não demorou. «Se calhar o que nós já estamos é fartos de ser esclarecidos». Jaime Neves ainda ameaçou de prisão oficiais («Tenho ordens para levar quem se me oponha para a Trafaria»), fez comentários muito característicos ao facto de militares da 5.ª estarem à civil e desafiou quem o quisesse impedir no cumprimento da sua missão.

Tudo isto nos foi contado por testemunhas da insólita

Continua na pág. 6

POSIÇÃO FIRME DA ESQUERDA UNIDA

NÃO À SOCIAL-DEMOCRACIA

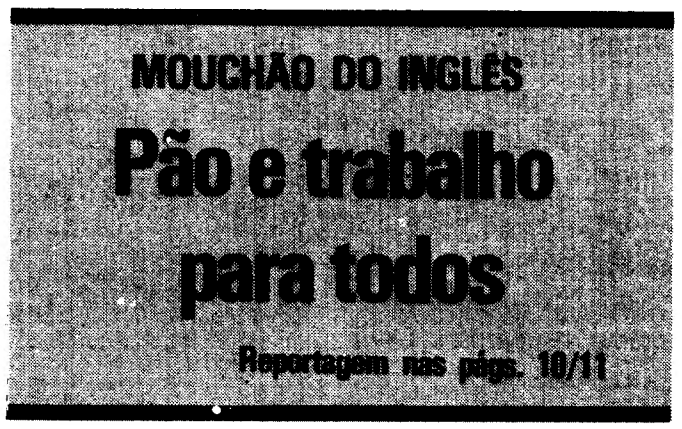
Págs. 4 e 5

Forças da África do Sul ameaçam invadir uma cidade angolana

LUANDA, 28 — (Especial para o «DL») — Forças sul-africanas continuam a violar território angolano e ameaçam invadir a cidade de Pereira d'Eça, depois de terem destruído completamente um centro populacional civil. Esta acusação foi ontem formalmente pronunciada pelo M.P.L.A. num comunicado divulgado em Luanda, no qual se chama a atenção das autoridades portuguesas para que assumam as suas responsabilidades face aos acontecimentos.

O comunicado do M.P.L.A. começa por referir que, no passado dia 21, forças sul-africanas, partindo da Namíbia, invadiram Angola através do posto fronteiriço de Santa Clara, povoação que foi totalmente arrazada. No dia 26 — prossegue o comunicado — voltaram a violar a zona de Santa Clara, prosseguindo, desta vez, a sua marcha através da povoação de Namacunde, em direcção a Chieve, ameaçando ontem, 27, invadir a cidade de Pereira d'Eça, capital do Cunene, distrito controlado pelo M.P.L.A». O comunicado prossegue depois recordando que interpretando correctamente esta realidade dos factos, o M.P.L.A. sempre definiu o imperialismo como inimigo principal do nosso povo e acrescenta que o que acontece neste momento na fronteira Sul do nosso território, não difere, na essência, do que vem acontecendo na fronteira Norte, nas províncias do Zaire e do Uíge, fazendo assim clara alusão às ingerências da República do Zaire nos assuntos internos angolanos. Afirmando que, naquilo que compete ao povo angolano, o M.P.L.A. saberá tomar as suas responsabilidades no processo de libertação que incansavelmente dirige há mais de 18 anos, o comunicado daquele movimento termina chamando a atenção das autoridades políticas e militares portuguesas para as responsabilida-

Continua na pág. 6



20 PÁGINAS

O "SEXTO" SENTIDO

. Acusam o «Jornal Novo» de ter mentido, ao anunciar a formação de um VI Governo Provisório fabiónico. Chegam mesmo ao ponto de acusar aquele vespertino de ser o órgão de uma pretensa conjura contra-revolucionária, pelo que tal governo-fantasma seria uma das formas de pressão na provocada crise político-militar.

Trata-se, manifestamente, de exagero.

Então estamos ou não num regime que garante as liberdades individuais? Então estamos ou não num regime democrático? Então vivemos ou não em plena e efectiva liberdade?

. Quem ousa cercear as liberdades dos cidadãos? Era o que faltava que o sr. Portela Filho não pudesse ter a liberdade de organizar os governos privados que quisesse e torná-los públicos no seu jornal. Houve até quem dissesse que o «sexto» do sr. Portela era muito bem achado e muito bem sentido.

Chegamos assim à conclusão de que o «sexto» sentido do sr. Portela, o seu «hobby» preferido, considete em formar governos. Cá ficamos à espera do «sétimo», do «oitavo», do «nono» e seguintes.

E por que não? Ou há ou não há liberdade...

MANUEL DE AZEVEDO

C.C.T. dos têxteis

. Vai ser publicado nos próximos dias o contrato colectivo de trabalho vertical para as indústrias têxteis e de malhas, acompanhado de uma portaria de regulamentação de trabalho que, entre outras normas, contém a que alarga o âmbito deste CCT a actividades similares. A Secretaria de Estado de Trabalho já remeteu os dois textos para publicação no **Boletim** daquele Ministério, correspondente ao dia 29 de Agosto.

QUEM FACTUROU MAIS DE 30 MIL CONTOS?

. As empresas produtoras ou importadoras de bens ou serviços, ou as que simultaneamente desenvolvam essas actividades, e que tenham realizado no último ano uma facturação bruta global superior a 30 mil contos, no mercado interno, devem comunicar o facto à Direcção-Geral de Preços até ao próximo dia 31 — lembra um comunicado deste organismo.

A comunicação deve ser feita em impressos próprios, que se encontram à disposição dos interessados na Direcção-Geral de Preços e na Direcção-Geral da Fiscalização Económica (Lisboa e delegações).

BOICOTE ECONÓMICO DA BÉLGICA A PORTUGAL

. . Assinada por José Maria Teixeira Morais, em nome da comissão mista de trabalhadores do Porto EFACEC/CN, recebemos, com pedido de divulgação, o seguinte texto onde se dá conta das manobras da Bélgica para sabotar a nossa economia:

. — No seguimento de atitudes contra-revolucionárias que nos são movidas quer internamente quer externamente, há toda uma manobra conjugada, com o fim único de arrasar ao máximo a nossa economia e aumentar o justo descontentamento das massas populares para que estas venham a tornar-se numa barreira para o avanço do processo revolucionário.

. . Internamente, desde os partidos burgueses ao E. L. P. há todo um movimento que tem como fim único criar um entrave ao avanço do nosso processo, quer nos apareça descaradamente com a cara fascista, ou mesmo com os ares sociais-democratas europeus.

. . Neste caso trata-se da tão apregoada «social-democracia» europeia, um dos braços do imperialismo, onde as lutas dos trabalhadores são constantemente conduzidas por uma máquina sindical ao serviço da burguesia, o que no fim traduz uma anulação absoluta de qualquer forma de poder popular. Quando a classe operária, saturada de ser espezinhada levanta a cabeça é logo esmagada pelo aparelho repressivo «democrata» (veja-se o Maio de 1968 em Paris).

. . Pois é de um desses países sociais-democratas. europeus, que durante o fascismo sempre colaborou com os fascistas Salazar/Caetano e que hoje se sentem incomodados e seguros pelo avanço revolucionário dos trabalhadores portugueses.

. . Assim e dentro de um movimento devidamente orquestrado pelos imperialistas americanos que na sombra ditam ordens aos seus lacaios europeus, tem-se vindo a observar um cada vez maior boicote à nossa débil economia.

. . É o caso da Bélgica, país de social-democratas (com rei e tudo) que desta vez através de leis governamentais impõe que as vendas da multinacional ACEC (grupo Westinghouse) à sua representada portuguesa EFACEC devem ser pagas com antecedência.

. . Será este o auxílio dos países europeus que tão nossos «amigos» são?

. . Será este o apoio que os partidos fascistas e burgueses esperam?

. . Camaradas, esta atitude não é nova, como esta muitas outras têm sido tomadas pelos países onde a burguesia ainda manda. Essa burguesia sente que está em crise e que as estruturas que tão bem soube criar para sua defesa estão a ruir em favor do avanço das massas trabalhadoras.

. . Mas tal como um aninal encurralado e perdido, tenta por tudo resistir até ao fim sem o conseguir, o mesmo acontecerá à burguesia como classe condenada que é.

. . Só depende da organização das massas trabalhadoras de todo o mundo. É só uma questão de tempo.

QUE PLANOS TEM SPÍNOLA?

. «Tenho planos para esta hora grave que Portugal atravessa, planos esses que são iguais aos de qualquer português que deseje o estabelecimento de um regime democrático em Portugal», terá dito António de Spínola, no Rio de Janeiro, segundo um telegrama da agência France-Presse proveniente ontem desta cidade. O telegrama cita a Imprensa brasileira, que por sua vez citava desde Londres, a BBC.

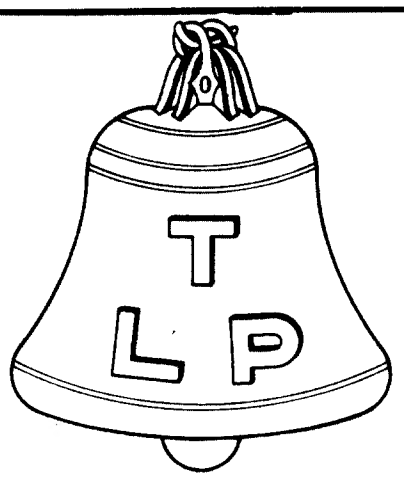
«Não posso deixar de estar integrado no Movimento Democráticó de Libertação de Portugal, e é integrado neste movimento que estou disposto a lutar até ao fim pela libertação da pátria», teria ainda acrescentado o ex-general.

Corria ontem, tal como anteontem e pode dizer-se que nos últimos dias, com insistência, no Rio, rumores segundo os quais Spínola se preparava para partir para a Europa. Um telegrama da Reuter diz que informadores do antigo general se recusaram a fazer comentários.

Entretanto, anteontem, o consulado de Portugal no Rio de Janeiro viveu momentos de pânico por causa de um telefonema que avisava que um petardo, um engenho de alta potência, se encontrava nas instalações e prestes a explodir. Alarmada a Polícia esta correu a fazer buscas, mas não encontrou nada que justificasse o alarme. Durante as buscas, o consulado foi evacuado.

Segundo o cônsul, que recebeu o telefonema, o indivíduo que telefonou tinha p[illegible] núncia portuguesa e dizia-se elemento da «Vanguarda de Libertação Popular».

Em ARMAÇÃO DE PERA o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

CENTRAL MANUAL DO SEIXAL

Informa-se que na noite de 29 para 30 de Agosto, os postos telefónicos com numeração iniciada por «2213» passam a ficar ligados à Central Automática de Torre da Marinha.

Deverá marcar sempre o número completo do posto destinatário a partir daquela data.

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL

PARA O RAMO RETALHISTA

COMUNICADO

Convocam-se todos os trabalhadores que prestam serviço em empresas do ramo retalhista para uma reunião que terá lugar na **próxima quinta-feira dia 28 de Agosto, às 21 horas, no Salão Nobre, do Instituto Superior Técnico, na Av. Rovisco Pais — Lisboa,** com a seguinte ordem de trabalhos :

— ANÁLISE E APROVAÇÃO DO PROJECTO DA REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO.

Apela-se para a comparência de todos os trabalhadores, independentemente da sua profissão visto que o Contrato é vertical.

Lisboa 26 de Agosto de 1975

Sindicato do Comércio
» dos Escritórios
» dos Electricistas
» dos Telefonistas
» dos Cobradores
» dos Transportes Rodoviários
» dos Contínuos e Porteiros
» dos Operários da Indústria da Madeira
» dos Metalúrgicos
» da Construção Civil
» dos Têxteis

post scriptum

Coisas da vida

Quando Artur Portela Filho irrompeu na sala de velar mortos em que descambara a nossa tribu literária, foi um estoiro, um deslumbramento

— É o Eça: é o Eça enforquilhado numa Honda, de escape aberto a desvirgular os timpanos da burguesia — gritávamos uns para os outros com uma alegria irreprimível.

Era o rapagão que trazia em sobressalto a modernice de uma literatura que se espiolhava no sol morno dos bancos dos jardins. O novo estilo, a exigir o parto constante do leitor, resfolegava como um caterpilar imparável, a causticar a entulheira fascista.

No estrado da «Feira das vaidades» espioteavam, em cegadas de rebentar bexigas, as celebridades convencionais e respeitabilidades decretadas, em fralda de camisa, palito no dente ou de rabo ao léu. Era o gozo nacional. Naquelas segundas-feiras, o Portugal progressista e macerado vingava-se. Era a nossa cacetada semanal no lombo da besta fascista.

A bica e o Portela Filho, após a dobrada temperada a folha de louro, consustanciavam o fio, a réstia de esperança que esconjuravam o desalento.

Mas, como as coisas boas são efémeras, também o nosso David não resistiu.

Felizmente ficaram aí a dobrada e a bica, para espevitar os ânimos!

— Mas que aconteceu ao fundiário morreu?

— Não, que ideia! Pior do que isso. Agora estabeleceu-se em full-time com jornal próprio lá para as bandas da Fanfúrria e aparece pontualmente na página um, como o cuco do relógio da minha tia Antónia.

Volvidos três ou quatro anos, o estilo sincopado permanece paciente e onanicamente inalterável. A insistência tornou-se uma gaguez. Esgotou-se. Arrasta-se como aquele velhinho da minha infância, a moer o Danúbio Azul no realejo desconjuntado.

O Portela Filho é, hoje, uma saudade com perfil de república, reclinada em mármore Estremoz, sobre o jazigo trágico que ele próprio antecipou. É o ... fósforo frio do Fernando Pessoa, ... o aparador com muitas coisas perdido no passado que, raivosamente, nos foge. É a sensação triste e melancólica diluida nas fotografias em sépia desbotada de um antigo algum de família.

A pena do articulista exidou e tropeça, à deriva, na antecâmara da revolução, garatujando pés de galinha nos linguados de circunstância.

Ficou-se pelo vestíbulo, para nosso desgosto.

Está ali, numa rua qualquer, Chiado difuso das segundas-feiras de anteontem, de manga arregaçada e funda ameaçadora, mas em bronze, quase irreconhecível pelo verdete que lhe escorre pelo rosto.

Sobre o jornal que segura numa das mãos, pousaram dois pombos que, muito embora não sabendo ler, deixaram cair dois espessos pontos finais no texto gravado.

Coisas da vida
Firmum in vita nihil.

Rui Vasques Calafate — Póvoa de Varzim

Revolta

É evidente que, dentro dos próprios condicionalismos que a tão discutida liberdade nos impõe, ora por dever cívico ora por respeito pelos direitos humanos, a não violência é de certa maneira um facto que, pelos seus resultados, pode transformar a vida de um país.

Pois bem, vem isto a propósito da onda de violência que se gera por esse país.

Apesar de o saber, eu pergunto, a quem pode interessar tal violência?

Evidentemente que não interessa à classe trabalhadora, aquela que, apenas vive, e por vezes bastante mal, do seu trabalho diário, aquela que, por natureza dos seus princípios ideológicos contribuiu, através da sua produção, para o engrandecimento de um país.

Essa violência só poderá interessar a uma minoria de cobardes burgueses que, pelo seu índole fanático e pernicioso, contribuem para o desgaste psíquico daqueles que, através do seu suor, lhes dão a ganhar rios de dinheiro, e que tão habituados estão a esse privilégio que, agora ao verem-se privados de certos e determinados luxos e prazeres, apelam para o dito «pluralismo» das massas.

Através dos meios de comunicação diários, chegam-nos notícias, tendênciosas e partidárias na opinião de muita boa gente, de assaltos, incêndios, pilhagens e por vezes mortes a partidos da esquerda, e porque não a partidos do centro, da direita e dos chamados pluralistas ?

A estas e outras interrogações a resposta é evidente e bastante clara, só à burguesia decadente poderá interessar a destruição dos chamados grupos da esquerda, porque só a ela, a burguesia, poderá ter medo dos partidos da esquerda.

A classe operária e todas as outras classes sociais que, apenas vivem do seu trabalho diário, do seu esforço, essas porventura, não têm medo do esquerdismo, têm sim, mas é dos partidos que se intitulam defensores da democracia e dos trabalhadores, mas que no seu íntimo degenerado, isso não passa de uma tremenda capa, onde sob a qual se esconde os reais interesses materialistas de uma burguesia teimosa e cobarde que, através do tão apregoado «pluralismo» quer continuar na senda da exploração dos reais valores humanos.

Como se isto não fosse verdade, relaceemos os olhos pelo mundo capitalista, e o que vemos?

Sob a capa da democracia aparente, vemos seres humanos expoliados e torturados nos seus reais direitos em favor de meia dúzia de ignóbeis senhores que, a

Continua na pág. 18

A "CRISE" E O "CERCO"

FERNANDO PITEIRA SANTOS

A «crise» que atingiu o «processo revolucionário» português, nos meses de Julho e de Agosto, não poderá ser reduzida, com certo simplismo interpretativo, a um «clima» criado artificialmente por peritos de «destabilização», ou intencionalmente cultivado pela informação tendenciosa de alguns jornais, pelas especulações dos políticos, pelos alvoroços ideológicos dos militares. Não poderá esta longa e grave «crise» ser averbada, exclusivamente, ao sectarismo partidário, ou ao cansaço de alguns militantes, ou à perda de perspectiva revolucionária, ou só ao divisionismo, ou só ao maximalismo pressuroso e irrealista. Estamos perante uma «crise» estrutural do «processo revolucionário».

Esta «crise» ocorre, não o esqueçamos, num momento particularmente difícil que se caracteriza pelo agravamento da situação em Timor; o desencadeamento da fase de guerra civil em Angola como primeira versão de um provável confronto ou de uma agressão imperialista; a irrupção, com particular violência nas províncias nortenhas, de uma «patuleia» que para além da exaltação anticomunista anunciadora da contra-ofensiva fascista, da já seguros indícios da táctica operacional a que as forças reaccionárias, hoje ainda relativamente dispersas, poderão recorrer num combate generalizado contra a democracia, o socialismo, o «poder político-militar». Ao quadro junte-se a degradação da situação económica e social; os problemas dos desempregados, dos saneados, dos desapossados; a condição insatisfatória dos diminuídos físicos vítimas das guerras de África e a condição desesperada dos «retornados» de África; a contestação escolar (e não apenas estudantil); as lutas reivindicativas dos trabalhadores (quase sempre de puro carácter económico) desvinculadas de uma compreensão da responsabilidade revolucionária global. Não se esqueça, também, a manobra imperialista para nos dividir na ordem interna, e na ordem externa, nos isolar. O «processo revolucionário» português, ao cabo de dezasseis meses de uma experiência complexa e contraditória, entrou em «crise» e não soube escapar à operação imperialista de «cerco».

Interessa aos imperialistas, em primeiro lugar, que o nosso «processo revolucionário» não constitua na Europa, para a Europa um exemplo; e, em segundo lugar, preocupa-os que a descolonização se processe em condições tais que Portugal receba o impacto brutal do regresso dos colonos e não possa desempenhar um papel imediato e positivo na cooperação de que carecem as novas nações de expressão portuguesa. Interessa-lhes que a «descolonização», de um processo paralelo ao da libertação antifascista, se converta num factor de retardamento da democratização interna, num factor de «destabilização» económico-social, num factor de redução da presença cultural portuguesa em África. Também nessa frente, a do «processo de descolonização» está sendo a **revolução portuguesa** posta em causa.

Por condições de política interna e de política externa, o nosso «processo revolucionário» que se ressente, como é óbvio, dos ímpetos, das generosidades, dos entusiasmos juvenis, mas, igualmente das juvenis impaciências e inexperiências, não se podia permitir uma «crise» arrastada e profunda. A «crise», se surgiu como um conflito de partidos, logo se apresentou como uma «crise de poder» concomitante com uma «crise económico-social». As estruturas do «poder político-militar», destinadas a marginalizar uma **potencial** contra-revolução, revelaram-se precárias perante os primeiros passos de contra-revolução **em acto**. E a continuidade administrativa apenas disfarçou a paralisação política no plano do Governo, enquanto no plano das combinações, das negociações das intrigas, e da agitação pública, se viviam dias exaltados. Que não exaltantes. Deles a «Revolução» — com maiúscula — não saiu fortalecida e prestigiada.

O problema da inexistência de **um centro de poder** — ou da existência de poderes paralelos — deu origem à confusão política à revelação de um activo fraccionalismo na componente militar do poder. As carências, e as sobreposições de ordem «político-constitucional» e de ordem «político-militar», patentearam-se, subitamente, em todos os seus aspectos negativos. Verificou-se que o «poder revolucionário» estava, perigosamente concentrado (longe de qualquer controlo popular) e perigosamente dividido (entre protagonistas do «processo revolucionário»). Não tinha o «poder revolucionário», a defesa de uma institucionalização (embora de forma revolucionária e de inspiração radical) mas reconhecida, aprovada e funcional.

Nas sucessivas propostas políticas faltava — ou foi sempre ignorada — uma definição clara de institucionalização do poder. Os projectos de criação de órgãos de «democracia de base» — a que com discutível critério foi dado o nome de «órgãos de poder popular» — não satisfaziam, em tempo útil, a necessidade de «uma estrutura de poder político-militar», de «um centro de poder» dotado de capacidade operacional, de competência técnica e administrativa e de efectiva autoridade.

Um Governo **com** autoridade e **com** iniciativa política, é uma arma que a «Revolução» não pode dispensar.

No próprio interesse de **um poder dos trabalhadores** — garantia e objecto do «processo revolucionário» que visa o socialismo — é necessária, é neste momento inadiável, uma decisiva unificação das estruturas político-militares do «poder revolucionário». A «contra-revolução» deixou de ser uma figura de retórica, uma invectiva polémica para agredir adversários políticos, uma classificação por comodidade. A «contra-revolução» está na rua, activa, operacional, impune. Não a consideremos o simples resultado dos erros praticados na direcção e no desenvolvimento do «processo revolucionário», não a consideremos, também a resposta mecânica das forças políticas e sociais derrotadas e banidas do poder político-económico. Ela partilhando de uma e de outra coisa, é, no conjunto e nas consequências, um fenómeno social mais complexo. Nasce da própria «Revolução». E, por outro lado, tem apoios exteriores e estranhos ao «processo revolucionário» e ao próprio País. A «contra-revolução» é inspirada, fomentada, financiada do exterior. Pensemos sempre no Norte mas não devemos sempre esquecer o que de análogo, e já diferente, se passa nos Açores e na Madeira. A «contra-revolução» aparece ligada ao «cerco imperialista». São duas actividades que se completam: a «contra-revolução» e o «cerco». Dividir o campo revolucionário; isolar o «processo revolucionário». Estrangular, asfixiar, a revolução socialista portuguesa. Este mau exemplo para a Espanha; para a Europa.

DESCONFIANÇA E FIRMEZA EM DAMASCO

ERIC ROUSEAU

DAMASCO — O senhor Kissinger devia enfrentrar, na capital síria, um muro de desconfiança e de hostilidade. Em vez de atacarem o Egipto, acusado em privado de procurar um acordo separado com Israel, que se faria em desproveito dos outros beligerantes árabes, os órgãos da Imprensa do Partido Baas, actualmente no poder, desencadearam um ataque contra o secretário de Estado que qualificaram sucessivamente de caixeiro viajante do imperialismo americano, de negociante de canhões, de divisor do mundo árabe e hábil defensor dos interesses israelitas.

«Kissinger não voltará a pôr os pés em Damasco segunda vez durante esta **tournée** pelo Médio Oriente, declaráva-nos no sábado uma personalidade próxima do poder, antes de acrescentar com malícia: **A menos que Sadat insista para que nós o recebamos uma segunda e última vez».**

A posição oficial mantém-se inalterável: um novo recuo de forças militares deveria produzir-se simultaneamente nas três frentes árabes — egípcia, síria e jordana — e somente na perspectiva de evacuação de todos os territórios ocupados em 1967 e de uma solução global dando satisfação às reivindicações do povo palestiniano. O acordo projectado no Sinai, desde já, é considerado aqui como uma marcha que visa quebrar a solidariedade árabe, ao excluir o Egipto do «campo de confrontação» e perpetuar a ocupação do Golan sírio e da Cisjordânia.

Na prática o presidente Assad aceitaria, sem dúvida, dar a sua caução a um entendimento egipto-israelita se ele próprio recebesse do secretário de Estado americano, não só a certeza verbal, já fornecida, de que uma disposição análoga sucederia na frente síria nos próximos meses, mas também e sobretudo proposições concretas e satisfatórias.

Quando das conversações que teve, há algumas semanas, com o senhor Abdel Halim Khaddam, ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, o senhor Kissinger teria evocado a possibilidade de um recuo israelita de uma distância de 6 quilómetros. A oferta foi recebida friamente. O território que seroa entregue está situado na parte meridional do Golan, montanhoso e árido, não tem nenhum interesse económico ou estratégico, salienta-se aqui.

A restituição deste território obrigaria, pelo contrário, à edificação de fortificações que custariam ao Estado sírio cerca de 200 milhões de dólares, bem como a mobilização de unidades militares suplementares, sem no entanto melhorar a defesa do país. A contraposição síria foi também considerada inaceitável pelo senhor Kissinger. O presidente Assad teria insistido para que as forcas israelitas recuassem ao longo de todo o comprimento da linha de cessar fogo, o que implicaria o afastamento das zonas limítrofes de Kuneitra e o desmantelamento de pelo menos duas colónias judias implantadas nas colinas vizinhas.

Os sírios estão tanto mais cépticos sobre a possibilidade de um compromisso que desconfiam de que o senhor Kissinger tivesse formulado a proposição em termos vagos a seu desejo, sem que tivesse obtido acordo prévio do Governo israelita. O chefe da diplomacia americana teria aliás indicado que não era possível um recuo simultâneo nas frentes egípcia e síria e que as conversações no que respeita ao Golan não começariam senão após a assinatura de um acordo entre o Egipto e o Estado judeu. No entanto, para mostrar boa vontade, ter-se-ia comprometido a organizar, antes do fim do ano, um encontro entre o presidente Ford e o general Assad, análogo ao que o chefe da Casa Branca teve com o presidente Sadat em Salzburgo no mês de Junho último. Esta reunião, fez saber, seria anterior a pressões que seriam exercidas sobre o Governo do senhor Rabin.

O senhor Kissinger não conseguiu abalar a desconfiança dos sírios. Estes últimos não acreditam mais na sinceridade do secretário de Estado e ainda menos na vontade do presidente Ford em obrigar Israel a fazer concessões fundamentais. Prevêem que Washington e Jerusalém, por razões diferentes, mas convergentes, e adoptem manobras dilatórias destinadas a «congelar» o conflito israelo-árabe nos próximos anos, pelo menos até à eleição presidencial nos Estados Unidos, em fins de 1976.

«Henry Kissinger está longe de ter ganho a partida; não está isento de voltar para casa com a partida dobrada», dizem os responsáveis sírios, como também os dirigentes palestinianos, com os quais pudemos contactar, tanto em Beirute como em Damasco. Baseiam o seu cepticismo nas seguintes considerações:

A posição delicada do presidente Sadat.

O chefe de Estado egípcio disporia de uma margem de manobra muito estreita face à oposição da Síria, da resis-

Continua na pág. 18

Nacional

FRENTE UNIDA CONTRA O FASCISMO

ENORME MANIFESTAÇÃO POPULAR APOIOU A VIA SOCIALISTA

. Vasco, Vasco, Vasco... , e mais de uma hora Vasco, Vasco, Vasco... , desde o Cais do Sodré à Praça do Império (Belém), defronte da residência oficial do Presidente da República, para onde se dirigiu a manifestação em que participaram milhares e milhares de trabalhadores para que vingue, finalmente, um programa revolucionário (era uma das palavras de ordem), na sequência — ainda finalmente — da formação de uma *Frente Unitária Popular* quando o perigo contra-revolucionário espreita, constituiu, sem dúvida, um dos momentos mais altos do cortejo, mesmo quando, uma vez mais, se gritou «Vasco sim, Fabião não». Eram, então, 22 horas e poucos minutos. O largo fronteiro à residência do general Costa Gomes estava literalmente cheio. As pessoas quase se acotovelavam. Cantava-se, também. «Venceremos, venceremos...», que não era palavra de ordem por ser parte de letra de canção, ficou nas membranas dos timpanos de todos. A maioria daqueles trabalhadores tinha percorrido 9 quilómetros entre o Cais do Sodré e Belém, para dizer da necessidade em aplicar um programa revolucionário. Aliás, «Avançar, avançar, poder popular», palavra de ordem também lançada, consubstanciava isso mesmo: um programa revolucionário que liquide de uma vez por todas as tibiezas e hesitações que o processo tem conhecido.

Quando o Presidente da República, eram 11 menos dez de uma noite, ontem, que ficará memorável, assomou ao varandim da sua residência, já então rodeado por uma legião de jornalistas portugueses e estrangeiros como poucas vezes temos visto, a multidão gritou, ainda com mais força e vibração, Vasco, Vasco, Vasco...», porque o Primeiro-Ministro acompanhava o general Costa Gomes, assim como o major Costa Martins (ministro do Trabalho) e o comandante Martins Guerreiro, todos membros do Conselho da Revolução.

VIGILÂNCIA MÁXIMA E UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

Outras palavras de ordem que não estavam no programa foram gritadas. E, entre uma e outra, particularmente «Operários e Camponeses, Soldados, Marinheiros, Unidos Venceremos» e «Morte à CIA, abaixo a social-democracia», houve tempo e espaço para os manifestantes assinalarem a sua solidariedade com a 5.ª Divisão, recordar Fabião (não) e Vasco (que um locutor de serviço, em francês desempoeirado, salientou para a sua estação como Dos Santos Gonçalves e para quem o Povo, todos aqueles trabalhadores, gritaram sim). Era impressionante e majestática a moldura humana que oferecia o quadro da Praça do Império. Não cabia uma agulha. As pessoas transpiravam. E gritavam. E cantavam.

O Primeiro-Ministro tomou posição para falar a toda aquela multidão compressa, já depois de um dos elementos do secretariado ter usado da palavra para explicar a forma como tinha aparecido a *Frente Unitária Popular* e enunciar os seus diversos pontos aprovados numa reunião em que participaram elementos do M.F.A. como «aglutinadores», e disse: «O que está em jogo neste momento é avançar decididamente na construção do socialismo ou permitir o golpe da social-democracia que rapidamente restaurará o fascismo». Toda aquela multidão, que não pudemos computar mas que eram em número de milhares e milhares (dezenas de milhar), gritou em uníssono e vibrantemente: «Abaixo a social-democracia, fora a CIA». O orador emendou de pronto:

. «Não ao fascismo, não à social-democracia». E não desarmou, para prosseguir «Queremos deixar bem clara a nossa recusa da dissolução da 5.ª Divisão». Milhares de vozes de trabalhadores manifestaram-se, corroborando a afirmação do membro do secretariado da organização da FUP. Noutro passo da sua intervenção cortada por aplausos, já depois de enumerar aspectos que presidiram à formação da Frente Unitária Popular — criada para defender os interesses dos trabalhadores, obnubilar a crista da social-democracia e avançar com a Revolução, afirmou: «A 5.ª Divisão deverá ser transformada, mas apenas segundo os interesses dos trabalhadores». Os manifestantes apresentaram outra palavra de ordem que não estava no papel — e até era, ali e àquela hora, oportuna: «Acção, acção, contra a reacção». E, logo, «Vasco, Vasco, Vasco...». Hoje — atalhou o orador — é a 5.ª Divisão. Amanhã todas as forças de esquerda. Esse é o objectivo da reacção, dos reaccionários. A isso responde o proletariado revolucionário com a máxima vigilância e a máxima unidade revolucionária». Outra palavra de ordem que não estava programada emergiu: «Lutar, criar, poder popular .

VASCO GONÇALVES: «MOMENTO GRAVE DA NOSSA REVOLUÇÃO»

Força, força, companheiro Vasco foi o detonador. Era o povo a clamar pelo Primeiro-Ministro, impaciente pela sua intervenção. E Vasco Gonçalves dirigiu-se a todos em termos congregatórios, de unidade. Portugueses, começou por dizer, Portugueses, companheiros de luta, nós vivemos, neste momento, um dos instantes mais graves da nossa Revolução. A nossa Revolução corre graves perigos. É preciso», e o povo reagiu assim: «Armas, armas, armas — para Vasco Gonçalves retomar a palavra: «É preciso que todos tenhamos consciência do momento que estamos vivendo e que estejamos à sua altura. No nosso País, o nosso processo de construção de uma democracia a caminho do socialismo está seriamente ameaçado, por forças reaccionárias, quer internas, quer externas . Os trabalhadores ali congregados, que eram dezenas de milhares, gritaram por vigilância popular. E o Primeiro-Ministro do V Governo Provisório acentuou «As forças democráticas e patrióticas têm neste momento o dever de honra de se unirem acima de todas as questões. A unidade é a nossa força .A multidão gritou «Unidade, Unidade, Unidade .

Todas as revoluções — prosseguiu Vasco Gonçalves — todos os processos revolucionários, passam por momentos destes. Não há nenhuma revolução que tenha sido construída com êxito ao fim de largos anos, que não tenha passado por instantes como este. As forças de certos estratos sociais conjugam-se para travar o passo à nossa Revolução. Este momento é crucial. O problema central é o problema do poder, de quais serão as forças que deverão conduzir este País para a democracia e para o socialismo . A multidão voltou a intervir, com força, uníssona e na, unidade, gritando por poder popular. Vasco continuou «É esta a questão central quais serão as forças que poderão conduzir este País em paz e em liberdade no caminho do socialismo através da democracia? Assistimos neste momento — assinalou depois — a uma luta aguda pelo poder, centrada em qualquer coisa de mais profundo que é a luta de classes. Temos de ter a consciência disso. Só as forças populares, as forças verdadeiramente interessadas na transformação da sociedade, são os estratos sociais mais desfavorecidos os que estão mais empenhados nesta transformação da sociedade. A condução do processo revolucionário — já o tenho dito — deve ser feita por uma vanguarda do Movimento das Forças Armadas com as forças trabalhadoras. Isto não significa, referiu mais adiante, que sejamos obrigados a colocar uma pequena burguesia (pequenos comerciantes, os donos das pequenas lojas, os sapateiros, os ferreiros, os pequenos agricultores, os pequenos industriais) de parte, alguns dos quais ganham menos que o salário mínimo nacional. Nós desejamos uma unidade íntima com essas classes que também são trabalhadoras, mas, simplesmente, o poder que nos há-de conduzir a caminho do socialismo tem de ser de vanguarda. Não podemos entregar a condução de uma revolução democrática a caminho do socialismo aos elementos da pequena burguesia. Isto não significa que estejamos a marginalizar a pequena burguesia. Ela deverá ser nossa aliada na marcha para o futuro, que o poderá ser — e só será — nas mãos que sejam firmes e fortes, verdadeiramente revolucionárias. Não são mãos extremistas, mãos que queiram fazer política da terra queimada. Todos os que aqui estamos já mostrámos que não o queremos fazer .

ONDE CABEM OS VERDADEIROS PORTUGUESES

Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro do V Governo Provisório, aludiu, depois, aos nossos oito séculos de História e, na sequência das ideias expostas afirmou que todos devemos estar atentos às conquistas que já alcançámos. Referiu então interrogativamente «Estamos ou não dispostos a defender com unhas e dentes uma reforma agrária, as nacionalizações a multidão interrompeu vitoriosamente. E gritou: «Morte ao ELP e a quem o apoiar), os direitos sindicais e as liberdades individuais? Neste momento em que estamos em Paz , adiantou mais tarde, e que temos consciência dos perigos que vivemos, mais que nunca nos devemos unir. Por isso eu saúdo veementemente e com grande alegria a constituição desta Frente de Unidade Popular». Todos os trabalhadores ali compressos gritaram, pela primeira vez na Praça do Império, Unidade das Forças Revolucionárias», e «Frente Unitária Popular». E Vasco Gonçalves continuou, aqui e ali interrompido: «Esta Frente, esta Frente deve estar aberta a todas as forças democráticas, progressistas e patrióticas, e assim já o demonstrou, porque estais aqui ligados, os diferentes partidos, mas unidos. Unidos porquê? Porque a nossa revolução está em perigo, porque é necessário defender as suas conquistas, porque é preciso criar um Portugal Novo .

Esta Frente — prosseguiu — deve estar aberta a todos os verdadeiros socialistas, a todos os homens que estão interessados em construir uma verdadeira democracia em Portugal. Essa democracia tem de ser, forçosamente baseada nas forças populares. Pelas forças populares avança a nossa democracia. Nessa unidade, nessa frente ampla, cabem todos os verdadeiros portugueses, aqueles que estão interessados de facto, em caminhar para a democracia e para o socialismo. Não deve haver sectarismos, tem que haver unidade. Todos os verdadeiros socialistas devem ingressar nesta Frente que está aberta a todos os portugueses. É nesse sentido que nós saudamos a sua constituição, que deve levar Portugal para os caminhos do futuro (e todos gritaram Unidade, Unidade, Unidade»).

Neste momento , acrescentou Vasco Gonçalves, em que se fala tanto em programas e em linhas, nós temos documentos que nos bastam para traçarmos o caminho do nosso futuro. Um deles, é o documento elaborado pelos oficiais do Copcon e a multidão aplaudiu para gritar e pedir a aplicação imediata do respectivo documento), o outro documento é Defender a Revolução , elaborado pelo V Governo Provisório os trabalhadores ali presentes aplaudiram . Estes dois documentos poderão amplamente servir de base ao caminho que deveremos traçar para o futuro, apontando uma via socialista, documentos realistas onde se vêem os problemas das vanguardas revolucionárias, dos seus aliados, das bases sociais de apoio, e onde se vê que nós desejamos ir ao encontro dos interesses de todos os portugueses, não só dos trabalhadores, como dos nossos agricultores, dos nossos industriais, dos nossos intelectuais e dos quadros. São documentos honestos, documentos que honram os homens que os elaboraram. Não são documentos que deitem poeira para os olhos do povo, tendo também em atenção essa importantissima decisão da Assembleia do Movimento das Forças Armadas, que foi a aprovação na generalidade, do documento-guia das relações entre o Povo e o M. F. A. Ele tem de ser tomado profundamente a sério, com toda a gravidade do passo que representa. Não foi uma leviandade do M. F. A. Ele é tão responsável, tão importante, que a partir dele se desencadearam forças e reacções que hoje põem em perigo a nossa Revolução. Há matéria suficiente para sobre ele nos debruçarmos , assinalou quase a terminar, «hoje mais que nunca, porque a construção do futuro faz-se com o trabalho humano. Vós sois os lídimos representantes dessa matéria. Sois vocês que deveis construir o nosso futuro, com base na unidade que esta manifestação representa, com base na vigilância popular, que é, neste momento, mais necessária que antes».

Nacional

A manifestação do P. S., ontem no Porto

P.S. NÃO QUER CORVACHO FRENTE APOIA CORVACHO

. Se as palavras de ordem continuam a responsabilizar os partidos e organizações políticas que as criam ou lhe dão o seu aval, então estranhamos que o P.S. tenha gritado ontem, no Porto, na manifestação contra o brigadeiro Corvacho e por tacada indirecta contra Vasco Gonçalves, a palavra de ordem Partido só há um o P.S. e mais nenhum .

A manifestação que se estima ter englobado vários milhares de pessoas teve a sua expressão mais significativa na aprovação de uma moção a enviar ao Presidente da República e ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião, em que se consubstanciavam as últimas reivindicações do P.S., designadamente, demissão imediata do V Governo Provisório e constituição de um Governo de unidade e salvação nacional; substituição definitiva do brigadeiro Corvacho, no comando da Região Militar do Norte.

Oradores houve como Joaquim Bastos que, na Praça Humberto Delgado, afirmaram manter-se no Poder um Governo minoritário devido à Informação que é manipulada e ao falso esclarecimento político da 5.ª Divisão . O elemento da Juventude Socialista atacou Vasco no Governo e Corvacho no Comando Regional do Norte. Fernando de Almeida, do Secretariado da Federação Distrital do P.S., salientou que os seus ataques tanto a Vasco Gonçalves como ao brigadeiro Corvacho não eram pessoais, mas tão-somente por entender que a manutenção de Corvacho no comando da Região Militar do Norte virá cavar mais fundo o fosso já existente. A contestação destas duas personagens dever-se-ia meramente a concepções políticas muito diferentes.

Cantado o hino nacional, a manifestação dirigiu-se para o QG da capital do Norte. Uma força da Polícia Militar defendia o acesso ao edifício. Durante meia-hora os manifestantes gritaram palavras de ordem: «FORA Corvacho», «Fora o Vasco . De resto, não houve incidentes.

P S : «UMA DIREITA MILITAR PARA O NORTE»

Entretanto, o M.E.S. que esteve integrado numa das duas manifestações que se realizaram no Porto exigindo o regresso imediato do brigadeiro Corvacho ao comando da Região Militar do Norte, emitiu ainda na noite de ontem um comunicado em que estabelece a comparação entre o significado das manifestações das forças de esquerda e a manifestação do P.S.

Que significa este apoio ao brigadeiro Corvacho?» — pergunta o M.E.S. a propósito das duas manifestações apoiadas e promovidas por forças de esquerda.

Significa essencialmente que apesar das limitações da região, o referido oficial tentou criar as condições de existência de um poder popular autónomo (em particular pela nomeação de uma comissão administrativa para a Câmara Municipal do Porto que se declarou firmemente ao lado dos trabalhadores e se apoiou neste tipo de estruturas); significa também que o brigadeiro Corvacho foi um inimigo das direitas fascistas descoberta e prisão de alguns responsáveis do E.L.P.) e que por isso a direita civil e militar decidiu abater .

Por outro lado, sublinha o M.E.S., graças às pressões populares e militares a grande maioria dos soldados que tiveram possibilidade de afirmar colectivamente a sua opinião, apesar da interdição dos militares conservadores, votou o regresso do brigadeiro Corvacho, o Conselho da Revolução decidiu o regresso de Corvacho, o que implicará necessariamente que virá com força para sanear e reprimir todas as manobras e manobradores de direita .

Entretanto, é este o momento escolhido pelo P.S. para promover uma manifestação contra o brigadeiro Corvacho.

Que pretende o P.S. com esta manifestação?»

. Conhecido o conservadorismo e mesmo o reaccionarismo da maioria dos oficiais do quadro do norte pretende o P.S. encontrar algum pequeno Pinochet para normalizar definitivamente a região militar?

. Pretende o P.S. que nos quartéis não se fale mais em ADU's e GDU's e a hierarquia seja cegamente respeitada?

. Que as sedes dos partidos de esquerda sejam assaltadas num ritmo ainda mais acelerado?

. Que o coronel Soares do Regimento de Infantaria de Braga que encorajou na sua área militar esses assaltos, seja enfim o comandante da Região Militar do Norte?

. O Partido Socialista deixou de ser a ponta de lança que abria o caminho às forças da direita e fascistas».

A finalizar o M.E.S. responde «O Partido traidor e social-democrata dito socialista irmão do mesmo que em 1919, na Alemanha, matou os grandes dirigentes operários Rosa Luxemburgo e Liebknecht) assumiu, finalmente, de forma clara e inequívoca, a direcção das forças contra-revolucionárias desde os terroristas do E.L.P., passando pelos fascistas do C.D.S. até aos neoliberais do P.P.D.».

MANIFESTAÇÃO DA FRENTE

Enquanto o brigadeiro Corvacho não regressou ainda às suas funções de comandante da Região Militar do Porto, encontrando-se ao que parece em Lisboa, afim de assistir hoje à reunião do Conselho da Revolução, a Frente de Forças de esquerda decidiu promover amanhã, às 19 e 30, na Praça de Humberto Delgado, no Porto, uma manifestação em tudo idêntica, nos seus objectivos, à efectuada ontem em Lisboa necessidade de dar uma resposta revolucionária à reacção fascista, à social-democracia e ao imperialismo. Entretanto, as organizações políticas de esquerda que assinaram a Plataforma 25 de Agosto emitiram um comunicado conjunto de apoio à acção desenvolvida pelo brigadeiro Corvacho no comando daquela região militar, o qual tem, segundo o texto, demonstrado a sua firmeza ao colocar-se ao lado dos soldados, dos trabalhadores, das comissões de moradores e de todos os órgãos de poder popular .

Por isso, alguns oficiais reaccionários tentaram afastá-lo do comando da Região Militar através de uma conjura que foi anulada pelo apoio maciço dos soldados e oficiais progressistas e de todas as organizações populares .

A finalizar, as organizações signatárias da Plataforma 25 de Agosto apelam para todos os trabalhadores, para todas as organizações populares, para todos aqueles que estão verdadeiramente interessados em acabar com a exploração capitalista, incluindo os próprios trabalhadores do P.S., para exprimirem o seu firme apoio a Eurico Corvacho, desligando-se revolucionariamente de todas as manobras postas em prática pelos dirigentes do P.S.».

COSTA GOMES: NINGUÉM QUER SOCIAIS-DEMOCRACIAS

«Confesso o meu reconhecimento , foram estas as primeiras palavras do Presidente da República, General Costa Gomes, ao falar para as muitas dezenas de milhares de pessoas concentradas defronte da sua residência, que ali foram para fazer avançar o poder popular como o preconiza a Frente Unitária Popular, por todas as manifestações que aqui se dirigem. É sempre uma prova de militância e de espírito de sacrifício ter connosco, portugueses que suportam horas de pé e palmilham quilómetros para demonstrarem a sua participação individual e colectiva no processo socializante em curso . O Presidente da República continuou, depois de todos termos ouvido gritos de abaixo a social-democracia , assim «Por razões que conhecemos o fenómeno reaccionário vai-se avolumando no País. Em minha interpretação, as causas profundas do fenómeno são já públicas. Para todos quantos com honesta e democrática intenção se opõem à reacção (palmas) vai a minha palavra amiga. Nesse sentido eu vos dirijo plenos agradecimentos (mais palmas). Temos problemas muito graves a resolver , acentuou noutra altura, dos quais sublinho três terminar a descolonização, vencer a batalha da produção e criar um clima de solidariedade e de tolerância entre todos os portugueses (o povo gritou «Abaixo a social-democracia»). Costa Gomes prosseguiu «Na descolonização muitas coisas correram bem, mas algumas correram infelizmente mal. Teremos de amparar centenas de milhares de irmãos trabalhadores. Nos retornados, muitos poucos foram exploradores que não necessitam ou mereçam o nosso auxílio ou apoio moral. Outro aspecto em que o nosso processo socializante contraiu grandes responsabilidades primeira interrupção é o da batalha da produção. Tem havido mais imaginação na necessária demolição de estruturas capitalistas que na reorganização de um sistema produtivo de transição para o socialismo. Teremos de trabalhar mais e produzir melhor, ser mais eficazes a construir e a produzir. Antes de terminar», afirmou quase por último, quero uma vez mais sublinhar que todos os portugueses nova interrupção) se devem sentir irmãos tolerantes e gritou-se: «Acção, acção contra a reacção). Não se constrói nenhuma sociedade baseada no ódio e na vingança. Todas as sociedades, para serem perduráveis, têm de se basear na humanidade e no amor ao próximo outra interrupção, esta de mais de cinco minutos com palavras dos manifestantes de permeio). E alguém gritou: «Tribunal revolucionário para julgar os pides» já». O Presidente da República continuou «Como referência final, creio que todos nos devemos unir em torno dos responsáveis para vencer as dificuldades que se avizinham. Esta unidade voluntarista e sem sectarismos é indispensável. A vossa Frente Unida é o primeiro exemplo nobilitante, mas só tomará dimensão nacional numa plataforma em que se incluem todas as outras forças políticas imprescindíveis (a maior das interrupções).

E, por fim, o General Costa Gomes «Para terminar, queria dizer-vos e afirmar-vos que ninguém quer sociais-democracias, mas o socialismo». E a multidão rebentou em aplausos. O Presidente da República retirar-se-ia do varandim quase de imediato

Escassos minutos depois da hora 19 e 30, o cortejo de manifestantes, constituído por milhares e milhares de pessoas e congregando militantes e aderentes de vários partidos nada menos que oito da Frente Unitária Popular , arrancou do Cais do Sodré, perfilado em ordem e com a participação de dirigentes do P. C. P. vimos José Vitoriano e Manuel Pedro , M. D. P. José Tengarrinha entre outros , F. S. P. João Ferreira, por exemplo , M. E. S. Ferro Rodrigues , L. C. I. Francisco Vale , L. U. A. R., P. R. T. e P. R. B.-B. R. Carlos Antunes e Isabel do Carmo . Em comunicado distribuído no próprio local, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, que na sua declaração de princípios defende a existência de uma frente revolucionária da classe operária e todos os trabalhadores, assinalava que a manifestação era uma acção fundamental de apoio ao V Governo e que o inimigo imediato é o perigo golpista que tenta limitar ou esmagar as nossas conquistas». A manifestação arrancou encabeçada por dezenas de marinheiros e soldados por isso, se outras razões não subssistissem, se gritou, também, Soldados, sempre, sempre ao lado do Povo) que, minutos depois se encontravam no Largo de Santos. A cauda do cortejo ainda não tinha partido do local da convocação. E, uma hora depois, muito próximo de Santo Amaro Alcântara , o aspecto do cortejo era já imponente, forte e persuasivo. Nas Janelas Verdes, pessoas apinhadas nas suas escadas vitoriavam os participantes da manif. . Eram, também, muitos os que aguardavam ensejo para nela se incorporarem. Bandeiras portuguesas e encarnadas, bem como cartazes e disticos alusivos às palavras de ordem e representativos das empresas que aderiram à convocação, nomeadamente a Lisnave, Setenave, Gulbenkian, TV, Eurofil, Sorefame, CDAP, Soda Póvoa, camionagem Esteves — «ao serviço do Povo Português , — Corame, Profabril, Marpril, Precix e muitas outras, além de comissões de moradores, trabalhadores, comissoes de bairro e assembleias populares, organizações espanholas dinamarquesas e alemãs, nomeadamente o Kommunnischer Bund e o seu cartaz referindo que Portugal não pode ser o Chile da Europa), seguiram garbosamente empunhados por manifestantes desde a Avenida 24 de Julho até à Avenida da India e, depois, Praça do Império — onde chegaram cerca das 22 horas e poucos minutos.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Nacional

UNIDADE SIM INDISCIPLINA NÃO

O plano revolucionário para fazer avançar o processo português já existia, desde que oficiais afectos ao Copcon avançaram com o «Projecto de Trabalho» para contrapor ao «Documento dos Nove». Faltava era uma base social, obtida através de uma ampla e decidida mobilização unitária entre as forças de esquerda. A Frente Unitária Popular veio resolver o problema.

A FUP surgiu providencialmente, numa hora em que a ruptura e a demarcação de campos a nível de poder não mais puderam ser escondidas nem superadas com medidas de emergência, quando o MFA deixou de ser aquela entidade impessoal, mística e romântica que fez a revolução dos cravos e que, erradamente, ao longo de mais de um ano foi apresentada ao povo como um todo coeso, soberano e inquebrável.

Com o surgimento da Frente Unitária Popular, foi também lançada a possibilidade de concretização e de definição prática do Poder Popular, aprovado pela Plano de Acção Política — PAP — e esclarecido e ratificado na Assembleia do Movimento das Forças Armadas, órgão representativo das bases, muito pouco disposto e deixar-se levar pelas ascolações e pelos compromissos cupulistas que as hierarquias militares têm vindo a deixar transparecer e que se traduzem na instabilidade e no nervosismo político-militar em que Portugal se debate há 50 dias.

A concretização e definição prática do Poder Popular, apoiado no necessário substrato social que a FUP tem condições de oferecer, será a resposta, na justa medida, às tentativa de isolamento do PCP e de cilindragem da esquerda revolucionária, que empurram as diversas organizações para uma situação estanque e igualmente isolada.

Estas tentativas serão tão mal sucedidas, na medida em que uma união entre a esquerda seja conseguida, efectivamente, debaixo de uma orientação de uma disciplina vereadeiramente unitária.

Factos como os que ontem aconteceram na manifestação da FUP, quando se pretendeu transformar o repúdio popular à violência que aumenta por todo o País e a afirmação de um filme propósito de ultrapassar revolucionariamente os avanços que a direita tem contabilizado nos últimos dias, em comício de apoio a certas posições e preferências partidárias, inclusive com desrespeito às palavras de ordem, anterior e unitariamente combinadas e com discursos que não estavam previstos, demonstram que os sete partidos signatários da «Plataforma de 25 de Agosto» deverão sentar-se mais vezes à mesa de reunião para exigir, de alguns participantes, disciplina e clareza de atitudes, sem as quais a plataforma afunda e a frente fica para trás.

Errados estiveram os militantes do PCP quando gritavam palavras de ordem próprias. Errado esteve o secretariado provisório da FUP quando, na qualidade de promotor da manifestação, consentiu os discursos não combinados com antecedência, sem tomar publicamente uma medida que denunciasse e procurasse suster as tentativas de manobra e de instrumentalização, que acabaram por transformar uma manifestação unitária contra a ofensiva da direita e da social-democracia, num comício de apoio ao Primeiro-Ministro e ao V Governo Provisório, facto que interessava particularmente a apenas um ou dois dos signatários do acordo.

A FUP, ao levar adiante o seu programa de acção na defesa dos interesses dos trabalhadores, surge com a única réplica capaz de fazer fente à «San a Aliança» formada pelo PS, PPD e CDS que nos últimos tempos, graças a uma desorgnização e aos diversos sectarismos que se pretenderam superados agora, tem vinso a cimentar posições, movida por um bem dirigida política divisionista, mentirosa, desestabilizadora, eleitoralista e traiçoeira. Mas esse programa só avançará, e a réplica só falará mais alto se houver disciplina revolucionária em vez de defesas de pontos de vista particulares.

A maior manifestação unitária que Portugal já assistiu depois do 1.º de Maio de 1974 saiu à rua num momento crucial para a Revolução Portuguesa, quando o povo corre o risco de pagar caro pelas conciliações, de ser mergulhado no sangue por um extrema-direita que perdeu a vergonha e que possui escudos protectores numa Assembleia Constituinte desvirtuada, quando as pressões internas e as chantagens internacionais sobem ao mais alto grau.

Lamentavelmente os seus objectivos somente foram atingidos entre o Cais do Sodré e Belém. LDurante a permanêccia na praça Afonso de Albuquerque, ficou claro que ainda existem pontos muito importantes para serem ajustados, sob pena das posições partidárias, individuais e sectárias sabotarem definitivamente o «Projecto de Trabalho» que todos dizem apoiar e ver cumprido.

Concretamente, isso é que é «fazer o jogo da reacção».

C.O.

A OCUPAÇÃO DA 5.ª DIVISÃO

Continuação da pág. 1

ocupação-operação militar. Testemunhas que afirmam terem alguns dos comandos envolvidos na manobra referido que foram acordados durante a noite e reunidos no refeitório, onde lhes foi dito pelo cor. Neves que «os comunistas estavam a ocupar a 5.ª Divisão e que seria feita uma operação para que isso fosse evitado».

Afinal, só lá havia militares...

Entretanto, um grupo de oficiais milicianos afectos à 5.ª Divisão elaborou uma informação dando conta dos factos ocorridos. Aí se chama a atenção para o facto de o Conselho da Revolução apenas ter suspendido as actividades e que tal não implicava a desmobilização do pessoal dos respectivos serviços mas apenas o início dos trabalhos de reestruturação.

Condenam também o carácter de ocupação dos comandos com desrespeito pelos mais elementares princípios de ética militar. Aqueles oficiais perguntam ainda «como se explica que decidisse o Copcon iniciar uma operação de «defesa» das instalações da 5.ª Divisão sem prévia consulta ao respectivo chefe?

Outras perguntas: «Como se explica também o espantoso aparato bélico de que se revestiu a operação? Terá isto a ver com qualquer demonstração de força? E a quem é que poderia a mesma servir? Ou terá servido como base para qualquer outra iniciativa?

«De quem terá vindo a ordem (se é que ordem houve...) desta operação, e porque foi ela comandada pela controversa figura do coronel Jaime Neves, que há bem poucos dias foi tão ligeiro em considerar como sendo da 5.ª Divisão o comunicado emanado do Copcon sobre o seu afastamento? (Até já os «erros» do Copcon convém atribuir à 5.ª Divisão...).

«Como se explica, ainda, que as forças ocupantes fossem constituídas por comandos regressados precisamente nessa madrugada de Angola?»

Depois de narrar os factos e questões relacionados com os comunicados de domingo passado (um da Presidência da República e outro da 5.ª) os oficiais sublinham:

«Das razões da suspensão e anulação dos textos mencionados, pela Presidência da República após a visita de Frank Carlucci, talvez a Presidência da República venha um dia a dar uma explicação; na certeza, porém, de que este grupo de oficiais milicianos da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. se recusa a ser o «bode expiatório» dos medos, receios e fantasmas de quem quer que seja.» Finalmente repudiam «qualquer conotação partidária deste órgão revolucionário do M.F.A., o que nunca impediu esses oficiais de dar o melhor de si próprios na colaboração do processo revolucionário, sobretudo na defesa dos interesses da classe trabalhadora».

Por outro lado os actuais ocupantes do Centro de Sociologia Militar não atendem as chamadas telefónicas. Tentámos esta manhã, sem êxito, entrar em contacto com os reponsáveis ali presentes. Levantam o auscultador mas não respondem.

AMEAÇA DA ÁFRICA DO SUL

Continuação da pág. 1

des que ainda lhes cabem na condução conjunta do país e protesta junto das autoridades militares da República Sul Africana para esta violação e agressão, exigindo, dessas autoridades, a retirada imediata de quaisquer efectivos militares que se encontrem abusivamente em território angolano.

PRIMEIRO JULGAMENTO POPULAR

Seis elementos das F.A.P.L.A. — braço armado do M.P.L.A. — foram ontem julgados por um tribunal popular de Luanda e executados.

O julgamento decorreu no bairro suburbano de Sabizanga, em Luanda, sendo os seis membros das F.A.P.L.A. acusados de violarem, roubarem e assassinarem onze pessoas. O tribunal popular pronunciou-se contra os réus, que foram fuzilados em público.

Mais tarde, o Estado-Maior General das F.A.P.L.A. publicou um comunicado em que chama a atenção de todos os militantes do M.P.L.A., sob a sua autoridade, para a necessidade de cumprirem, integral e conscientemente, as disposições contidas na lei da disciplina das F.A.P.L.A.» e reafirma, mais uma vez, que toda infracção a essa lei será punida com a justiça e com a rigidez que ela permite e que a gravidade do caso impuser».

A disciplinação e normalização da vida nas zonas controladas pelo M.P.L.A., nomeadamente em Luanda, foi igualmente realçada ontem, pelo presidente Agostinho Neto, durante um discurso proferido aquando de uma visita efectuada à área industrial da capital angolana. Vamos disciplinar todo o trabalho do porto — disse Agostinho Neto — de modo a que acabe o roubo de mercadorias; de maneira a que acabe o subtrabalho; de modo a que cada um trabalhe o período de tempo que lhe é determinado, acabando com a indisciplina na administração, para que cada um possa resolver os seus problemas domésticos com o vencimento que recebe, e a tempo. Devemos fazer tudo isto através das forças que são as comissões de trabalhadores, de modo a que Angola cresça cada vez mais.

OS E U A E OS REFUGIADOS ANGOLANOS

WASHINGTON, 28 — (F.P.) — Um porta-voz do Departamento de Estado reafirmou ontem que o facto dos Estados Unidos terem decidido ajudar as autoridades portuguesas a evacuar os brancos de Angola se deve a razões puramente humanitárias.

O porta-voz pretendeu responder, assim, às notícias publicadas pela Imprensa americana, segundo as quais Washington espera que a situação política se clarifique em Portugal e que um novo Governo seja nomeado em Lisboa, antes de consentir em conceder qualquer auxílio.

Contudo, segundo os observadores, embora frisando o carácter humanitário da iniciativa, o porta-voz não desmentiu directamente as referidas notícias.

Interrogado sobre rumores de que o embaixador americano em Lisboa, Frank Carlucci, havia tentado negociar a demissão do Primeiro-Ministro, Vasco Gonçalves, o informador do Departamento de Estado limitou-se a repetir que a participação americana era baseada em razões humanitárias, não políticas.

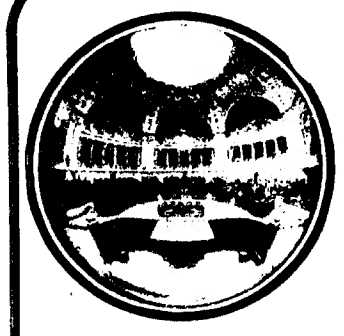
DOIS MORTOS

Dois jovens tiveram morte imediata em resultado de um choque de automóveis junto ao Autódromo do Estoril. Trata-se de Carlos Manuel dos Santos Gonçalves, de 24 anos e de Armando Ribeiro Dias Moleiro, de 22, que seguiam numa das viaturas.

Cinco ocupantos do outro carro deram entrada no Hospital de S. José, em estado grave.

SERÁ POSSÍVEL?

MARINHA GRANDE, 28 — Receando estar a seguir na lista dos assaltos que se têm vindo a verificar às sedes de certos partidos políticos e, sobretudo, que a vila seja teatro de acontecimentos tão graves como os que se verificaram ultimamente em Leiria, a C.A. desta vila enviou telegramas ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução, ao general Otelo Saraiva de Carvalho e ao comando da Região Militar de Coimbra, alertando-os contra esta hipótese e responsabilizando-os pela sua eventual concretização.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

"HABEAS CORPUS" PARA OS FASCISTAS

Já lá vão 22 artigos aprovados. Ontem foram mais cinco. O 18. sobre o Habeas Corpus (instituto legal que contraria o abuso do poder em caso de detenção ilegal) e que os pides e fascistas, também poderão invocar...assim o entendeu a maioria constituinte.

O 19. sobre o processo criminal. O 20. acerca do direito à identidade pessoal, ao bom nome e reputação e à reserva da intimidade da vida privada e familiar. O 21. sobre a inviolabilidade do domicílio e o sigilo da correspondência e dos outros meios de comunicação privada. O 22., finalmente, que trata da Informática e proibe a atribuição de um número nacional único aos cidadãos.

No período de antes da ordem do dia estiveram em foco o P. P. D. e a U. D. P.. No primeiro caso houve quatro intervenções dos pêpêdistas. A de Moura Guedes por exemplo que exigiu a Costa Gomes clareza, decisão e rapidez para optar pelo povo português e partidos políticos que realmente o representam C. D. S., P. P. D. e P. S., certamente ou pelo reduzido feixe de minorias iluminadas e paternalistas Frente Unitária Popular», talvez).

Américo Duarte da U. D. P. antes de atacar a Frente Unitária Popular afirmou que ela nunca poderá ser antifascista, patriótica e revolucionária) agitou-se na cadeira ao ser lida uma carta de oito emigrantes portugueses radicados na Holanda, que punham em causa a sua idoneidade política. Lida pelo secretário da mesa a carta dizia nomeadamente «reservamo-nos o direito de tornar pública a presente carta, por intermédio da Imprensa estrangeira, se medidas não forem tomadas para eliminar o patife do Américo Duarte da assembleia e para o seu internamento.

TRABALHADORES DA ASSEMBLEIA

Entretanto os trabalhadores dos Serviços de Informação e Relações Públicas da Constituinte deram conhecimento da deliberação seguinte tomada no passado dia 21:

Considerando: 1. — Que os trabalhadores contratados para apoio ao Diário da Assembleia Constituinte a prestar serviço desde o dia 3 de Junho, até hoje não receberam qualquer remuneração; 2. — Que os trabalhadores do quadro têm vindo a efectuar muitas horas extraordinárias sem direito a qualquer pagamento, apesar da utilização de horários especiais.

Os trabalhadores, reunidos em 21 de Agosto, decidem 1. — Interromper o trabalho às 20 e 30 de quarta-feira, dia 27, e dias subsequentes, à mesma hora, se até às 20 horas desse dia não houver uma resposta concreta e positiva de que o decreto relativo à resolução destes problemas se encontra para promulgação. 2 — Exigir que até sexta-feira, dia 29, seja feito um adiantamento nos quantitativos de 10 000$00 para cada leitor e 6 000$00 para cada dactilógrafa, a exemplo do que se verificou para os deputados.

Foi anunciado por outro lado, ontem, que os trabalhos foram prorrogados por mais 90 dias.

E. A.

Ora diga-nos

Forma de organização popular destinada a resolver, a nível de bairro ou de rua, alguns problemas fundamentais dos habitantes, as «comissões de moradores» terão um papel insubstituível a desempenhar na fase de transição para o socialismo. O processo está em marcha, e contam-se às centenas as comissões já existentes. E o leitor? Pertence a alguma comissão de moradores? Já existe alguma na zona onde mora? O breve rastreio a que procedemos mostra-nos que ainda há quem desconheça esta forma de organização popular...

Pertence a alguma Comissão de Moradores?

Manuel José da Silva, vendedor de jornais, 31 anos:

. Não faço parte. Lá no meu bairro há uma comissão de moradores, da Rua de São Paulo. Penso que seja perfeita por causa de uma coisa: Hoje há muita falta de moradias, e nestes bairros ainda se conseguem encontrar algumas. Fora de Lisboa saem carissimas, porque ainda temos de pagar transportes e outras coisas mais.»

. **Participou na eleição da comissão de moradores?**

. «No dia em que chamaram, que remédio, porque eu necessito também de uma morada, porque eu estou num quarto, a pagar 900 escudos.»

. **João Cidade Rebelo, ajudante de motorista, 31 anos:**

. «Eu por acaso não pertenço. Estão a organizar uma comissão de moradores lá no bairro onde eu moro, em Xabregas. Vejo utilidade nisso, porque há muitos assuntos a tratar, como por exemplo, comissões de obras. Pertenço a um grupo desportivo. Estamos neste momento a arranjar uma sede, e já fomos subsidiados pela comissão administrativa da junta. Vamos fazer uma sedezinha, para ajudar as crianças, com um ginasiozinho lá dentro.

«A comissão de moradores deve ter plenos poderes para organizar tudo o que seja preciso nos bairros e nos fogos.»

. **Vítor Manuel Rodrigues, vendedor, 36 anos:**

. «Moro em Odivelas, mas não pertenço à comissão de moradores. Há lá comissão, só é pena, quando foi das eleições... Houve lá um plenário, com 60 e tal indivíduos... quer dizer, há pouca assistência. Numa população de 100 mil habitantes, é pena que a comissão não faça os possíveis por levar mais gente. O plenário que eu vi com mais assistência devia ter aí à volta de 150 habitantes. Quanto a mim, acho que isso não é nada, nem se pode de maneira nenhuma eleger uma comissão de moradores assim. O mal é as tais cúpulas de partidos...

«Acho que essas comissões são necessárias, e até digo mais: deviam ser constituídas só por moradores, e não por proprietários de andares e prédios. Por exemplo, em Odivelas há indivíduos que são proprietários, e isso a nós não nos interessa.»

. **(...) empregado da construção civil, 38 anos.**

«Moro na Damais. Se há comissão de moradores, não conheço. Olhe, saio de manhã e venho à noite, pró meu trabalho, ganhar o meu, prós meus filhos.

Mas já ouviu falar numa comissão de moradores...

«Não senhor.»

. **Mas um grupo de pessoas que lá no seu bairro queira resolver os problemas principais...**

«Ninguém me tratou mal, também não tratei mal a ninguém. Saio de manhã e entro à noite...

Notícias de Castro Daire

. . Há muitos anos que no Verão o problema da água é sempre motivo de comentários e protestos por parte da população. Gastaram-se milhares de contos, dada a distância a que foi feita a captação. Os habitantes da vila ficaram contentes, certos que não faltaria o precioso líquido no Verão. Puro engano, pois sempre que se aproxima o Verão aí temos bichas nas fontes públicas a colherem a água que não têm em suas casas. Este é um problema que a comissão administrativa da nossa Câmara tem que resolver com muita urgência.

NOVO VETERINÁRIO

. . No tempo do fascismo foi posto a concurso, vários anos, o lugar de médico veterinário. Nunca ninguém concorreu. Agora em democracia a caminho do socialismo, sempre vamos ter autoridade sanitária que tanta falta tem feito ao nosso concelho. Será no próximo dia 1 de Setembro a sua posse.

ESTRADA DE RERIZ

. . A comissão administrativa da Câmara Municipal do nosso concelho em reunião extraordinária de 16 de Agosto, deliberou adjudicar a obra de rectificação e pavimentação da Estrada Nacional 228, que vai do cruzamento do chorinha à Ponte de Cabaços, pela quantia de 924.000$00 à firma Luís Fernandes e Filho, Lda., de Ponte de Lima.

ABASTECIMENTO DE ÁGUAS

. . Eido, povoação da freguesia das Monteiras, tem água para beber desde sábado. Os seus habitantes, com a ajuda da Câmara Municipal, que lhes deu a canalização, meteram ombros a este grande melhoramento, pois não tinham água para consumo. Todos os habitantes trabalharam neste grande empreendimento, pois tiveram de abrir uma rota na extensão de 500 metros.

SALDOS

SAPATARIAS

BAMBI

SALDANHA — AV. DE ROMA
RUA TOMÁS DA ANUNCIAÇÃO
AV. COMBATENTES — ALGÉS

SÓ 15 DIAS

PREÇOS EXCEPCIONAIS

XX CONGRESSO BRASILEIRO DE ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA

De 14 a 19 de Setembro no RIO DE JANEIRO
Data da viagem: 13 a 25 de Setembro
Preços desde Esc.: 20.150$00

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA DA AGÊNCIA ABREU

Em colaboração com a SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA

Informações e inscrições na Av. da Liberdade, 160
Telef. 32 00 21

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

TOTAL DA CARTEIRA DE DEPÓSITOS:
Em 31/Dez.º/1974... 60,3 milhões de contos
Em 31/Julho/1975... 65,5 milhões de contos

*

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
continua a pagar 9,5% aos depósitos
a prazo superior a um ano.
Com a garantia do Estado.

*

O dinheiro parado não ajuda a ninguém.
Ajude-se a si mesmo e ao novo Portugal
aplicando inteligentemente
as suas economias, com a segurança total.
Ganhe por dois lados:
faça crescer as suas poupanças
e colabore na reconstrução do País,
que é outra forma de cobrar
benefícios para si.

GANHE 9,5% AO ANO

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

Nacional

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

CCT PARA O SECTOR DOS FABRICANTES DE MATERIAL ELÉCTRICO

TRABALHADORES:

Embora, aguardando ainda publicação para breve no Boletim do Ministério do Trabalho daremos a seguir as tabelas salariais acordadas para o Sector de Material Eléctrico, com efeitos retroactivos desde 1 de Março de 1975 e a vigorar até 1 de Março de 1976.

Lisboa, 26 de Agosto de 1975.

A DIRECÇÃO

TABELA SALARIAL

CATEGORIAS	TABELA ANTERIOR	TABELA ACTUAL
Analista de Sistemas Chefe de Serviços	— —	11 500$00
Secretário Chefe de Secção Guarda Livros Programador Mecanog.	10 000$00 10 000$00 —	10 750$00
Escriturário Principal Correspondente L. E.	9 000$00 9 000$00	9 500$00
1.º Escriturário Ajudante Guarda-Livros Caixa Operador Mecanográfico	8 400$00 8 000$00 8 000$00 8 400$00	9 000$00
Operador de Telex Esteno-Dactilóg. L. E.	8 400$00 8 000$00	8 600$00
Operador Máq. Cont. Escr. 2.º Escriturário Perf. Verif. Mecanogr. Esteno Dactil. L. P. Correspondente	7 200$00 7 200$00 7 200$00 7 200$00 7 000$00	8 000$00
Reprod. de Documentos	6 500$00	7 000$00
3.º Escriturário Dactilógrafo	6 000$00 5 500$00	6 600$00
Estagiário de 2.º e 3.º anos	5 000$00	5 700$00
Estagiário do 1.º ano	4 200$00	5 200$00

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PORTARIA DE ORDENADOS MÍNIMOS

REVISÃO

O **ANTEPROJECTO DE REVISÃO DA PORTARIA DE REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO PARA TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO**, (POM) encontra-se já à disposição de todos os trabalhadores de escritório que não têm contratos ou acordos colectivos regulando o seu ramo de actividade.

Convocam-se, portanto, todos os Colegas por ela abrangidos para se dirigirem ao Sindicato, à SECÇÃO DE APOIO A DELEGADOS SINDICAIS, de modo a obterem exemplares deste Anteprojecto de Revisão.

PELA REVISÃO DA P. O. M. — lê, discute, dá-nos o teu parecer!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 26 de Agosto de 1975

A DIRECÇÃO

VILA FRANCA APOIA A FRENTE

..Condenando as dicussões e manobras de gabinete entre oficiais superiores e a falta de informação ao povo português, as comissões administrativas das juntas de freguesia e da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira divulgaram um comunicado no qual reclamam «o respeito efectivo e imediato da assembleia do Movimento das Forças Armadas como órgão máximo e soberano do poder revolucionário, devendo cessar imediatamente as reuniões cupulistas e reunir-se imediata e soberanamente aquela assembleia; condenam «o desrespeito verificado nas últimas semanas pela soberania da assembleia do M. F. A., as dicussões e manobras de gabinete entre oficiais superiores e a falta de informação ao povo português, que só reconhece o M. F. A. como órgão representativo no seio das Forças Armadas (em nome dos trabalhadores do concelho, a quem servem, decidiram manifestar a mais veemente reprovação pelo facto de se consentir que Portugal tenha oscilado, nos últimos dias, entre o regresso ao fascismo e o avanço da revolução, na plena ignorância e até desinformação de grande massa do povo português, quando é a vida e o futuro dos trabalhadores que tem estado em jogo, quando tudo se pode arriscar num ápice, no silêncio e na surpresa)», e saúdam a perspectiva revolucionária de aproximação entre o Programa do V Governo (defender a revolução) e o documento de oficiais do Copcon como grande via de forjar a unidade de todos os revolucionários, civis e militares e de fazer avançar irreversivelmente a Revolução», apoiando a formação da Frente de Unidade Popular.

CCT SECTOR DE DESPACHANTES OFICIAIS

A TODOS OS TRABALHADORES

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este CCT para uma assembleia com a seguinte ordem de trabalhos:

— **Informações sobre o final das negociações do CCT.**

A reunião realiza-se no dia 29, pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46 - 1.º

A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

NÃO FALTES!

Os Sindicatos signatários do CCT

BROTHER

MÁQUINAS DE TRICOTAR

uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO

R. Rodrigues Sampaio, 193
Telefone 20238 — PORTO

Em Lisboa: R. dos Anjos, 21-A Telefone 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

O reporter de serviço

PEDRO ALVIM

VOMITAR A CONTRA-REVOLUÇÃO

..Por uma destas noites de calor, com o ar muito parado e o rio como uma estrada de asfalto, encontrava-me eu em Algés, numa cervejaria, a moer lentamente um marisco fresco, quando um homem entra por ali dentro, de camisa toda aberta, fortes cabelos, e se dirige ao balcão e pede uma cerveja gelada.

.Serve-o o empregado, muito mole nos gestos, e o recém-chegado, num gesto súbito, entorna o líquido nas entranhas como quem deseja apagar um fogo estranho que há muito tempo o consume.

.Não sei bem porquê talvez o aspecto um tanto exótico do homem, o seu ar de quem tinha vindo ali para se aguentar na vida, isto e mais quilo) a verdade é que toda a gente tinha suspendido as conversas, ou baixado o tom de voz, e o observava com os olhos muito miudinhos e os narizes muito espetados.

.Bebida a cerveja, tão gelada que o copo tinha suores no vidro, o homem virou-se para o empregado, a limpar os lábios com as costas da mão, e disse-lhe

«Dê-me agora um copo de água vinda do frigorífico.»

..Mais se apurou a atenção dos presentes — e as bocas foram-se abrindo lentamente de espanto... E mais abertas ficaram quando o homem, num gesto soberbo, pediu um sorvete. Um sorvete grande, um Everest em miniatura, que de tão frio até partia os dentes.

.«Há fogo naquele homem. Fogo que ele pretende apagar? Tornar em cinzas dentro do estômago? Nas veias, no coração?» — E com estas considerações me fiquei a ver o desconhecido a abandonar lentamente a cervejaria, camisa aberta no peito, cabelos fortes, ar de quem avança para uma vitória qualquer.

.Já na rua a noite muito quieta, o Tejo uma estrada de asfalto..., o homem encostou-se a uma árvore e começou a cantar uma canção quente. Uma canção que se foi desenvolvendo, desenvolvendo, até tornar a cerveja gelada em cerveja quente, a água gélida em água morna e o sorvete numa pasta derretida pelo calor. Em resumo: aquele homem de camisa aberta sabia absorver a contra-revolução gelada, vomitá-la também e da boca dele estava saindo naquele momwento toda uma revolução fraternalmente calorosa...

Jornalistas do Norte contra agressões de camaradas em serviço

..As agressões de que têm sido vítimas alguns dos jornalistas em serviços de reportagem, sobretudo no Norte, levaram a delegação daquela região a tomar posição face às mesmas sob forma de comunicado.

.Os dois pontos aprovados no documento que nos foi enviado referem, designadamente: «São vários os casos de agressões a jornalistas em serviço. Os mais recentes verificaram-se na Póvoa de Varzim durante um comício do C. D. S. e numa concentração, no Porto, apoiada por várias organizações, entre as quais o P. C. P. e o M. D. P./C. D. E. O alvo, no primeiro caso, foram dois jornalistas do Jornal de Notícias e, no segundo, dois elementos da Televisão da Alemanha Federal. O outro ponto assinala «A delegação do Norte do Sindicato dos Jornalistas, com base nos elementos de que dispõe no momento não pode deixar de condenar firmemente tais atitudes e de se solidarizar com as vítimas das cobardes agressões. Ao mesmo tempo, esta delegação quer salientar claramente que os jornalistas não poderão continuar a ser pretexto para qualquer ajuste de contas. A maioria dos jornalistas portugueses não ignora que a fúria popular contra certos processos «de informação é fundamentada em bases concretas, aliás conhecidas. A maioria dos jornalistas portugueses demonstrou, ao eleger os actuais corpos gerentes do seu sindicato, estar firmemente decidida a lutar por um jornalismo ao serviço do povo, um jornalismo aberto a todas as correntes democráticas e antifascistas, aberto a todas as forças que não caluniem as lutas da classe operária e demais trabalhadores pela sua total emancipação e pela independência nacional.»

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

Nacional

MACAÍSTA MALHEIROS AO "DL"

"Garantir uma situação saudável à indústria não desfavorecendo o sector agrícola"

Assegurar o abastecimento interno, mas não «a qualquer preço», eis como se pode definir a linha de actuação do Ministério do Comércio Interno, segundo palavras do próprio ministro, dr. Macaísta Malheiros, em declarações ao «DL».

«A situação é, como toda a gente sabe, muito grave, com deficiências no plano de distribuição. Temos um clima inflacionista, comum a todos os países da Europa capitalista. Torna-se, portanto, necessário organizar e administrar o sector do comércio interno de maneira a reduzir as tensões inflacionistas e a continuar a garantir o abastecimento», disse-nos o titular daquela pasta, que acentuou ainda a grande ligação existente entre o seu Ministério e o da Agricultura, principal fornecedor dos bens essenciais de consumo. Esta «ligação» estende-se ainda à necessidade de se encontrar um justo «equilíbrio» entre os sectores agrícola e industrial, o que impôs a definição de uma «política de intervenção» que o Ministério do Comércio Interno define em duas direcções paralelas: por um lado, garantir uma situação «saudável» à indústria; por outro, garantir que se não verifique um certo desfavorecimento da agricultura, traduzido, por exemplo, num abaixamento dos preços dos produtos agrícolas e numa subida da produção industrial. «Insere-se neste **dispositivo de intervenção** a recente diminuição, em termos diferenciais, do preço dos adubos, medida que visou, essencialmente, proteger os médios e pequenos agricultores», disse o ministro Macaísta Malheiros.

TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

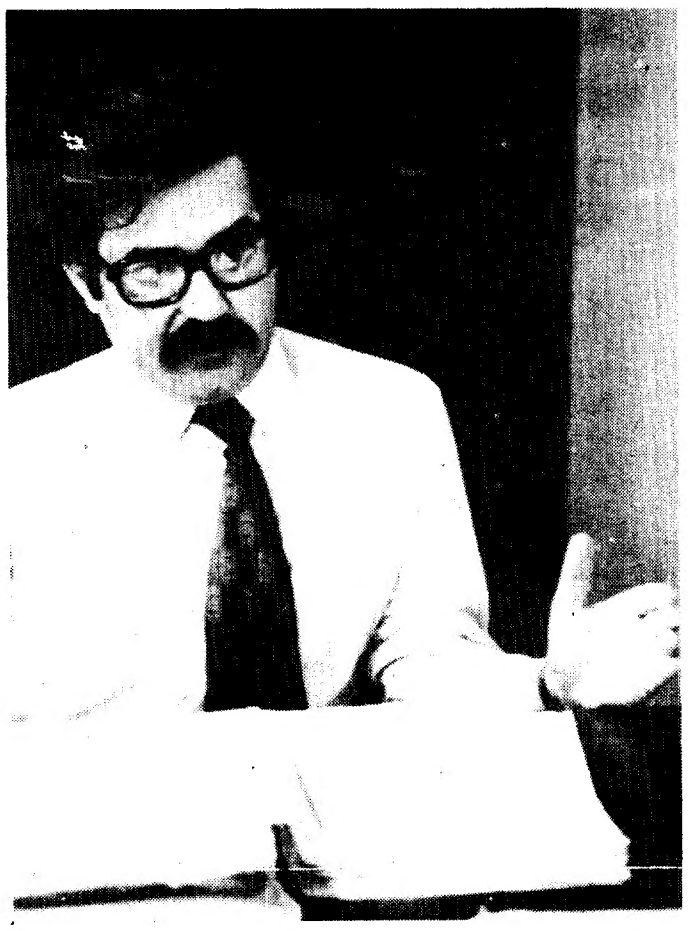
Segundo revelou o ministro do Comércio Interno, não é de prever que a intervenção do sector estatal, na zona de influência daquele departamento governamental, atinja uma «grande amplitude» nesta primeira fase de «transição para o socialismo». No entanto, «uma parte que nos parece importante, pois tem um aspecto político relevante, liga-se ao problema da austeridade», disse o dr. Macaísta Malheiros, acrescentando: «há que fazer uma política de alteração (modificação) dos consumos, sobretudo no que diz respeito aos bens supérfluos, ligando-se isto intimamente à política de comércio externo».

Neste campo, «teremos de encarar a hipótese de fazer restrições à importação de bens de consumo, pois se não reduzirmos a entrada dos supérfluos acabaremos por ter de reduzir a importação do essencial», disse ainda. Este problema, contudo, continua dependente do Conselho de Ministros, o qual terá de se pronunciar em breve sobre a adopção da política geral de austeridade, já publicamente ventilada.

No entanto, a «austeridade não pode ser tal — frisou o ministro Macaísta Malheiros — que vá reduzir o já baixo nível de vida dos portugueses: austeridade para o supérfluo, não para o produto de consumo imediato. Há que operar uma revolução cultural — frisou — que termine com os padrões de consumo inerentes às sociedades capitalistas industrializadas: reduzir os consumos típicos da burguesia e incrementar a produção interna por forma a que o consumo popular seja, por seu turno, um estímulo à produção».

PEQUENOS E MÉDIOS COMERCIANTES

Embora, na opinião do ministro do Comércio Interno, Portugal seja, neste momento, um



dos poucos países do mundo que, embora à custa de grande dispendio de divisas, usufrui de uma situação estável no que respeita ao abastecimento interno, as medidas que se impõe adoptar obrigam a repensar a situação dos pequenos e médios comerciantes e a eliminação dos intermediários inúteis.

«Não nos podemos esquecer que os pequenos e médios comerciantes têm um importante papel a desempenhar no campo do abastecimento, sobretudo do interior do País, onde são eles que asseguram o fornecimento de géneros às aldeias, constituindo uma ajuda preciosa no campo da distribuição».

Há, porém, que «distinguir o pequeno e médio comerciante de uma classe totalmente distinta que é a do intermediário inútil, o qual, não dando qualquer contributo para o circuito comercial nem prestando quaisquer serviços, se limita a ter uma comissão ou a obter ganhos pela manipulação dos preços ou do abastecimento. Para acabar com os intermediários inúteis, prevê-se o desenvolvimento de empresas públicas de comercialização que assegurem margens de lucro razoáveis ao grossista e ao retalhista, sem permitir a existência de outros intermediários.

«Neste momento, existem já organismos deste tipo, como sejam a Junta das Frutas, a Junta dos Pecuários, a Junta Nacional dos Vinhos, que desempenham funções de comercialização: compram à produção, armazenam e procedem à venda. Ao actuarem desta forma, estes organismos limitam já os intermediários e o seu desenvolvimento e correspondente implantação em moldes empresariais, acabará por originar a extinção total daqueles». Neste momento as Juntas têm uma função reguladora, comprando o produto na altura em que existe em abundância e deixando-o depois escoar, consoante as necessidades do mercado.

BAIXA DE PREÇOS

«O problema da baixa dos preços dos produtos, sob o ponto de vista do comércio interno — declarou ao **DL** o dr. Macaísta Malheiros — deriva muito do preço dos produtos agrícolas. É preciso não esquecer que temos de remunerar muito melhor o produtor agrícola, sobretudo o pequeno e médio produtor. Para nós, a política de preços não pode ignorar este factor. Não podemos pensar que vamos tornar a vida barata para as pessoas da cidade em prejuízo do campo. A nossa política é prioritária no que respeita ao campo, pois é ali que a produtividade pode ser mais facilmente aumentada».

Outro factor que intervem numa política de preços, e o da fiscalização. Neste campo, o Ministério do Comércio Interno optou pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento da «máquina» herdada. A participação do próprio consumidor, contudo, tem uma influência considerável no processo.

DESCOLONIZAÇÃO NÃO CAUSA PROBLEMAS

Ao contrário do que em certos círculos se pretendeu fazer crer, o processo de descolonização, já concretizado com as independências da Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Mocambique, não provocou qualquer agravamento no abastecimento interno do País. O único reflexo assinalável, regista-se actualmente com o café, reflexo este que é uma consequência da evolução dos acontecimentos em Angola. Quanto ao açúcar, com o qual se regista uma situação instável, o problema não tem qualquer relação com a descolonização, podendo resolver-se com a instalação em Portugal de uma fábrica de aproveitamento da beterraba. Trata-se, aliás, de um dos aproveitamentos que derivarão do projecto do Alqueve, o qual irá permitir a irrigação de uma vasta zona para o cultivo daquele produto agrícola.

Atenção aos preços dos cereais e do queijo

Do Ministério da Agricultura e Pescas recebemos um comunicado no qual se recorda que entre as medidas tomadas pelo Governo no âmbito da Reforma Agrária, figuram tabelas de preços dos cereais para a campanha de 1975. Para informações concretas sobre estas tabelas podem os produtores dirigir-se a qualquer dos seguintes organismos: Comissões Liquidatárias dos Grémios da Lavoura; Ligas de Pequenos e Médios Agricultores; Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas; organismos regionais do Instituto dos Cereais; centros regionais da Reforma Agrária; Serviço de Apoio e Desenvolvimento Agrário (FABA).

Por sua vez, o Ministério do Comércio Externo, que fixou o preço máximo do queijo flamengo, quer de origem nacional, quer de origem estrangeira em 75 escudos por quilo, vem alertar os consumidores que todo o desrespeito à venda de queijo daquele tipo com mais de 45 por cento de gordura ao preço fixado constitui crime de especulação. Qualquer anomalia verificada pelos consumidores no comércio de tal produto deverá ser comunicada à DGFE, na Avenida Duque de Ávila, 139, telefone 560101.

Transportes: 38 empresas nacionalizadas

A folha oficial de hoje publica o decreto que nacionaliza o grupo de camionagem Esteves. A decisão fora tomada no dia 4 deste mês pelo Conselho de Ministros, na linha de uma política de controlo dos sectores básicos da economia pelo Estado colocada ao serviço das classes trabalahdoras».

Do grupo Esteves faziam parte 38 (trinta e oito) empresas. O diploma enumera-as e diz que elas vão ser integradas na Rodoviária Nacional, com a gerência a cargo de comissões administrativas a nomear pelo Conselho de Ministros.

O Estado pagará às entidades privadas titulares de acções no grupo ora nacionalizado uma indemnização a definir até ao fim do ano corrente.

EMBAIXADA EM KINSHASA: 27 PESSOAS

Vinte e sete pessoas integram o quadro de pessoal da Embaixada de Portugal Kinshasa, decide uma portaria ainda emanada do gabinete de Melo Antunes em 4 de Junho e hoje a lume no «Diário do Governo». Do quadro de pessoal fazem cinco escriturários, um motorista, um porteiro, quatro contínuos, dois guardas, um jardineiro, três serventes e cinco empregados.

É preciso mais sangue nas geleiras dos hospitais

Conforme nota do Instituto Nacional de Saúde, diminuiu substancialmente o número de operações adiadas e de doentes cujo tratamento foi atrasado por falta de angue. Depois da grave crise de escassez de que os jornais se fizeram eco, tal fenómeno tem vindo a verificar-se gradualmente. «É assim — continua a nota do I.N.S. — que, enquanto na semana de 21 a 27 de Julho o número foi de 421, na última semana, o número de operações adiadas e de doentes cujo tratamento foi atrasado não foi além de 38».

Acrescenta-se porém: «não nos iludamos a tal respeito, porque se é certo que as carências diminuiram de certo modo, por outro lado, a média diária de sangue entrado nas geleiras dos vários estabelecimentos hospitalares baixou também nas últimas cinco semanas até 53,5 litros, que é o valor registado no período a que se refere este boletim. Daí a necessidade de estarmos atentos e os dadores na disposição de acorrerem aos hospitais a fim de darem o seu sangue, já que as necessidades irão, inevitavelmente, surgir, com o retorno à actividade normal, depois do período de férias.

P.C. PROTESTA CONTRA GOVERNADOR MILITAR DOS AÇORES

À semelhança do que aconteceu noutras zonas, também na Horta (Açores) foi atacado um Centro de Trabalho do Partido Comunista.

A propósito, diz o texto do P. C.: «Fazendo uma mobilização repentina, demagógica, e forçada, os reaccionários exigiram a suspensão da actividade do nosso Partido na Ilha, o encerramento do nosso centro de trabalho na Horta e o afastamento de alguns dos nossos camaradas».

Entretanto, face aos acontecimentos, é recebida na Horta «uma comunicação do Comando Militar dos Açores, dando instruções para que as exigências dos reaccionários e separatistas fossem aceites».

E o texto do P. C. acrescenta: «Foi após esta comunicação que a reacção atacou o C. T. do nosso Partido e destruiu o seu recheio».

No entanto, os militantes do P. C. «têm recebido muitas provas de solidariedade da população do Faial e de diversos sectores de opinião. A sua segurança pessoal não está ameaçada».

Face a esta situação, o P. C. enviou ao Governador Militar dos Açores, general Altino Magalhães, um telegrama em que protesta energicamente contra as medidas que considera antidemocráticas decididas para a Horta por aquele Governador Militar. «Nem segurança de vida pode ser pretexto» — afirma o telegrama do P. C. que acrescenta: «Pedimos respeito direito portugueses habitarem território nacional e defesa ordem democrática».

Rastreio visual para condutores

A Associação Portuguesa de Prevenção Visual está a efectuar até ao dia 19 de Outubro, a nível nacional, uma campanha de rastreio visual para condutores, a qual terá a colaboração da Direcção-Geral de Viação.

Objectivo: a criação de verdadeiras condições de segurança na estrada.

Nova sede dos Farmacêuticos

A sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, passa a funcionar, a partir do próximo dia 1 de Setembro, na Av.ª Joaquim António de Aguiar, n.º 66-3.º esquerdo, encontrando-se neste momento encerrada para obras de instalação.

Nacional

LEIRIA

A PAZ VOLTA À CIDADE. MAS QUE PAZ?

LEIRIA, 28 — Pronto, acabou-se: à quarta noite de assaltos sucessivos, o ódio e a intolerância ganharam a batalha nesta cidade em que os homens deveriam poder falar olhando-se frente a frente.

O Centro de Trabalho do P.C. foi finalmente saqueado por uma turbamulta que, acusando os militantes do partido de «ladrões», não hesitou em «roubar» o que lhes pertencia e que, aos gritos de «assassinos» e de «bandidos», não hesitou em assaltar-lhes a casa num acto de autêntica banditagem.

A notícia dá-se em poucas palavras: esta madrugada o Centro de Trabalho do P.C. desta cidade foi invadido por indivíduos que, uma vez dentro das instalações, atiraram para a rua os móveis e documentos que encontraram enquanto outros, na rua, acendiam gigantescas fogueiras semelhantes às que têm, ultimamente iluminado tantas cidades deste pobre país que passou do negrume da noite fascista para uma noite a que o clarão das fogueiras não tira o negrume, se é que o não torna ainda mais evidente.

Dada assim, porém, a notícia fica incompleta. Para se compreender o que se passou ontem em Leiria, há que recordar as três noites que antecederam o assalto final, há que rever os clarões das fogueiras ateadas no Largo da Sé, há que lembrar a noite de antes de ontem em que vidas, consciências e haveres correram riscos gravíssimos.

OS ANTECEDENTES

A primeira tentativa de assalto à sede do P.C.P. teve lugar na noite de 24 para 25 deste mês, quando cerca de 200 indivíduos tentaram penetrar no edifício obrigando elementos militares do RALL a disparar rajadas de metralhadora e a lançar granadas de gases lacrimogéneos para evitar que eles conseguissem os seus intentos. Verificando que lhes era impossível romper as barreiras formadas pelos militares, os assaltantes estenderam-se ao longo do muro do jardim e passaram a primeira parte da noite a apedrejar os soldados que se encontravam na Rua do Liz. A meio da noite, porém, mudaram de táctica: sabendo que não havia militares no Largo da Sé, assaltaram a sede do M.D.P. e saquearam-na completamente ateando fogueiras gigantescas na via pública. De tudo isto deu o «Diário de Lisboa» notícia em devido tempo mas nada do que se passou nessa noite se pode comparar ao que se passou na noite de 25 para 26 de Agosto.

Nessa noite uma multidão incomparavelmente mais vasta do que a da véspera, voltou a reunir-se no Largo do Parque Infantil para uma nova tentativa de assalto ao Centro de Trabalho do P.C.P. Desta vez os assaltantes nem ganharam nem perderam a batalha porque se é certo que não conseguiram os seus intentos, é igualmente certo que conseguiram fazer alastrar o combate às ruas da cidade obrigando os militares a dispersarem-se e a empenharem-se em combates isolados que os levaram a recorrer às armas várias vezes durante a noite. Como noticiámos, foram atingidas pelas balas vários estabelecimentos comerciais, as delegações de dois bancos e um café. Pior do que tudo isso, porém, foi que uma destas rajadas causou a morte de um indivíduo e que, no decorrer dos combates, ficaram feridas dez pessoas das quais algumas em estado grave. Uma delas, o operário da construção civil José Ivo Gomes Perneta, de 21 anos, casado, residente na cidade, ferido por um cartucho de caça numa perna, foi transferido para o hospital da Universidade de Coimbra onde ainda se encontra internado, sem que se tenha, porém, agravado o seu estado de saúde, ao contrário do que se noticiou esta manhã.

A noite de 26 para 27, foi ainda mais negra do que as anteriores. Os assaltantes que há dias vinham afirmando não estarem dispostos a que «a coisa falhasse em Leiria», voltaram a reunir-se em frente do Centro de Trabalho do P.C.P. para, depois, dispersarem pela cidade onde atacaram e saquearam as sedes do M.E.S., da L.C.I. e da F.E.C. (m-l).

Não contentes com isto, grupos perfeitamente organizados assaltaram ainda, durante a noite, os escritórios dos advogados José Vareda e Guarda Ribeiro, figuras proeminentes do M.D.P., destruindo tudo o que encontraram à mão, enquanto nas ruas da cidade, outros inimigos da «roubalheira» e da «ditadura», incendiavam automóveis de militantes do P.C.P.

A situação foi-se agravando cada vez mais até que os militares, numa última tentativa de serenar os ânimos cada vez mais exaltados em frente da sede do P.C.P., resolveram evacuar o edifício, transportando os militantes que nele se encontravam para a Marinha Grande.

Durante esta evacuação, os assaltantes apedrejaram as viaturas militares numa tentativa vã de atingir os militantes que seguiam para a Marinha Grande. Em termos muito objectivos, há que referir as circunstâncias exactas em que a evacuação teve lugar. Os defensores do Centro de Trabalho — e não importa, aqui, que este centro fosse do P.C.P. porque fariamos o mesmo relato se ele fosse de qualquer outro partido — encontravam-se isolados do exterior. Por motivos que ainda não foi possível determinar, estavam impedidos de receber chamadas telefónicas e de saber, portanto, o que se passava na cidade. O que sabiam, porque não podiam deixar de ver pelas janelas, é que alguns dos assaltantes se dirigiam para as traseiras do edifício transportando latas de gasolina e que alguns deles já conseguiam provocar focos de incêndio que eles iam apagando como podiam. Nestas circunstâncias, não tiveram outro remédio senão ceder quando os militares presentes os puseram perante a seguinte alternativa: ou abandonavam o edifício, ou teriam de se defender pelos seus próprios meios, já que não era possível defendê-lo militarmente. Três das militantes presentes foram transportadas num automóvel particular de um oficial que se ofereceu para isso, sem qualquer escolta e foram vaiadas à entrada para o carro que foi alvejado pelos atacantes, tendo o oficial sido atingido por um tiro numa mão.

Entretanto, para evitar que o conflito se agravasse ainda mais, barreiras militares impediam que militantes e julgamos que assaltantes de outras localidades, entrassem na cidade para engrossar as fileiras dos seus respectivos grupos.

OS ACONTECIMENTOS DESTA MADRUGADA

Pouco, ou nada, há a acrescentar ao que dissemos no início desta notícia. A meio da tarde de ontem não era segredo para ninguém que a sede do P.C.P., agora abandonada e indefesa, ia ser objecto de um novo ataque. Diga-se, de passagem, que a meio da tarde o clima era de tensão porque havia quem andasse à procura dos militantes mais conhecidos do partido e que muitos deles não tiveram outro remédio senão refugiar-se em casa. De madrugada, o que todos esperavam aconteceu: uma multidão excitada e visivelmente a «ultimar» os incidentes que há dias perturbavam a cidade, juntou-se no Largo do Parque Infantil. Pouco depois, o céu de Leiria reflectia as labaredas das fogueiras que agora, como tempo da inquisição, parecem satisfazer o ódio de certas camadas populacionais mais dadas à destruição e à morte do que à convivência humana.

E é tudo. Com o saque do P.C.P. de Leiria, é de prever que a paz tenha voltado à cidade. Mas... que paz?

Timor

MISSÃO PORTUGUESA SEGUIU PARA ATAURO

DARWIN, Austrália, 28 — (R. — Uma missão de paz do Governo Português partiu hoje de avião de Darwin para a metade oriental da ilha de Timor, numa tentativa para acabar com a sangrenta guerra civil naquela colónia.

A missão, que viaja acompanhada pelo presidente asiático da Cruz Vermelha Internacional, Anore Pasquier, seguiu a bordo de um avião DC-3 da Força Aérea australiana, que se dirige para a pequena ilha de Ataúro, cerca de 30 km ao largo de Dili, onde as autoridades portuguesas estabeleceram o seu Governo, após abandonarem a ilha principal.

O chefe da missão portuguesa, dr. António de Almeida Santos, antigo ministro da Coordenação Interritorial, viajava ainda de Lisboa para Darwin no momento desta partida. Espera-se, no entanto, que siga imediatamente de avião para Ataúro, após desembarcar em Darwin.

O consul geral português na Austrália, dr. José de Melo Gouveia, não seguiu também neste avião, julgando-se que espere o dr. Almeida Santos para o acompanhar até Ataúro.

Quando prosseguiam diligências para acabar com a carnificina no território, um pequeno navio de evacuação, o MacDili, com 750 refugiados a bordo, entrava lentamente no porto de Darwin, após ser submetido a uma barragem de fogo em Dili.

Entretanto, as autoridades indonésias em Jacarta confirmaram a chegada ao largo do porto de Dili, de três navios de guerra indonésios. Segundo aquelas autoridades, os barcos, incluindo um contra-torpedeiro, foram enviados para ajudarem a evacuar refugiados do Timor português.

O consul indonésio em Dili, Tomodok, decidiu permanecer na cidade. Cerca de duzentos refugiados, incluindo pessoal do consulado da Formosa, estão abrigados no edifício do consulado indonésio, situado no meio da cidade.

Um deputado indonésio, dr. Chalik Ali, do Partido Unido Indonésio, pediu hoje ao Governo para agir firmemente a fim de evitar que o território caia em poder das forças da Fretilin, um dos três movimentos nacionalistas rivais que lutam no território.

CINQUENTA CAÇADEIRAS ROUBADAS NA MALVEIRA

Faltavam vinte e cinco minutos para o encerramento da espingardaria de José de Matos Gonçalves (Herdeiros), na Malveira, quando entraram os cinco homens armados de FBP que roubaram cinquenta caçadeiras.

A operação decorreu num curto espaço de tempo não tendo sido possível oferecer resistência aos assaltantes. No estabelecimento, além dos cinco empregados encontrava-se um freguês e um amigo da casa. Ontem, tinham chegado vinte armas novas parte das quais foi levada para um «morris Marina» de matrícula só em parte conhecida — EL-06- — que fugiu em direcção a Lisboa com as ciquentas caçadeiras.

Junto da espingardaria roubada, na estrada da Malveira, localizam-se uma fundição, uma fábrica de louças e várias moradias. O centro da Malveira fica apenas a meio quilómetros. Na noite passada, a G.N.R. local procedeu à vigilância do estabelecimento esperando-se a todo o momento que chegue a Polícia Judiciária. Até ao presente, não foi detectada qualquer pista que permita a captura dos assaltantes.

Um empregado do estabelecimento com quem contactámos, informou que o alarme para a Polícia das imediações fora dado imediatamente após o roubo mas alguns dos populares que a essa hora regressavam para a Malveira afirmaram que não se tinham apercebido de qualquer alteração à normalidade como a ocorrência justificava.

Na actual situação, um roubo de armas reveste-se de um significado muito especial que requer uma vigilância cerrada uma vez que aqueles que estão empenhados na contra-revolução de tudo lançarão mãos para espalharem o pânico e toda a sorte de insegurança entre a população.

COOPERATIVA MOUCHÃO DO I

TR

Sejam fiéis ao povo Não nos atraiçoem» — repetiam insistentemente algumas mulheres, de rostos massacrados por sóis e ventos e muitas noites de vigília. Pares de olhos duros cravavam-se nos militares da equipa do curso de monitores do M.F.A., promovido pelo Centro de Sociologia Militar da 5.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Este grupo em que nos integrámos visitou antes de ontem a Cooperativa Agrícola do Mouchão do Inglês nos arredores de Alpiarça.

Cerca de 250 trabalhadores, homens e mulheres, divididos em ranchos empenhavam-se na tarefa da apanha do tomate, do pimento e do melão. Pegam o trabalho às 10.30. Largam à 1 hora para comer. Retomam às duas e deixam às sete e trinta. Este segundo espaço de tempo é cortado ainda por um período de descanso. E recebem em conformidade com os salários estipulados pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas. Todavia, neste momento, no caso específico da apanha do tomate estão a ultrapassar as tabelas. Os homens ganham 220$00 por dia e as mulheres 170$00. Continua a descriminação...

Toda aquela gente que encontrámos espalhada na extensão dos tomatais, misturada no verde escuro dos pimenteiros, é de Alpiarça. Gente de ideologia definida na luta contra o fascismo. Que sofreu na carne a repressão mais odiosa. Tudo isso ajudou a cimentar no espírito daqueles camponeses uma consciência política elevada. Ninguém lhes meteu a «martelo» este ou aquele chavão como acontece frequentemente depois do 25 de Abril, em que é fácil armar em revolucionário. Os camponeses de Alpiarça, tal como os do Alentejo têm atrás de si um passado de luta, uma história povoada de monstros que lhes fizeram a vida negra. As noites de sobressalto sempre à espera que os viessem bruscamente arrancar do leito. A P.I.D.E. nunca lhes deu tréguas. Até montarem um posto em Alpiarça para mais facilmente controlarem os trabalhadores. As mulheres viam os seus homens partir nas «carrinhas» cinzentas e muitas vezes ficavam sem um tostão em casa para comprar comida. Engoliam as lágrimas em frente dos carrascos e aguentavam em silêncio as cenas que se desenrolavam perante os seus olhos. Essas mulheres aprenderam, elas também, as regras da resistência.

Por isso, enquanto mastigavam o almoço, debaixo de um sombreiro improvisado, elas que carregam à cabeça sacos com 25 quilos de pimentos, nos diziam

. *Estamos dispostas a morrer pela revolução. Não queremos mais que o nosso suor ajude a aumentar as fortunas dos capitalistas. Ou a revolução vai para a frente ou a gente acaba com esses que querem dar cabo dela.*

Maria Albertina, mulher ainda jovem, destacava-se pela combatividade das suas palavras. Quando lhe disse Você, mulher, é uma Catarina Eufémia», ela respondeu: *Não sou a Catarina, mas sou uma camarada dela.*

Os militares ouviam atentamente o nosso diálogo. Uma mulher, de 60 anos temperados em aço, pergunta-lhes

. *As Forças Armadas estavam do nosso lado e agora passaram para o outro?* O capitão Batalha, responsável pelo curso de monitores acentua *Há alguns que permanecerão sempre do vosso lado*

A mulher idosa pergunta de novo *Porque não cortam o pescoço a esses que não prestam?*. Para ela este raciocínio é simples e lógico. Os militares não souberam responder.

Maria Albertina intervém na conversa *O meu marido não dorme há uma quantidade de noites. Aparece em casa de madrugada quando o dia começa a romper. E eu também passo as noites em claro. Vejam lá se resolvem isso depressa porque assim não se aguenta...*

O PÃO QUE NOS DERAM

Uma hora de convívio. Entre trabalhadores e militares. A comida, o pão e o vinho que nos deram. As palavras trocadas buscando afinidades. A discussão surgida entre mim e um sargento da G.N.R. participante do curso, um pouco desfasado mas tacteando a integração. Aquele elemento das forças militarizadas ficou bastante chocado quando acusei a G.N.R. de ter reprimido os camponeses e ter colaborado com a P.I.D.E. nas zonas intituladas «vermelhas», onde a vanguarda revolucionária dos operários agrícolas desenvolveu uma actividade permanente. A posição do sargento era esta *Recebiamos ordens e cumpriamos. No entanto, a corporação é uma coisa e os homens podem ser outros.*

Um tenente da G.N.R., membro do curso, acrescenta

. *O 25 de Abril libertou o povo e também a G.N.R. Hoje posso dizer que a G.N.R., pelo menos no Alentejo, onde estou colocado, nunca mais irá contra o povo.* Falou-se da necessidade de saneamento na G.N.R. e o oficial daquela corporação concordou.

Gabriel Feijão, trabalhador rural, somando no seu «curriculum» político duas prisões (em 1951 e 1962) esclareceu

. *Prenderam-me por reivindicar bons salários para os trabalhadores, acusavam-me de comunista. Estive oito dias de estátua. A G.N.R. colaborou na minha prisão. Eu acredito que alguns homens mudem, mas, por exemplo, em Alpiarça, ainda há lá um cabo que costuma dizer «Se os cravos murcharem...» Isto é, sem dúvida, uma ameaça.*

Comemos pão, bebemos vinho com furriéis, oficiais, marinheiros membros do Exército, Armada e G.N.R.), camponeses e estudantes. Cantámos juntos. Todos aprendemos qualquer coisa uns com os outros.

Os estudantes, porque os havia ali a trabalhar no campo, filhos de operários e assalariados rurais de Alpiarça viviam uma experiência. Fernanda, Luisa, Ricardo, Paulo e outros pediram-nos para nos dirigirmos, em seu nome, o seguinte apelo aos estudantes portugueses

. *Ponham-se ao lado dos trabalhadores. Deixem de chamar Serviço Cívico «trabalho forçado». Acabem com a política das Faculdades. Venham*

Nacional

NGLÊS

ABALHO E PÃO PARA TODOS

Por LURDES FÉRIA

para o campo aprender com os verdadeiros revolucionários.

A EVOLUÇÃO DA COOPERATIVA

Eu e os militares escutámos uma lição de política e de economia.

No escritório da Cooperativa Álvaro Brasileiro, membro da Comissão de Trabalhadores, um quadro político experimentadíssimo, a cair de cansaço, explica-nos tudo sobre a Cooperativa

. A direcção desta Cooperativa é constituida por quatro elementos do Sindicato dos Trabalhadores Agricolas, dois da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, um da Comissão Administrativa da Câmara e representantes do Movimento Democrático Português e do Partido Comunista. A propriedade pertencia à Junta de Colonização Interna. Estava semiexplorada, tendo à frente como administrador um regente agricola bastante reaccionário.

Álvaro Brasileiro fala pausadamente. Preciso nas palavras, nunca inclui nada de supérfluo na sua exposição. De vez em quando levanta o tom de voz que vai baixando à medida do conteúdo das frases.

Esse senhor não queria os trabalhadores de Alpiarça no Mouchão do Inglês porque os considerava comunistas. Contratava apenas os pescadores, desertores de uma profissão que não dava rendimento, e pagáva-lhes salários baixissimos. Esses homens, pouco politizados deixavam-se subjugar. Na altura das eleições, no tempo do fascismo prometia-se a propriedade aos trabalhadores com a condição de votarem no Marcelo Caetano. Todavia a gente de Alpiarça nunca acreditou nessas cantigas. Chegaram mesmo a espalhar panfletos incitando os trabalhadores a votarem.

Antes do 25 de Abril já Álvaro Brasileiro e alguns camaradas tinham tentado que a terra lhes fosse entregue para fazerem, com o povo de Alpiarça, uma cooperativa agrícola.

Não conseguiram nada.

Depois do 25 de Abril contactámos engenheiros para tratar do assunto, mas aquilo levou um caminho que não havia meio de se resolver. Eram só papéis para aqui e para acolá. Então nós perdemos a paciência e fomos ao departamento do Estado encarregado do problema. Em certa altura demos um murro na mesa e os papéis voaram todos pelo ar. Impusemos um prazo: Á é ao dia 13 de Março.

Álvaro Brasileiro e outros trabalhadores realizaram um plenário em Alpiarça com cerca de 900 pessoas e apresentaram um programa. Ficou decidido que o Mouchão do Inglês seria uma cooperativa de assalariados rurais e pequenos agricultores.

Estão connosco apenas três pequenos agricultores e as suas famílias. Alguns dos cooperadores eram antigos seareiros que passavam seis meses na cultura do melão, nas lezírias de Vila Franca, e o resto do tempo trabalhavam como assalariados. Os pequenos agricultores puseram a pouca maquinaria que possuiam ao serviço da cooperativa sem ganhar um tostão por isso. Largaram a sua vida pessoal e juntaram-se a nós, assalariados rurais. Aliás, a vida deles às vezes era bem dura. Nós ainda ganhávamos, e agora até temos certas regalias, um ordenado certo. Eles fartavam-se de trabalhar e apenas conseguiam endividar-se cada vez mais.

Na arrancada da cooperativa os trabalhadores tiveram dificuldades económicas. Actualmente já respiram mais fundo. Começam a ter um saldo positivo.

. Pagamos 250 contos de salários semanais. O dinheiro dos ordenados nunca faltou. Conseguimos arranjá-lo sempre. Começámos com capital adiantado pelos compradores e o I.R.A. emprestou-nos 400 contos que pensamos pagar dentro de dias para esse dinheiro ir servir de ajuda a outras cooperativas. Os ordenados são iguais para todos, desde os empregados de escritório (também trabalhadores rurais) até ao maiorial das vacas. No fim do ano se houver lucros será distribuida uma pequena quantia por todos os trabalhadores segundo o tempo de trabalho que funcionará como um estímulo para agarrar os trabalhadores à terra. Todavia a maior parte da riqueza produzida irá para benefício da própria cooperativa, para arranjar mais postos de trabalho e para um fundo de auxílio a outras cooperativas necessitadas. Repartir os lucros seria uma concepção capitalista e nós queremos banir esse sistema ou os resíduos dele de uma vez para sempre.

Os militares ouviam e esporadicamente faziam perguntas, tentando esclarecer dúvidas. Tomei a iniciativa e perguntei «Alvaro Brasileiro, que pensam vocês, trabalhadores do Mouchão do Inglês, do actual momento político ?

. Uns segundos de silêncio. O dirigente da cooperativa adiantou

. Há pessoas que não compreendem ou não querem compreender o processo revolucionário. Apregoam por ai um socialismo que não acaba com a exploração do homem pelo homem...

Após uma pausa, Álvaro Brasileiro continua: *O momento político é grave. Estou convencido que com a força dos trabalhadores e do M.F.A... alguns...* (acentua) *podemos vencer. Os verdadeiros M.F.A.'s podem contar connosco. Repudiamos o «Documento dos Nove»*

. Os agentes técnicos ganham o mesmo que vocês? Foi uma pergunta feita pelos militares.

Não temos neste momento técnicos connosco. Estiveram aqui dois e depois foram enviados pelo I.R.A. para outro lado. Ficámos sozinhos, mas lá diz o ditado: «Mais vale sozinho que mal acompanhado». A cooperativa é gerida pelos trabalhadores, no entanto achamos que também são precisos técnicos.

Álvaro Brasileiro, trabalhador rural, quadro político saído das massas camponesas das quais não se distanciou um milímetro, esboçou uma crítica a certos técnicos vindos das Universidades que debitam teoria às carradas e na prática são uma nulidade.

Alguns tecnicos que antes do 25 de Abril nunca se viram ao lado dos trabalhadores e agora se dizem muito revolucionários, muito democratas, muito socialistas... Bem, nós temos receio deles. Queremos pessoas integradas e que tenham a certeza do que estão a fazer.

As terras do Mouchão do Inglês, no Inverno, costumam ser inundadas pelas águas do Tejo. Quando isso sucede como vai ser a vida dos trabalhadores da cooperativa?

. Pensamos agregar a esta cooperativa outras terras e assim já os trabalhadores têm trabalho. Outra solução pode ser a troca e entreajuda com outras cooperativas.

Outra pergunta dos militares. Esta incidiu sobre a participação dos estudantes na apanha do tomate.

Nós damos preferência aos trabalhadores rurais desempregados e pequenos agricultores. A passagem dos trinta estudantes que estão aqui é apenas transitória. Já por cá passaram alguns do Serviço Civico sem ganharem ordenado. Até houve problemas com alguns. Tivemos de os mandar embora. Não se comportavam como devia ser e pisavam os tomateiros. O dinheiro dos trabalhadores não pode ser espezinhado por filhos da burguesia. Nós possuímos a experiência amarga de um regime injusto e a nossa consciência é conseguência da luta travada. Aprendemos muito. Sentimos na carne a repressão e vamos lutar com todas as forças para que isto não volte para trás.

Álvaro Brasileiro contou-nos um incidente interessante que no fundo retrata o ridículo dos revolucionários de aviário» (usando a expressão de um militar que não estava presente na visita , que metem constantemente a pata na argola porque estão cegos pelo fanatismo bebido nos livros.

Entre os estudantes que cá têm vindo à cooperativa apareceu um identificado com ideologias deformadas que tinha a mania que era revolucionário. Enredava-se num palavreado sobre cúpulas e partidos. Queria ensinar-nos a nós, qual era a linha politica correcta. Irritado disse-lhe: «Meu filho da p... Sais imediatamente daqui nem que seja a pontapé. Sabes lá o que é um trabalhador...»

. A cooperativa Mouchão do Inglês engloba 367 hectares de terra. Os trabalhadores aproveitam-na quase palmo a palmo. Cultivaram 100 hectares de trigo, 17 de aveia, 100 de tomate, 60 de milho, 8 de pimentos, 2 de couves, 15 de melão e 20 de feijão catarino. Também possuem 140 vacas contando com os recém-nascidos. A propósito do escoamento do gado, Álvaro Brasileiro fez uma crítica aos organismos estatais que ainda não funcionam em benefício dos trabalhadores.

Como o gado, uma parte já tinha 14 anos, tivemos de o vender. Tentámos duas formas: uma através dos Serviços do Estado e outra por meio de um intermediário. Os Serviços Estatais estão emperrados e burocratizados. Nunca mais nos pagavam. Foi preciso armarmos barulho. Finalmente o cheque chegou. Por outro lado os Serviços de Estado compram a 51$00 cada quilo de carne e os intermediários pagam a 53$00.

BALANÇO DA VISITA

O regresso. Do campo à cidade. Aqui, onde se tenta, às escondidas dos trabalhadores, conspirando nos corredores e palácios, traçar os destinos de um povo.

Os operários agrícolas de Alpiarça, estão informados quem são os traidores que pretendem desviar o curso da História. E também estão dispostos a pegar em armas ao lado dos militares que optaram pela Revolução. Até ao fim. Os trabalhadores rurais, empenhados na Revolução, de dia trabalhando nos campos, e, à noite, na vigilância popular, não abdicam da construção do socialismo. E repudiam qualquer manobra mistificadora que impeça a consolidação das estruturas democráticas e revolucionárias do autêntico M.F.A.

Os militares que visitaram o Mouchão do Inglês sentiram, no contacto com os trabalhadores que é do lado deles que se devem pôr. Ouvimos algumas opiniões dos estagiários do curso de monitores organizado pela 5. Divisão do Estado-Maior das Forças Armadas.

Aspirante Mateus *Vim para o curso porque através deles podemos aperfeiçoar a nossa formação política e compreender melhor a revolução portuguesa.* Adelino Oliveira, marinheiro afirmou *Estou a frequentar o curso como voluntário e agrada-me muito. Nos primeiros dias de estágio andava um pouco desorientado, mas agora já me integrei completamente, até já disse a outros colegas para se inscreverem nos próximos cursos.*

Guerreiro Baptista, tenente do Exército, em serviço na Guarda Fiscal, declarou *O curso tem interesse para quem quiser ter uma visão da revolução portuguesa no respeitante à luta das classes trabalhadoras. O contacto estabelecido hoje no Mouchão do Inglês só veio reforçar aquilo que eu já pensava.*

O sargento Madail, da fragata Pero Escobar disse *Este estágio veio apagar algumas dúvidas criadas por umas palavras que ouvi, na televisão proferidas por um senhor do Partido Socialista sobre a 5.ª Divisão. Não acreditei muito. Agora fiquei elucidado. Afinal o papel da 5.ª Divisão é de scolarecimento. É para nos libertar da escuridão em que andámos metidos. Quanto à experiência vivida na Cooperativa de Alpiarça não foi nenhuma novidade para mim pois sou filho da classe trabalhadora e eu mesmo trabalhei como operário antes de entrar para a Marinha.*

Este estágio, o terceiro promovido pelo Centro de Sociologia Militar, segundo fontes militares bem informadas, foi boicotado pelas forças conservadoras e reaccionárias do Exército. Aqueles que pretendem a todo o custo manter os seus previlégios, movidos por um sentimento de casta feroz, não estão interessados na formação de quadros políticos militares ao nível de soldados, furrieis e sargentos. Têm medo. Têm medo dos estágios. Têm medo do esclarecimento e formação de quadros. Têm medo das campanhas de dinamização. Têm medo das vanguardas políticas militares. Em resumo têm medo da 5.ª Divisão. Por isso lhe fizeram guerra aberta e a tentaram destruir.

Estrangeiro

BRASIL: A GUERRA DO TRABALHO

Por PAULO R. SCHILLING
Serviço especial da Prensa Latina

O Brasil está convertido no centro dos investimentos das multinacionais, não apenas na America Latina, como também entre todos os países do chamado Terceiro Mundo .

Esta preferência é explicada pelas seguintes razões:

A existência de um regime político duro e «eficiente» que assegura, há onze anos, uma total estabilidade política e «paz social .

A existência de total liberdade para a entrada e saida de capitais estrangeiros, lucros, royalties e juros.

A existência de mão-de-obra barata.

A existência de um grande número de matérias-primas de energia e serviços baratos, proporcionados pelos sectores estatais da economia.

A inexistência de sectores vedados ao capital estrangeiro, com excepção da pesquisa e exploração do petróleo.

A existência de um relativamente amplo mercado interno para os artigos de consumo sofisticados, produzidos pelas sucursais dessas firmas.

A existência de subsídios governamentais para as exportações, o que assegura às firmas estrangeiras, amplas possibilidades de competir nos mercados internacionais.

A todas essas vantagens (para as empresas , deve-se somar uma outra, muito importante a prática denominada «socialização das perdas , muito difundida entre os países subdesenvolvidos, especialmente nos períodos de industrialização.

Os lucros, geralmente muito altos, são usufruídos pelas classes dominantes. As eventuais perdas são tranferidas — por vários meios — ao sector público.

Inicialmente, no Brasil, foi principalmente a burguesia industrial nacional, a beneficiada com essa prática. Hoje, com os sectores mais dinâmicos e lucrativos da economia dominados por interesses estrangeiros, são eles os beneficiários.

Dados oficiais publicados pela Imprensa, nos últimos dias, revelam a grandeza que assume a socialização das perdas , num sector da vida económica-social nacional o relativo aos acidentes do trabalho.

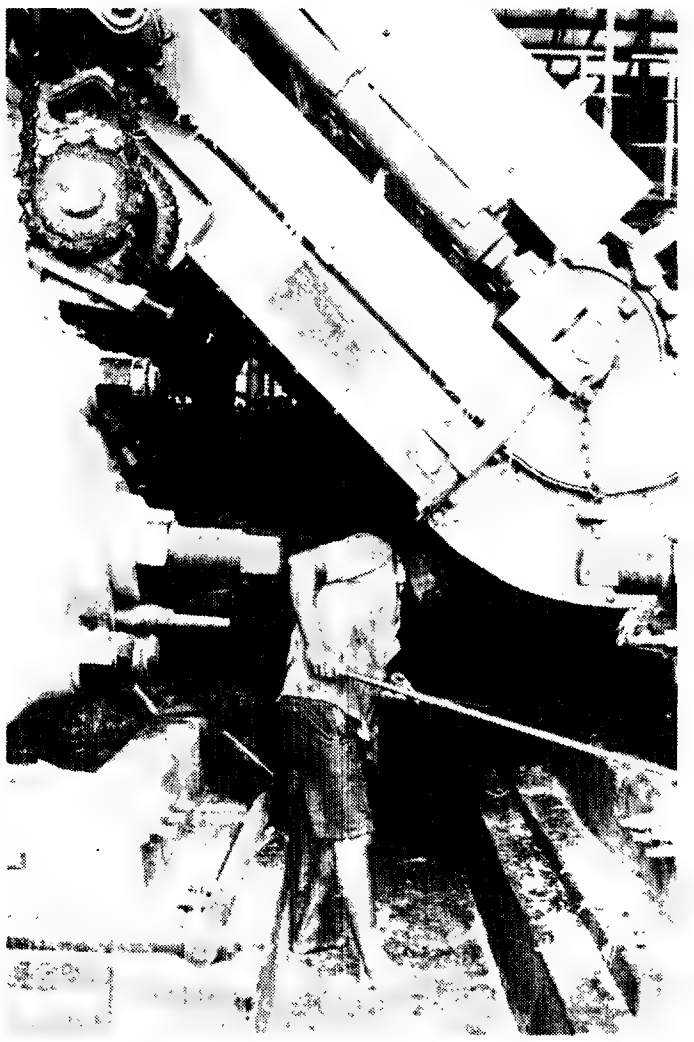
Os números divulgados revelam, paralelamente, o alto grau de desprezo pela vida humana que caracteriza o processo industrial no Brasil.

No último dia 26 de Maio, o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, ao inaugurar a Semana Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho , divulgou os últimos dados conhecidos sobre o problema:

Total de acidentes de trabalho, 1 895 986 Casos de incapacidade temporal, 1 610 847 Casos de incapacidade permanente, 64 034 Total de mortos, 3 820.

Estas cifras, que correspondem a 1974, continuam aumentando de forma acelerada, superando os índices de incremento da mão-de-obra aplicada. Isso significa que as recomendações oficiais sobre prevenção não são cumpridas pelas empresas.

O aumento das medidas de segurança significa um maior investimento de capital. É muito mais barato deixar que os acidentes continuem a ocorrer os trabalhadores são facilmente substituídos, pois o exército de reserva é enorme, no Brasil.



Péssimas condições de trabalho... Os acidentes de trabalho no Brasil, são dez vezes superiores aos registados em outros países

O número de acidentes verificados em 1969 foi de 1 059 296. Cinco anos depois, registou-se um aumento de 79 por cento. Naquele ano, 14,57 por cento dos trabalhadores sofreram algum tipo de acidente do trabalho. No ano passado, a taxa superou os 20 por cento. Isso indica que um em cada cinco trabalhadores foi vítima da insegurança que caracteriza as fábricas e outros locais de trabalho no Brasil.

Segundo declarações dos técnicos governamentais, os índices de acidente do trabalho no Brasil são cerca de 10 por cento superiores aos verificados em outros países.

No Brasil não existem, praticamente as normas de segurança do trabalho, porque exigiriam investimentos adicionais, investimentos improdutivos , que fariam baixar os lucros das empresas, tornando menos atractivas as aplicações de capital. Em contrapartida, a vida humana é barata. Os trabalhadores brasileiros — por causa da sua situação de excedentes — custam muito pouco aos empregadores.

As empresas multinacionais não tomam em consideração também, o número de incapacitados temporais ou permanentes. A suposta obrigação de manutenção mínima desses trabalhadores, fica a cargo do regime.

As multinacionais não levam em conta o número de incapacitados. Sempre há força de trabalho disponível; o desemprego o assegura

Contra o uso da mentira na política internacional

Por ERNST HENRY
Exclusivo «Novosti»-«DL»

Não é de estranhar que os nossos descendentes nos perguntem um dia por que eram tantas as pessoas que no passado acreditavam cegamente nas mentiras que os imperialistas e os fascistas lhes impigiam.

Por que razão se limitavam a acreditar em mentiras, refinadas ou absurdas, inventadas ano após ano, decénio após decénio?

A resposta não é fácil. Exige um profundo estudo do problema do obscurecimento da consciência das massas nas sociedades divididas em classes. Não se trata apenas da força do aparelho de propaganda imperialista, do efeito do choque político ou de alguma acção especial da mentira política sobre camadas particularmente atrasadas da população. Os historiadores, politicólogos, sociólogos e psicólogos hão-de encontrar resposta.

Mas é um facto insofismável nos nossos tempos, tal como no passado, os mais perigosos conflitos internacionais são constantemente desencadeados pelos imperialistas com a ajuda da mistificação mais grosseira. O mundo testemunhou muitas vezes factos semelhantes. Seria impensável que não os levássemos em devida conta.

O «INCIDENTE» DE TONQUIM

Como começou o bombardeamento do Vietname do Norte pelos americanos, em Agosto de 1964 e do que se ocultava porr detrás do incidente de Tonquim que o precedeu

Em Julho de 1964, quando a sobrevivência do regime de Saigão estava fortemente ameaçada e no Vietname do Sul cresciam as manifestações de estudantes e de budistas, surgiu repentinamente no golfo de Tonquim, junto à costa do Vietname do Norte, uma esquadra americana. Tinha por missão, segundo Washington, realizar simples operações de patrulhamento . No primeiro dia de Agosto, a esquadra americana invadiu as áreas territoriais do Vietname do Norte.

Na versão do Pentágono, torpedeiros do Vietname do Norte teriam atacado o contra-torpedeiro americano Meddok», em águas extraterritoriais, o que na realidade não aconteceu. Tratava-se, sim, de um estratagema semelhante ao adoptado no caso do couraçado Man . Alguns dias mais tarde, o presidente Johnson exigia ao Congresso amplos poderes para a realização de operações militares no Sudeste Asiático. Inicia-se então o bombardeamento aéreo do Vietname do Norte, que durante tantos anos constitui um sério obstáculo à regularização pacifica da situação naquela área. Nos Estados Unidos, há muito que se deixou de falar do «incidente de Tonquim». Mas o historiador anota o ponto de partida para um dos mais sérios conflitos internacionais da segunda metade do século XX foi, de novo, uma fraude arquitectada pelo agressor imperialista.

COMO HEARST DECLAROU GUERRA A CUBA

Em 1898, foi desencadeada na Imprensa americana uma ruidosa campanha a favor da intervenção dos EUA em Cuba.

Hearst — influente magnate da Imprensa, enviou a Cuba o pintor Remington, encarregando-o de trazer quadros que retratassem as acções bárbaras praticadas pelos espanhóis na ilha. Soube-se mais tarde que, chegado a Havana, Remington telegrafou ao seu cliente, dizendo

«Tudo tranquilo. Por aqui não há desordens. Não haverá guerra. Regresso .

Hearst respondeu

«Peço-lhe que fique. Garanta os desenhos, que eu garanto a guerra .

Hearst tinha razão. No dia 15 de Fevereiro de 1898, registou-se uma explosão a bordo do couraçado americano Man , que se deslocara a Havana em visita de amizade . O couraçado afundou-se e morreram 266 pessoas. Com grande indignação, os Estados Unidos fazem recair a culpa sobre os espanhóis e continuam a provocar o agravamento da tensão. Algumas semanas mais tarde, dão início a operações militares, durante as quais acaba por ser destruída a esquadra espanhola. Nos termos do tratado de paz ulteriormente celebrado, as possessões espanholas no mar das Caraíbas e as Antilhas ficam sob o controlo dos Estados Unidos.

Treze anos mais tarde, o couraçado Man foi retirado do fundo do mar. Verificou-se então que a explosão tivera causas internas . O caso não foi examinado até às últimas consequências, mas, mesmo nos Estados Unidos, os comentaristas essenciais estão de acordo num ponto a explosão foi provocada pelos próprios americanos.

A MENTIRA POLÍTICA É UMA AMEAÇA

Durante milénios a mentira esteve indissoluvelmente ligada à política internacional. Muitos eram os que outrora pensavam que se trataria de uma realidade eterna. E não falta ainda hoje quem pense o mesmo. Mas será assim

Fala-se actualmente em todo o mundo países capitalistas incluídos na segurança e na necessidade da coexistência pacífica. Os que são partidários a sério dessa política devem pensar nas obrigações que dela decorrem.

Será possível a verdadeira segurança de um país ou região se este ou aquele Governo prepara uma provocação? Pode porventura falar-se em coexistência pacífica duradoura se a política externa de alguns países continuar a basear-se em manobras secretas semelhantes às utilizadas por Bismark, pelo conde Berchthold, por Hitler, ou pelos partidários da guerra-fria? Não é preciso ser diplomata, professor ou general para responder a estas perguntas. De qualquer maneira, há hoje em dia pessoas que não desgostariam de regressar ao passado.

Há quem diga que os homens se viram obrigados a mentir e a enganar desde o momento em que aprenderam a falar. É muito possível. Na sociedade primitiva, e mais ainda na sociedade de classes, a mentira foi sempre uma arma inevitável na luta pela existência. Os homens mentiam para se salvarem da violência, para arranjarem um pedaço de pão, para fazerem carreira, suplantarem um rival ou satisfazerem os seus instintos naturais. Era quase impossível deixar de mentir na vida particular, numa sociedade assente na força bruta, na injustiça e na exploração. Tendo em vista a realização dos seus objectivos de classe, os opressores, os tiranos e os conquistadores mentiam. Tais mentiras acarretavam terríveis consequências para países inteiros.

Mas no século XX, a mentira política tornou-se uma ameaça demasiado grande para a civilização humana.

A coexistência pacífica exige categoricamente que sejam sempre honestos, no domínio da política externa, todos aqueles que se afirmam seus sinceros partidários.

HOJE EM BURGOS

COMEÇA O JULGAMENTO DE GARMENDIA E OTAEGUI

BURGOS, 28 — (R) — Dois bascos acusados de terem morto um polícia principiarão hoje a ser julgados por um tribunal de Burgos, estando sujeitos a serem condenados à pena capital.

Os réus, membros da ETA, a organização de guerrilheiros bascos, responderão perante um tribunal militar pela acusação de terem morto, em Abril de 1974, um cabo da guarda civil na cidade basca de Azpeitia.

Anunciou-se que mais de 280 presos políticos em toda a Espanha iniciaram uma greve de fome protestando contra o julgamento, o primeiro de guerrilheiros urbanos nos termos de uma lei contra o terrorismo que entrou ontem em vigor.

Um dos réus, Josep Antonio Garmendia Ortola, é acusado de ter morto a tiro o guarda civil e outro, Angel Oteagui Echevarria, de dar guarida a Garmendia, antes do crime.

As autoridades militares, que julgarão todos os casos de terrorismo em Espanha, indeferiram um requerimento da defesa alegando que Garmendia não está em condições de comparecer perante o tribunal devido a um ferimento de bala na cabeça que sofreu quando foi preso.

GREVE GERAL

Nacionalistas bascos pediram para hoje e amanhã uma greve geral em toda a região basca como protesto contra o julgamento.

Nos termos do novo decreto, uma condenação à morte, é automática para qualquer indivíduo considerado culpado de matar um polícia ou um soldado, embora o chefe do Estado, generalíssimo Franco, a possa comutar. Entretanto, dois semanários madrilenos, o «Cambio 16» de tendência socialista e o «Possible», liberal, e um terceiro em Barcelona «Destino», foram apreendidos ontem pelas autoridades nos termos do novo decreto contra o terrorismo que entrou em vigor ontem, de manhã.

Um comunicado governamental dizia que os semanários, que foram confiscados antes de sairem hoje, incluiam artigos que poderão ter violado o prescrito na nova lei.

Um artigo dessa lei, destinada a acabar com a violência urbana que causou já a morte de vários polícias, nos últimos meses, prevê multas para alguém que revele simpatia por grupos de guerrilheiros ou critique a acção da Polícia contra esses grupos ou sentenças de tribunais impostas a terroristas condenados.

22 JORNALISTAS AFASTADOS DO "D.N."

. Vinte e dois jornalistas do Diário de Notícias» foram afastados deste jornal por uma decisão tomada ontem em plenário pelos trabalhadores da Empresa Nacional de Publicidade, a que o matutino pertence.

A decisão encerra, pelo menos para já, um processo desencadeado por um documento que trinta elementos da redacção do D.N.» emitiram sem dele terem dado prévio conhecimentos aos competentes órgãos dos trabalhadores da empresa. Este último pormenor pesou na decisão que o plenário tomou ontem. Mas as causas que mais contribuiram para o afastamento ontem decido foram sobretudo as actividades entretanto desenvolvidas pela maior parte dos jornalistas em questão, que, entre outras coisas, deram uma conferência de Imprensa, desenvolveram uma intensa campanha contra a direcção e a administração e alguns elementos preponderantes na redacção do jornal permitiram que a questão fosse aproveitada por diversas forças políticas, empenhadas na luta contra o que circula como se fosse a orientação política do jornal. E foi assim que os «30 signatários do documento» que desencadeou o processo, se viram inadvertidamente ou não não — no consenso da generalidade dos trabalhadores do D.N.») apoiados declaradamente pelo menos pelo PS, pelo PPD e pelo MRPP. Um dos motivos concretos por que se norteou a decisão ontem tomada pelos trabalhadores em plenário, foi igualmente a linguagem» muitas vezes utilizada pelos responsáveis pelo processo. Essa linguagem, sobretudo (certas palavras social-fascista e social-fascismo, lacaios do Cunhal, por exemplo), provocou entre os trabalhadores da empresa uma viva indignação.

RELATÓRIO

Em plenário anteriormente realizado fora decidido nomear uma comissão de inquérito e incumbi-la do trabalho de averiguar as responsabilidades. Ontem lido, o relatório que a comissão elaborou diz que, ouvidos 27 signatários do Documento dos 30 (dos três restantes, um não quis depor e dois não foi possível contactar), ouvidos também o Conselho Redactorial e a Direcção, analisadas as cartas e outros documentos com interesse para o processo, chegou a Comissão de Inquérito às conclusões seguintes

. 1) «Dessolidarizaram-se dos restantes subscritores do Documento dos Trinta, no que diz respeito à divulgação externa do mesmo, antes de ter sido discutido pelos trabalhadores da empresa, os srs. Álvaro Gomes, João Mendes, Jorge Soares, José Sousa Barros, José Valente, Manuel Pereira Rodrigues e Maria Manuela Ferreira.

. 2) «Autocriticaram-se, reconhecendo ser incorrecta a divulgação do documento no exterior, antes de ter sido conhecido e discutido por todos os trabalhadores da empresa, mas reafirmam o seu conhecimento prévio de todos os textos vindos a público, bem como a sua solidariedade activa com a actuação promovida no exterior em nome dos 30 os srs. Alberto Santos, João Salvado, Oliveira Nunes, Mário Contumélias e Manuel Andrade Guerra.

. 3) «Confirmam, sem reservas, a sua responsabilidade no desenvolvimento de todo o processo os srs. Acácio Franco, António Pereira Alves, Alda Mafra, Adelino Alves, Francisco Máximo, Jorge Tavares Rodrigues, Simões Ilharco, José Sampaio, Manuel Luís Rodrigues, Manuela de Azevedo, Raul Nascimento, Rui Tovar, Rui Homem e José Estêvão Santos Jorge. Não quis avistar-se com a Comissão de Inquérito, reconhecendo implicitamente a sua responsabilidade em tudo, o sr. João Garin. Quanto aos srs. Mateus Boaventura e António Mendes, não foi possível contactá-los. Como até hoje ainda não vimos desmentida a sua participação nos actos gravosos contra os trabalhadores desta empresa, e considerando o acréscimo de responsabilidade do primeiro, na sua qualidade de membro do Conselho Redactorial, remetêmo-los também para o grupo dos que aprovam, sem reservas, todos os ataques contra o «D.N.» verificados na sequência da exteriorização do Documento dos 30.

A comissão reconhece que não lhe cabe estabelecer destrinças entre os que consideram incorrecto o procedimento mas nem por isso deixaram de atropelar todas as normas por que se regem os trabalhadores desta empresa, e aqueles que reivindicam a responsabilidade total por esta actuação, sem quaisquer reservas.

. Daí, deixa à consideração do plenário se devem permanecer entre nós ou se «devem ser afastados da empresa os jornalistas seguintes Acácio Franco, António Mendes, António Pereira Alves, Alberto Santos, Alda Mafra, Adelino Alves, Francisco Máximo, João Salvado, João Garin, Jorge Tavares Rodrigues, Simões Ilharco, José Sampaio, Luís de Oliveira Nunes, Mário Contumélias, Mateus Boaventura, Manuel Luís Rodrigues, Manuel Andrade Guerra, Raul Nascimento, Rui Tovar, Rui Homem e José Estêvão Santos Jorge.

AFASTADOS

Todos estes jornalistas foram afastados do D.N.», quando os trabalhadores votaram a seguinte moção «Propõe-se que sejam afastados da ENP sem quaisquer indemnização, os 22 elementos designados no relatório da Comissão de Inquérito como os principais responsáveis no empolamento exterior de um caso que diz respeito a todos os trabalhadores desta empresa». A proposta, segundo o próprio «DN» na sua edição de hoje, foi votada de braço no ar e aprovada pela maioria esmagadora dos trabalhadores» no plenário presentes.

Noite de violência em Bastia: um polícia morto e 12 feridos

. BASTIA, 28 (R.) Perdeu a vida um polícia em recontros com manifestantes separatistas, ao registarem-se violentas desordens em Bastia, durante a noite, segundo revelaram as autoridades.

Mais 13 guardas ficaram feridos devido à luta encontrando-se um deles em estado de coma.

Os recontros entre jovens manifestantes e forças da Polícia ocorreram ontem, à noite, na Praça Principal de St. Nicolas.

Começaram quando os manifestantes aremessaram pedras e garrafas contra elementos da Polícia de Choque, que carregou sobre eles com bastões e lançou granadas de gás lacrimogéneo para os dispersar.

As autoridades informaram posteriormente que os manifestantes dispararam contra a Polícia, forçando os guardas a procurarem cobertura atrás dos seus veículos e a responderem ao fogo.

Os recontros seguiram-se à decisão tomada ontem pelo Governo de proibir o grupo «Acção para o Renascimento da Córsega» (ARC), após uma batalha a tiro, na 6.ª feira, em que morreram dois polícias.

Um dirigente da ARC Dr. Edmond Simeoni, que deverá comparecer ainda hoje perante o Tribunal de Segurança do Estado Francês, será acusado, segundo se espera, em ligação com recontros anteriores que ocorreram após militantes daquele grupo ocuparem uma adega e fazerem cem reféns.

Após o movimento ser proibido ontem, o dr. Max Simeoni, irmão de Edmond e Secretário-Geral da ARC, declarou: Está fora de questão que acabemos com a nossa luta».

As desordens desta manhã registaram-se por volta das 3 horas da madrugada quando se anunciou que manifestantes dispararem de janelas contra elementos da Polícia de Choque, segundo afirmaram testemunhas oculares.

Os guardas retiraram apressadamente para detrás das suas viaturas, mas um deles fora já fatalmente ferido. Um segundo foi operado no hospital, e anunciou-se que alguns dos outros doze guardas feridos se achavam em estado grave.

Os desordeiros estilhaçaram também as montras de vários bancos e de estabelecimentos nas ruas principais de Bastia — acrescentaram as autoridades.

Inspeccionando hoje, de manhã, a devastação causada na cidade, o subprefeito Jean Guerin observou a jornalistas: «Não é ainda a guerra civil. Contudo, é, na verdade, um incidente muito sério. Ninguém pense, porém, que não haja consequências ainda mais sérias por causa disto.

Guerin comunicou, mais tarde, que foram presas hoje, de manhã, várias pessoas suspeitas de terem participado nos recontros.

Buscas efectuadas pela Polícia em residências de Bastia levaram também à descoberta de armas do mesmo calibre daquelas utilizadas contra a Polícia acrescentou o subprefeito.

24 horas no Mundo

■ Com 83 anos, faleceu em Adis Abeba, o ex-imperador Hailé Selassié. Segundo o boletim oficial, a morte de Selassié foi causada por doença. O antigo imperador, que exerceu um poder absoluto durante quase meio século, foi destronado em 12 de Setembro de 1974 por um golpe de Estado militar. O filho do ex-imperador exigiu que o corpo de Selassié fosse autopsiado por médicos independentes.

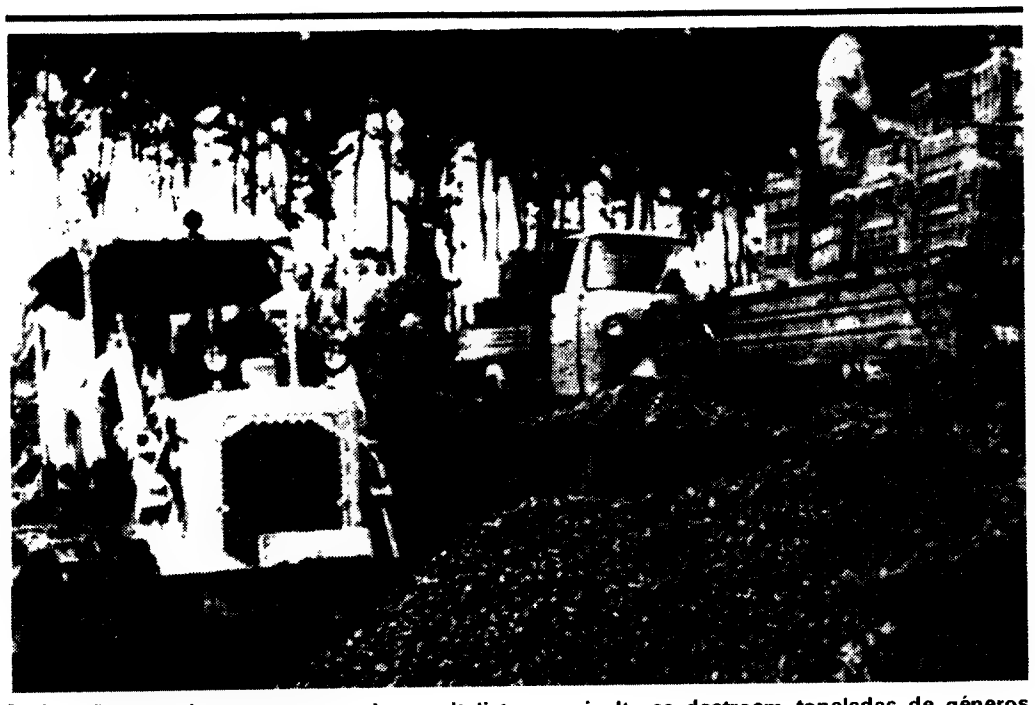
■ O Governo francês proibiu o movimento separatista corso, ARC, cujos membros estiveram envolvidos num tiroteio com a Polícia, de que resultou a morte de dois agentes da autoridade.

■ Lydia Fotieva, uma das últimas representantes da velha guarda do Partido Bolchevista e antiga secretária pessoal de Lenine, morreu em Moscovo com 93 anos de idade. Fustieva era membro do P.C. desde 1904 e foi conselheira do Museu Lenine em Moscovo durante 30 anos.

■ Uma nova lei contra a violência de guerrilha urbana entrou em vigor em Espanha, na véspera do controverso julgamento de dois democratas acusados de serem guerrilheiros bascos. A lei, de uma dureza pouco comum, coloca a Espanha toda em virtual estado de emergência. Entretanto, duas revistas espanholas — «Posible e Cambio 16 — foram apreendidas pela Polícia poucas horas antes da publicação no Boletim Oficial da nova lei antiterrorismo.

■ O bispo Abel Murozewa, dirigente do movimento emancipalista rodesiano, Conselho Nacional Africano (CNA), declarou em Livingstone ter esperanças de que o primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, viesse a reconsiderar e voltasse a negociar o futuro constitucional do território com a maioria negra.

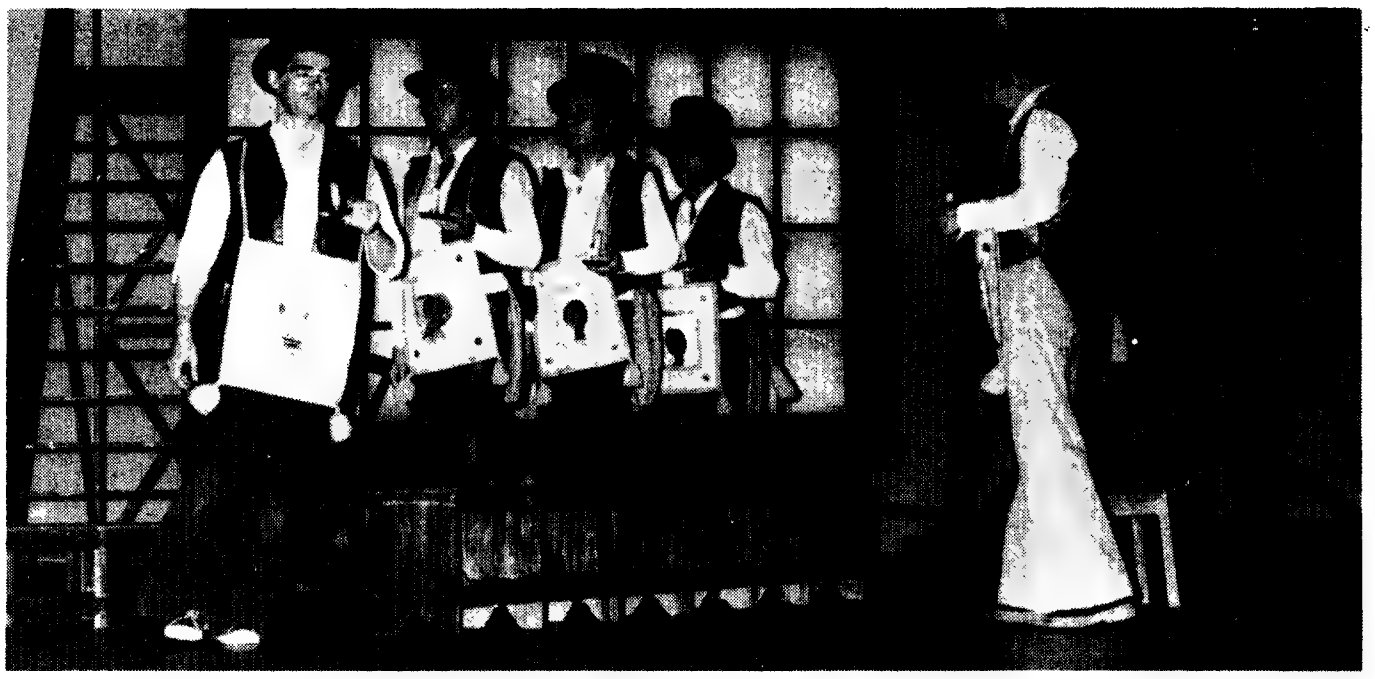
■ Prossegue em Lima a conferência dos não-alinhados, cuja comissão política será presidida pelos Camarões, sendo Cuba o relator. A comissão económica será dirigida pelo Koweit, tendo o Alto Volta como relator. A Malásia foi eleita relatora da assembleia plenária. A agenda definitiva já aprovada inclui os seguintes pontos relativos à situação internacional Médio Oriente, questão palestiniana, descolonização, África Meridional, América Latina, Chipre, Indochina e Oceano Índico como zona de paz.



Assim vão as coisas nas economias capitalistas: agricultores destroem toneladas de géneros alimentícios (neste caso, tomate) com o auxílio de «bulldozers». A cena passa-se na aldeia do Sul da Itália Villa Literno, cujos agricultores manifestam assim o seu repúdio pelo facto de os preços de retalho por eles obtidos constituirem apenas um terço dos oficiais. Em Nápoles, os agricultores, protestando contra o mesmo facto, decidiram a questão de uma outra maneira, muito mais racional: distribuíram gratuitamente o tomate. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

Espectáculos



Com grande êxito, continua em cartaz no Teatro Maria Matos a peça «Legenda do Cidadão Miguel Lino», do dramaturgo Miguel Franco, com encenação de Herlander Peyroteo. Na foto, os actores Carlos Cabral, Vítor de Sousa, José de Castro, Andrade e Silva e Carlos Santos

O espectáculo pelo Mundo

RAPTO DE FILMES

ROMA, 28 (F.P.) Demonstrando que não lhes escasseia a imaginação, os autores de raptos italianos decidiram-se agora a raptar os negativos de vários filmes dos célebres realizadores Federico Fellini, Pier Paolo Pasolini, Damiano Damiani e Franco Rosi.

O roubo foi cometido entre 14 e 25 de Agosto, apenas tendo sido descoberto ontem, quando de um controlo de rotina ao armário frigorífico onde os negativos se encontravam guardados.

CRÍTICA SOVIÉTICA

MOSCOVO, 28 (ANI) A «Pravda» critica o filme norte-americano «Jaws como mais um da «inundação de películas de horror» que se espalhou pela América.

O correspondente do órgão do Partido Comunista Soviético, G. Vasilyev, escreve que uma das explicações do êxito desta película, cuja «vedeta» é um tubarão assassínio, está no facto de «explorar um sentido de medo e não exigir para a sua compreensão grande esforço intelectual».

MÚSICA PERIGOSA

ESTOCOLMO, 28 (FP) É necessário ter-se cuidado com os concertos «pop», e em especial com os do grupo «Deep Purple» pois podem ensurdecer os auditores.

Foi o que aconteceu, infelizmente, ao jovem sueco de 16 anos, Stefan Jansson, que depois de ter assistido a um concerto dado por aquele grupo britânico, ficou completamente surdo do ouvido direito revela o vespertino «Aftonbladet».

«Perguntava-me a mim mesmo, declarou o jovem, porque seria que alguns punham algodão dentro das orelhas antes de começar o concerto». Só mais tarde compreendeu essa atitude, tendo sido o concerto dos «Deep Purple» o seu último prazer auditivo.

Fellini e Pasolini informam os jornalistas do roubo dos negativos dos seus filmes «Casanova» (do primeiro) e «Os 120 dias de Sodoma» (do segundo).

AINDA O ROMANCE TAYLOR BURTON

GSTAAD (SUIÇA), 28 (FP) . Sorridentes, Elisabeth Taylor e Richard Burton partiram hoje dos Alpes suiços para Telavive, onde o casal de novo reconciliado vai filmar o «Abakarow».

Será possivelmente durante a estadia em Israel que os dois actores anunciarão se sempre tencionam voltar a casar um com outro, depois de se terem divorciado o ano passado.

«Elisabeth e Burton embarcam em Zurique para Israel.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

A MELHOR CANÇÃO DE AMOR

. SARATOGA SPRINGS, Estado de Nova Iorque, 28 (ANI) . A canção dos beatles «something» talvez seja a melhor canção de amor escrita no último meio século disse Frank Sinatra, que apresentou em Saratoga Springs a sua própria versão desta composição, da autoria de George Harrisson.

Frank Sinatra, com quem o público teve de insistir para que cantasse «My Way», a melodia a que deve muito da sua popularidade, exclamou:

. «Estou farto desta canção. Vou interpretá-la como uma declaração de protesto».

SINDICATO BANCÁRIOS LISBOA

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral
(Sessão Ordinária)

ASSEMBLEIA ELEITORAL

Convocam-se os sócios deste Sindicato para uma Sessão Ordinária (Assembleia Eleitoral), a realizar no dia 30 de Agosto próximo, das 8 às 24 horas, no Pavilhão dos Desportos, Parque Eduardo VII, em Lisboa, e em todas as Delegações Distritais, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Eleição dos Corpos Gerentes.

Lisboa, 1 de Julho de 1975

Pelo Secretariado da Mesa da Assembleia Geral

Francisco Teodósio Juradinho Serrano

O T.E.C. NO ESTORIL

O Teatro Experimental de Cascais apresenta esta noite no Liceu Nacional de Cascais, em S. João do Estoril, o seu espectáculo Cerimonial para um combate, uma encenação de Carlos Avilez.

CINEMA POPULAR

. Integrado numa série de sessões que o Cineclube do Barreiro tem proporcionado à população daquela zona, será exibido o filme Tupamaros nos seguintes dias e locais

. _ Dia 29 _ Em colaboração com as Comissões de Bairro da Quinta da Lomba, ao ar livre na Praça do Mercado

Dia 30 _ Em colaboração com Os Penicheiros, no salão desta colectividade.

_ Dia 31 _ No Parque Catarina Eufémia-Barreiro, ao ar livre.

As entradas são gratuitas.

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

AVISO

CORREIO DESTINADO A TIMOR (DÍLI)

Para conhecimento do público utilizante dos seus Serviços, a Empresa de Correios e Telecomunicações de Portugal comunica que devido às actuais dificuldades nas ligações postais com o Território de Timor (Díli) o correio para este destino só será aceite a risco do expedidor.

FÉRIAS EM SESIMBRA

O **HOTEL ESPADARTE** informa que ainda dispõe de alguns quartos a preços especiais desde 100$00 por pessoa para quarto e peq. almoço c/ taxas incluídas. Descontos em Pensão e refeição reduzida. Crianças: até 2 anos GRÁTIS; até 6 — 70 % redução; até 9 — 60 %; até 12 — 50 %. Telef. Sesimbra 2233-189.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**

ENGENHEIRO CIVIL

Com muita experiencia de estaleiros de obras públicas: barragens de terra, pontes, silos, etc., admite imediatamente empresa empreiteira para obras fora de Lisboa.

Resposta a este jornal ao n.º 1601.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

JÁ CHEIRA A CHILE

. . Escusamos de andar para aqui a dourar a pílula o Chile quer nascer em Portugal. O Chile está no ovo. Já se pode mesmo dizer que estamos a viver um Chilinho. Ou o pinto morre no ovo ou então, quando cantar de galo, seremos nós, os antifascistas, a pagar o patau.

. Paradoxalmente, quem não abafa a reacção abafa a Quinta Divisão.

. Paradoxalmente, o general Fabião vai dizer aos estrangeiros que os culpados são comunistas.

. Paradoxalmente, a Presidência da República, tão silenciosa ou tão cauta nas intrigas e nas desinformações dos *expressos* e dos *jornais novos*, não perde uma oportunidade de chamar à pedra (e de pedras na mão) jornais que estão incondicionalmente com o processo revolucionário.

. Paradoxalmente, a Televisão portuguesa já se integrou de tal maneira na *naturalidade* reaccionária que já nem menciona, como eufemisticamente costumava fazer, a onda de violência que assola o Norte do País.

. Entretanto, Carlos Altamirano, secretário do martirizado Partido Socialista Chileno, manda-nos de Berlim Leste uma mensagem de unidade na luta contra o fascismo.

Os que em Portugal traíram esta unidade estarão sentados no banco dos réus e a História não costuma usar paninhos quentes.

. Mas dizia eu que já vamos tendo o nosso Chilinho, com a contra-revolução ao ataque em várias frentes.

QUANDO O BOATO É FOGO

. . Na frente do boato, por exemplo. O momento de indefinição que se vive é pântano propício a este género de mosquitos. A reacção não recusa a arma do boato, usa-a com mestria. Para mais, uma arma tão cómoda nem precisa de licença de porte de arma...

. O ministro do Comércio Interno, Macaísta Malheiros, e o secretário de Estado de Abastecimentos, Correia Campos, vieram ontem de propósito desfazer alguns boatos. Que não sei quê o racionamento, que não sei quê a falta de produtos...

. Provado ficou que tudo não passa de refinada aldrabice. Falta de produtos? Sim, talvez alguns diminuam de facilidade no mercado, mas esses não consta ao dr. Macaísta Malheiros nem a ninguém de bom-senso venham a causar embaraços aos trabalhadores ou às donas de casa o uísque e os casacos de peles, por exemplo...

. Quanto ao abastecimento, o dr. Correia Campos foi peremptório tudo corre normalmente. Todas as perturbações se passam na imaginação delirante da reacção na qual embarcam as pessoas mais inquietas e menos politizadas.

. Estes boatos foram desfeitos. Mas não tenham dúvidas. Outros virão tomar-lhe o lugar. Com mil diabos', nem precisarão de se esconder na clandestinidade da boca encostada à orelha...

QUANDO O FOGO É FOGO MESMO

. A contra-revolução, evidentemente, não se fica por aí. Fraca reacção seria essa, se se contentasse com tão pouca sustância... A destruição das riquezas deste País, com o fim de aumentar as dificuldades económicas e de agudizar o clima de tensão, é outro dos seus objectivos. Conseguidos, por exemplo, através dos fogos por esses pinhais e essas matas...

. Não se trata de um boato, boato desta vez da parte contrária. Na realidade, fogos no mês de Agosto sempre os houve e não só em Portugal. Poderá dizer-se, com inteira garantia, de que muitos dos terríveis incêndios que lavram no País são obra da contra-revolução e obedecem a um plano?

. . O engenheiro Vítor Louro, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais, não tem a esse respeito a mínima dúvida. Recorda, por exemplo, os helicópteros que sobrevoaram as matas e que não pertenciam às nossas Forças Armadas. Recorda, por exemplo, a avioneta que, em Cabeceiras de Basto, desencadeou doze focos de incêndio. Recorda, por exemplo, os incendiários já presos, facto de que não foi dado ainda conhecimento público...

. Quem tiver olhos, veja. Veja pelo menos enquanto tem olhos. Enquanto a contra-revolução lhos não tira...

"CONTRÔLO" DA PRODUÇÃO

. A crescente participação organizada dos trabalhadores na batalha da economia, contra a sabotagem pela melhoria quantitativa e qualitativa da produção que permitirá caminhar na via socialista a que o Povo e as Forças Armadas se propuseram é essencialmente o objectivo do decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros, na sua reunião de anteontem, sobre *controlo* da produção pelos trabalhadores.

De acordo com o preâmbulo daquele diploma, o direito ao *controlo* da produção pelos trabalhadores só poderá ser exercido em termos consequentes através das suas estruturas unitárias e representativas.

. Subiinha-se que a construção da sociedade socialista depende, de modo significativo, da implantação e execução de um plano de transição da economia para o socialismo. importa, pois, sublinhar que a luta dos trabalhadores não se pode quedar em posições meramente economicistas nem ser desencadeada à margem das estruturas representativas da classe em nome e no interesse da qual se tem de fazer a Revolução .

Afirma-se, num outro passo, que admitir a separação entre a luta política e económica é fomentar actuações puramente reivindicativas e divisionistas, levando os trabalhadores com menor consciência de classe a lutar, simplesmente, por melhores condições de trabalho e de vida nos parâmetros de uma economia capitalista que, entretanto, se procuraria adaptar e reconverter .

Depois de outros considerandos, o diploma reconhece a urgente necessidade de admitir o controlo organizado da produção pelos trabalhadores, como passo decisivo na consolidação e avanço do processo revolucionário.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

PEIXE
Concurso Público n.º 66/75

LEGUMES FRESCOS
Concurso Público n.º 67/75

PÃO
Concurso Público n.º 68/75

PERÚS E PATOS
Concurso Público n.º 69/75

FRUTAS
Concurso Público n.º 70/75

BATATAS
Concurso Limitado n.º 78/75

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, das 9 às 12 horas, na secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 25 de Agosto de 1975.

Pel'A COMISSÃO INSTALADORA

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro Maria Matos

A RTP apresenta todas as noites, às 21,30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.as Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

BRASÍLIA

UM ÊXITO QUE SE REPETE
Em EXPOSIÇÃO até às 23 horas — Dias úteis
AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-A — Lisboa

Hoje

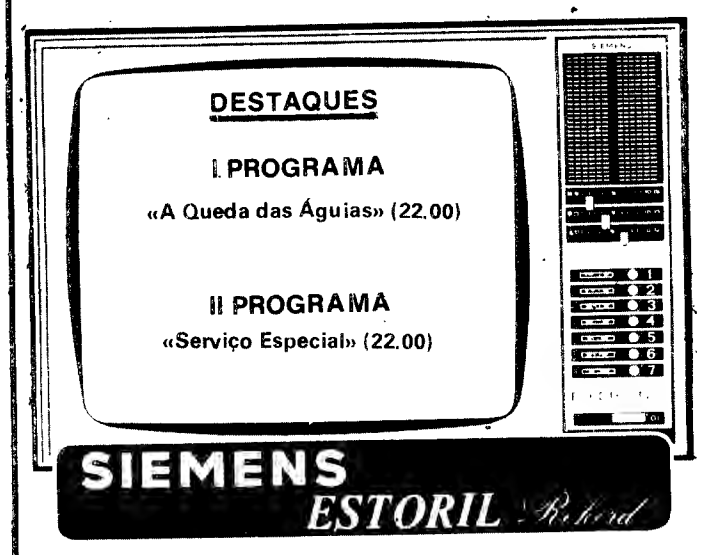
Serviço especial

I PROGRAMA

19.00 Telejornal
19.05 TV Infantil
19.30 «Smith»
20.00 TV Palco
20.30 Telejornal
21.05 Movimento das Forças Armadas
22.00 «A Queda das Águias»
23.00 Telejornal

II PROGRAMA

21.00 «Smith»
21.30 Telejornal em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 «Serviço Especial»
22.45 Sabe...?



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e Telejornal 1.ª edição; **19.05**: TV Juvenil; **19.30**: «Dois Anos de Férias» série filmada, baseada numa obra de Julio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier; **20.00**: Relatório a Coreia; **20.30**: Telejornal . . 2.ª edição . noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: Afinal como é?; **21.30**: Jogos sem Fronteiras um programa da Eurovisão; **23.15**: Programa Especial Grande Premio de Ciclismo «Ciok»; **23.30**: Telejornal 3.ª edição; **23.45**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e um episodio da serie «Dois Anos de Férias»; **21.30**: Telejornal; **22.00**: Noite de Cinema «A Beira do Abismo» («Seance on a Wet Afternoon») um filme produzido em 1964 e realizado por Bryan Forbes Com Kim Stanley, Richard Attenborough e Nanette New Man; **00.05**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Nacional

OS FASCISTAS RISCAM FÓSFOROS

"Portugal já está a arder?"

- **Meios aéreos no lançamento de fogo**
- **Carta anónima anuncia que o Buçaco será pasto de chamas**
- **Balanço grosseiro: as labaredas já devastaram 40 mil hectares em todo o País**

Alastra pelo País uma vaga de incêndios que mobiliza por toda a parte milhares de homens bombeiros, militares e populares, no combate aos fogos. Os prejuízos, impossíveis de calcular com rigor, traduzem-se, principalmente, na perda de uma área imensa do património florestal. Embora esta seja, todos os anos, uma época propícia à propagação das chamas, os soldados da paz, com o direito que lhes dá a sua experiência, não hesitam em afirmar «Isto é fogo posto» Algures, os promotores da criminosa queimada perguntarão se Portugal já está a arder.

Contactos estabelecidos pelo DL» levam a concluir que os casos de fogo posto não são obra de pirómanos comuns, devendo entender-se como acção de puro terrorismo dentro de um plano que visa semear o caos e o pânico.

Em diversas áreas os incêndios surgem com várias frentes ao mesmo tempo e este é um dos indícios de fogo posto exigindo dos bombeiros um esforço sobre-humano sem apoio em condições técnicas que não existem.

Neste momento, assiste-se praticamente à mobilização geral de todas as corporações de bombeiros do País.

Por seu turno, as massas populares galvanizam-se em redor dos soldados da paz, dando a sua parte num trabalho que terá de ser colectivo. Moções aprovadas por comissões de moradores em diferentes localidades apelam para a vigilância popular e apontam para o castigo exemplar dos criminosos, cuja acção se explica, porventura, no descontentamento que lhes trouxe o 25 de Abril e os caminhos do País rumo ao socialismo. Pretende-se combater a liberdade, pelo fogo.

Para já, a ofensiva reaccionária salda-se em várias mortes e muitos feridos, sem contar os inúmeros casos de intoxicação impossíveis de evitar.

A JUDICIÁRIA «NÃO TEM COMPETÊNCIA»?

Junto da Polícia Judiciária, em Lisboa, tentámos saber do ritmo das investigações que poderão levar à detenção dos criminosos e do número de processos abertos por fogo posto: «Não foi feito ainda qualquer tipo de investigação .

O porta-voz da P. J. viria a adiantar que todos os casos ocorreram em áreas que escapam à nossa competência, e o mecanismo especial que permitirá a nossa intervenção ainda não foi accionado .

Temos assim que, por inoperância do mecanismo especial a P. J. funciona sob directivas da Presidência da República) os incendiários trabalham *à vontade* correndo, apenas, o risco de serem apanhados nas malhas da vigilância popular.

Aliás, sabe-se que os populares já conseguiram deter pelo menos quatro suspeitos dois em Caneças e dois em Mafra), cabendo o mérito da detenção de outro, na região da Lousã, a um guarda-florestal.

MEIOS AÉREOS NO LANÇAMENTO DE FOGO

Em contacto com a Direcção dos Serviços Florestais, a reportagem do DL» registou a afirmação categórica do eng. Vítor Louro sobre a natureza criminosa dos incêndios «Posso dizer que na sua maior parte são fogos postos. Temos indícios seguros .

Eis alguns dos indícios apontados por aquele técnico A utilização de meios aéreos no lançamento de fogo («isto está comprovado!») e a meticulosidade na disposição dos fogos de Mafra a Monção os incêndios surgem em áreas cujos acessos são muito difíceis.

Depois, e ainda segundo o eng. Vítor Louro, há os casos de pre-anuncio de fogos, como aconteceu em Amarante. O técnico dos Serviços Florestais adianta que a Administração Florestal do Buçaco e os bombeiros da região receberam, muito recentemente, uma carta anónima anunciando que o perímetro florestal do Buçaco será pasto das chamas dentro de oito dias.

Também os bombeiros receberam idêntica missiva. Os criminosos anunciam ali que vai arder tudo . Nos distritos de Viseu e Alto Minho os terroristas *prometem* que, depois dos pinhais, incendiarão as casas.

Mário Murteira vai processar Pinto Balsemão

. Mário Murteira vai processar o Expresso», atendendo às afirmações erróneas e caluniosas a seu respeito. Ministro do V Governo Provisório, Mário Murteira enviou-nos, com pedido de publicação, a carta que a seguir transcrevemos

Quando o Expresso surgiu, creio que nos finais de 1972, aceitei colaborar na primeira fase da sua existência como membro do Conselho Editorial, orgão que se destinava a exprimir uma visão crítica dos leitores junto da direcção do jornal e que efectivamente desempenhou tal função nos números iniciais em que participei, desconhecendo a ulterior evolução desse conselho. Confesso que não poderia prever até onde chegaria o Expresso desde a época em que desempenhou um papel positivo nos meios de informação do País.

Com efeito, o jornal Expresso tem-se distinguido ultimamente como instrumento da ofensiva reaccionária que, apoiada por forças internas e externas, procura travar o processo revolucionário português, e ao nível da informação visa desorientar a opinião pública por todos os meios, incluindo a mentira e a calúnia.

No que se me refere, além de outros ataques e insinuações, tem procurado o Expresso», nos dois últimos números, especular sobre o meu livro Problemas do Desenvolvimento Português , terminado em Fevereiro de 1974, mas só publicado depois do 25 de Abril.

Quanto à insinuação de que o texto defenderia a democracia política e atacaria o socialismo marxista , o leitor julgará do seu fundamento pela leitura completa do texto, em lugar da montagem tendenciosa de extractos que o Expresso» publicou em 16 de Agosto.

Mais graves são, porém, as afrmações feitas de que teria havido intervenção da minha parte para limitar ou mesmo impedir a distribuição do livro, pelo facto de o considerar inoportuno após a Revolução. Se poderia admitir erros de interpretação na leitura do meu livro, já não é devida a mesma tolerância relativamente à nítida má-fé com que se alude e insiste em factos destituídos de qualquer fundamento.

Considerando a gravidade das insinuações feitas não poderei deixar de proceder judicialmente contra o director do jornal, pois a atitude do mesmo cai no foro criminal, por atentório da minha honra e dignidade.

ROSA COUTINHO

Objectivos comuns em duas revoluções

CIDADE DO PANAMÁ, 28 (A. N. I.) O Ministério panamiano dos Negócios Estrangeiros confirmou ontem a chegada ao Panamá do almirante Rosa Coutinho, membro do Conselho da Revolução, prevista para sábado.

O dirigente militar português, actualmente na capital peruana a assistir à reunião dos países não-alinhados, foi convidado aí pelo ministro Juan António Tack a visitar o Panamá.

Segundo informações fornecidas, Rosa Coutinho permanecerá na cidade do Panamá até segunda-feira, e durante a sua visita avistar-se-á com o chefe do Governo panamiano, general Omar Torrijos.

Entretanto, Rosa Coutinho, que se encontra em Lima presidindo à delegação portuguesa na Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países Não-Alinhados, avistou-se ontem com o presidente da República e chefe da Revolução peruana, general Juan Velasco Alvarado.

Concluida a audiência, em privado e com a duração de hora e meia, o vice-almirante Rosa Coutinho afirmou ter transmitido ao general Alvarado uma «cordial e fraternal saudação» do Presidente da República Portuguesa, general Costa Gomes.

Acrescentou ainda ter conversado francamente com o presidente peruano sobre a Revolução peruana e a Revolução portuguesa.

Ao referir-se a ambos os movimentos revolucionários, Coutinho sublinhou a sua semelhança e «os seus objectivos comuns de conquista, independência e dignidade nacionais em benefício directo dos seus povos».

Incêndio na Central de Colocações

. Na madrugada de quarta-feira 27, deflagrou nas instalações da Comissão Central de Colocações na Praça José Fontana um incêndio cuja origem não está ainda determinada o qual destruiu avultado número de processos dos candidatos a professores eventuais (provisórios) do 1.º concurso (15 a 30 de Maio).

O M.E.I.C. por intermédio da Comissão Central, tomou já providências de forma a não serem prejudicados os reais interesses dos candidatos a professores, tendo sido já difundido o aviso da Comissão Central de Colocações para o qual se chama a atencão dos referidos candidatos.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do **Regulamento** de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de BEJA em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pelo Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8 53971, do arquivo 5460, para o estabelecimento no Monte da Tramagueira, concelho de Beja, de uma linha aérea e 15 kV com 3428 m, derivada do apoio n.º 39 da linha para Trigaches para alimentar o posto de transformação do Monte da Tramagueira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

. Repartição de Licenciamento, em 18 de Agosto de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

28-8-1975

MUNDIAL FILMES
S. A. R. L.
R. de S. José n.º 203 - 1.º, Esq.
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convoco os Senhores Accionistas para reunirem, em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 12 de Setembro, pelas 18 horas, na Sede Social, com a seguinte ordem de trabalhos:

— **Eleição de dois vogais para o Conselho de Administração;**
— **Eleição de dois vogais para o Conselho Fiscal**

Lisboa, 26 de Agosto de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral - **João Gonçalves Fernandes Costa.**

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público, que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o seguinte concurso:

Concurso N.º	Aquisição de	Caução Provisória	Abertura das Propostas	
			Data	Hora
31/75	Remodelação das Instalações e Equipamentos do Serviço de Alimentação no Bloco Central dos H. U. C. — Fase 3	15 000$00	30/9/975	15.00

O respectivo Caderno de Encargos pode ser consultado nos Serviços de Aprovisionamento, todos os dias úteis das 9.30 às 12.30, das 14 às 17.30 horas e aos Sábados das 9.30 às 13 horas.

As Propostas devem ser entregues até às 16 horas do dia 29 de Setembro de 1975, nos referidos Serviços. No sobrescrito deve mencionar-se o número deste Concurso.

Coimbra, 23 de Agosto de 1975

O DIRECTOR DE SERVIÇOS DE APOIO GERAL, (APROVISIONAMENTO)
Augusto Luís de Magalhães Lopes

CARRO ROUBADO A UM JORNALISTA

. Foi esta madrugada roubado o carro do nosso camarada da RTP, Mário Cardoso, que se encontrava estacionado no Vale do Sol, Monte Estoril. Trata-se de um Datsun 1600, cor de vinho, matrícula DE-99-15. Qualquer informação pode ser dada para o telef. 264977 ou P.S.P. do Estoril.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

Desporto

COMA VAMOS DE FUTEBOL

Sporting: falta rodagem Benfica: rodagem a mais

. O Sporting apresentou-se ontem à noite em Alvalade, frente ao Académico de Coimbra: oficialmente, tratava-se da apresentação do Sporting-75 perante os seus adeptos e a ideia que ficou é a de que a equipa não se encontra ainda suficientemente rodada. É verdade que as muitas substituições que se verificaram (actuarám nada mais, nada menos do que 34 jogadores!) não permitiram a ninguém um exame às possibilidades de qualquer das equipas: mas, mesmo assim, a ideia predominante é a de que o Sporting está ainda um pouco longe daquele normal a que nos habituou. O resultado final foi de 5-3 a favor dos «leões», tendo as duas turmas apresentado a seguinte constituição: o Sporting com Damas, Barão, Mendes, Amândio e Inácio; Tomé Fraguito e Baltasar; Marinho, Manuel Fernandes e Chico; o Académico: Marrafa: Brasfesmes, Alhinho, José Freixo e Martinho; Gregório, Gervásio, Mário Campos e Costa; Manuel António e Daniel. Actuaram ainda Valter, Paulo Rocha, Garcês, Jesus (pelo Sporting) e Belo, Vítor Manuel, Vala, Rogério Crisostomo e António Jorge (pelo Académico).

BENFICA

Por sua vez o Benfica mostrou ontem, em Jacarta, que está com rodagem a mais: não de futebol... mas de avião. A tal ponto que para o jogo de ontem, frente à selecção da Indonésia (resultado: 0-0), Mário Wilson fez alinhar um conjunto inédito: José Henrique; Malta da Silva, Messias, Eduardo e Barros; Moía, Nelinho e Diamantino; Nené, Domingos e Moinhos. Jogaram ainda Toni e Sheu.

Com este segundo empate em Jacarta o Benfica ainda pode ganhar o trofeu em disputa: basta vencer (por mais de dois golos de diferença) o Rosário da Argentina, na próxima 6.ª feira.

SETÚBAL

O Vitória de Setúbal não teve melhor sorte que o Belenenses, no encontro com o Boca Juniores: perdeu e também por um golo de diferença. O resultado foi de 2-3.

TRANSFERÊNCIAS

A dança dos jogadores continua: enquanto (quase) se confirma a ida de Nelson, Alhinho e Manaca para o Vitória de Setúbal, fala-se agora nas hipoteses de Alves poder ingressar no Granada, de Quinito trocar a camisola do Belenenses pela do Santander, Mirobaldo ingressar no Sporting (que também quer experimentar o brasileiro William), Rebelo trocar Setúbal pelos ares de Gijon. E, enquanto tudo isto se admite como provável, o Benfica sente-se cada vez mais, o «dono» de Jordão.

Lá fora

O ciclista holandês Joop Zoetemelk foi o vencedor da «Volta à Holanda», apesar de ceder ante o espanhol Domingo Perurena na derradeira etapa.

Classificação final da Volta à Holanda em Bicicleta:

1.º Joop Zoetemelk (Holanda), 23 horas e 35 segundos; 2.º Frans Verbeeck (Bélgica), a 33 segundos; 3.º Gerard Vianen (Holanda), a 53; 4.º Dieter Thurau (RFA), 58; 5.º Karstens Holanda), 1,28; 6.º Priem (Holamnda), 1,38; 7.º Tabak (Holanda), 1,38; 8.º Bal (Holanda), 1,38; 9.º Op de Beeck (Bélgica), 1,38 e 10.º Juiper (Holanda), 2,35.

FIGUEROA

O futebolista chileno Elias Figueroa, que milita actualmente no «Internacional» de Porto Alegre, Brasil, foi eleito pelos jornalistas desportivos do continente como o «melhor jogador da América» de 1974.

O defesa central transandino receberá a placa que anualmente oferece «publicaciones capriles», de Caracas, editora de diários e revistas, ao desportista que for escolhido como o melhor da América, através de um inquérito entre os principais cronistas desportivos da região.

FUTEBOL

O Campeonato Mundial de Futebol realizar-se-á na Argentina, especialmente porque tem todas as condições para a sua organização — disse Teófilo Salinas, presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, ao chegar ao aeroporto de Buenos Aires, procedente de Montevideu.

É o mundial da Confederação Sul-Americana e, portanto, toda a América do Sul estará unida com a República Argentina para a realização do torneio — disse Salinas.

Salinas presidiu na capital uruguaia à reunião do Comité executivo da «CSF» com os quatro representantes dos finalistas do Campeonato Sul-Americano de Futebol («Taça América») que em Caracas realizaram o sorteio para a «ronda final» entre o Brasil, o Peru, o Uruguai e a Colômbia.

AS BARREIRAS DA VIDA

O menino sorri: porque está satisfeito, porque conseguiu ultrapassar a barreira, correndo embora em sentido contrário. O menino sente-se feliz: porque ao transpor o obstáculo que se lhe deparou, ele encontrou jeito e forma de resolver o problema e continuar a sua corrida para a vida. Aqui e uma vez mais, a juventude a dar o exemplo ao homem: as barreiras da vida devem ser ultrapassadas com um sorriso nos lábios. Só que os homens não devem caminhar no sentido inverso do progresso e da felicidade gerais; ao contrário desta criança, que tem ainda tempo de aprender qual o sentido certo e verdadeiro da marcha do mundo...

Bronca algarvia

Ontem, bronca em Loulé: o entusiasmo do público, a fome que tem de ciclismo, a ânsia de tocar as vedetas da bicicleta, fizeram com que a pista fosse invadida, impedindo que se reunissem as condições tidas e consideradas como mínimas para a tirada (corrida no sistema de perseguição individual) chegasse ao seu termo. O sinal foi dado por Joaquim Agostinho que se recusou, pura e simplesmente, a correr naquelas condições. E ele lá tinha as suas razões: não ir atrás de loucuras, talvez seja uma forma de evitar possíveis desastres. Aliás foi exactamente um atropelo a um popular que fez com que Agostinho tomasse a atitude. E a tirada da pista de Loulé foi pura e simplesmente anulada...

De manhã tinha havido movimentação, entusiasmo, na ligação entre Beja e Loulé: primeiro foi o «amador» Manuel Pereira e empreender uma fuga (durou mais de 50 quilómetros); depois foi o «louletano» Álvaro Ramos a fugir a 3 quiómetros da meta, para chegar isolado à pista do clube que representa.

Na classificação geral não houve mudanças significativas: Agostinho continua vestido de amarelo, com o mesmo tempo do segundo classificado, seu companheiro de clube, J. Carvalho; o terceiro é ainda Venceslau Fernandes a 2 segundos do «guia», ocupando Fernando Mendes a quarta posição com o mesmo tempo de Venceslau.

Por equipas o Benfica comanda (com 43 h 21 m 44 s), seguido do Sporting (a menos de 3 minutos), da Coelima, do misto Coimbrões-Mónica, do Louletano e da selecção de amadores.

Hoje os ciclistas efectuaram a ligação entre Loulé e Tavira, cumprindo-se à tarde mais uma etapa em pista: os sobreviventes (52 neste momento) actuarão na pista do Ginásio, 5 voltas no sistema de perseguição individual, no total de 2 quilómetros.

O "CASO ALHANDRA"

JOGADORES TOMAM POSIÇÃO

. O «Caso Alhandra» continua a dar que falar: intimado o clube a colocar rede de protecção no seu campo, o clube submeteu o assunto ao plenário de sócios, tendo a Direcção tornado público, logo após um comunicado, que resume toda a discusão e apresenta as seguintes conclusões:

. 1.º Que as invasões de recintos desportivos (embora o nosso caso não seja uma invasão), só são possíveis:

a) Pela má formação de alguns espectadores impossiveis de serem controlados pelos clubes;

. b) Pelas más actuações dos árbitros que por vezes chegam a descontrolar os espectadores mais sensatos;

. c) Por as autoridades bem pagas para o evitarem nada fazem nesse sentido.

2 — Que, até hoje, só se pensou castigar os clubes pelas faltas cometidas pelos espectadores e não se aprofundaram as razões que levam o público a proceder de ral forma:

. 3.º — Que o despacho Ministerial não tomou em consideração as condições financeiras dos clubes mais modestos, que praticam o desporto pelo desporto, que nunca viveram nem têm subsídios oficiais que foram e continuam a ser a base sólida do desporto no nosso país e cujas receitas brutas anuais não atingem o valor de uma vedação do seu campo;

. 4.º — Que os atletas e espectadores são seres humanos e não feras o que aliado ao momento actual que, atravessa o nosso país a colocação da vedação é incompatível:

. 5.º — Que o nosso campo de futebol não reúne condições para ser vedado mesmo que essa fosse a nossa intenção;

. 6.º — Que mesmo que fosse nosso desejo vedar o campo, não se compreende como uma resolução tomada no dia 26 de Julho de 1975, só nos tenha sido comunicada no dia 20 de Agosto estando previsto o início dos campeonatos para 7 de Setembro o que se tornava impossível a colocação da mesma para data necessária.

Depois destas conclusões repudia-se energicamente a decisão tomada pelos orgãos judicais da FPF por não terem interpretado correctamente o boletim do árbitro do encontro e não terem tomado em consideração as bases do nosso recurso.

Assim foi decidido:

1.º — Não colocar a rede de vedação no campo de futebol;

. 2.º — Não comparecer em campos neutros;

. 3.º — Pedir o apoio de todos os clubes militando nos campeoantos nacionais e em especial aos da zona C da III Divisão comparecendo no nosso campo e não em campo neutro se assim for decidido pois só unidos poderemos obstar a que tais anomalias continuem a ser praticadas.

4.º — Dar conhecimento da demissão ao Ministro da Administração Interna e ao Ministério da Comunicação Social Secretário de Estado Escolar, Acção Social Escolar, Director-Geral dos Desportos, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, F.P.F. A.F.L. clubes atrás citados e Imprensa.

5.º — Que seja a Direcção do Alhandra Sporting Clube executar as deliberações do Plenário.

JOGADORES

Este comunicado salienta ainda a posição dos atletas do clube perante o facto:

. «Os atletas futebolistas com que o Alhandra conta para o representar comunicaram que só depois de resolvido este caso assinariam os respectivos compromissos desportivos e que de forma alguma jogarão com o campo vedado o que desde já nos impossibilita de participar no Campeonato Nacional de Futebol da 3.ª Divisão enquanto as entidades oficais não nos fizerem justiça.».

HÓQUEI EM PATINS

TRABALHAR NO DURO LEMA DA SELECÇÃO

. .Torcato Ferreira, o homem que persegue (e tem alcançado) os títulos nacionais e internacionais, continua a treinar com entusiasmo os rapazes pré-seleccionados para o Campeonato Europeu de Hóquei em Patins, que de 7 a 14 decorrerá na cidade italiana de Viareggio.

. .No último domingo as gentes particularmente interessadas pela forma dos nossos rapazes sofreram um forte susto: Livramento, a certa altura do treino acusou fortemente uma «stikada» de Virgílio e correu todo o rinque agarrado à boca; receou-se o pior; mas, ao fim e ao cabo, o dr. Maia Ferreira verificou tratar-se apenas (?) de um golpe na face, junto à boca, tendo recebido alguns pontos. Hoje mesmo irá retirá-los, prevendo-se que possa estar presente no «Europeu».

. .Também Cristiano andou nos cuidados médicos, já que se receou sofrer do menisco: observado pelo médico privativo da Federação Portuguesa de Patinagem, chegou-se à conclusão tratar-se de um rebate falso, pelo que prossegue com a sua preparação.

. .Os treinos têm decorrido no rinque da Juventude Salesiana, no Estoril, e o público anónimo tem ali acorrido em grande número. Para hoje à noite está marcado novo treino, esperando-se que o seleccionador-treinador possa, no final, dar a conhecer a lista definitiva dos «dez mais», ou seja o nome de todos quantos se deslocarão a Viareggio.

. .Pelo que nos foi dado verificar no treino da passada 4.ª-feira à noite, Cristiano encontra-se numa forma excepcional, o mesmo acontecendo com Chana. Livramento manteve-se na bancada, como simples observador.

. .Também deu nas vistas o par de gémeos Gomes da Costa, que mercê da sua forma **sui generis** de actuar, provoca sempre um certo entusiasmo. Também Garrancho e Casimiro se mostraram em forma, pelo que se adivinha o dilema com que Torcato Ferreira se deve debater: dos 16 pré-seleccionados, quais o 6 a excluir?

. .Esta noite talvez que a resposta surja: até porque a partida da comitiva portuguesa está marcada para o dia 5 (6.ª-feira), via Madrid e Milão, completando-se a ligação para Viareggio de autocarro.

Geral

DESCONFIANÇA E FIRMEZA EM DAMASCO

Continuação da pág. 3

tência palestiniana e à atitude reservada do seu próprio exército. As concessões que ele teria feito, de momento, já desgostaram alguns oficiais superiores, os quais teriam mostrado que as exigências israelitas reduziam a nada os benefícios estratégicos que o exército egípcio esperava tirar do acordo interino. O acordo teria igualmente como efeito romper a solidariedade de armas entre as forças egípcias e sírias, solidariedade tida como indispensável para a defesa do território egípcio no caso de novo conflito. Alguns oficiais superiores egípcios, diz-se aqui, consideram que as concessões feitas pelo presidente Sadat eram tanto mais humilhantes que não tinham em linha de conta a «vitória árabe» alcançada em Outubro de 1973 nos planos militar, económico e diplomático. Os chefes do exército egípcio, finalmente, seriam decididamente hostis a todo o acordo que fosse válido para além de um ano ou que consagrasse formalmente um estado de não beligerância.

A critalização de uma «frente de combate reunindo a Síria, a Jordânia e a O.L.P.

Não foi por acaso que o presidente Assad e rei Hussein assinaram um acordo, vinte e quatro horas antes da chegada do senhor Kissinger a Damasco, que instaurava uma estreita colaboração entre os dois países, nos domínios político, económico e militar. Esta insólita aliança entre a Síria socialista e a Jordânia monárquica, inimigos de há longa data, é uma das consequências directas da diplomacia do senhor Kissinger chamada «pequenos passos». Damasco e Aman, diz-se aqui, estão condenados a se associar para enfrentar a «conspiração americana». O rei Hussein, que anteriormente era tido como um fiel aliado dos Estados Unidos, não esconde a sua indignação face a este «abandono» de que foi vítima, tanto por parte de Washington, que se recusa de lhe enviar o armamento de que necessita mesmo defensivo, como por parte do Egipto, que «nem sequer evoca a necessidade de um recuo parcial israelita da Cisjordânia».

Dentro de alguns dias, serão iniciadas conversações oficiais entre o Governo sírio e a O.L.P. com vista à criação de um comando militar conjunto. O presidente Assad está decidido a favorecer, em seguida, um acordo de cooperação entre a Jordânia e a resistência palestiniana. Esta última põe no entanto como condição «sine qua non» para a reconciliação o regresso dos «fedayin» ao reino «hachemita», os quais deverão ter plena liberdade para efectuarem ataques de surpresa contra os territórios controlados por Israel.

Se o presidente Assad, como hoje parece provável, consegue constituir uma «frente de combate» no flanco oriental de Israel, seria difícil senão impossível, afirma-se aqui, para o presidente Sadat respeitar o acordo separado que teria concluído com o Estado judeu.

É com base nestas considerações que responsáveis sírios e palestinianos prevêem que o secretário de Estado americano vai perder a sua aposta, quer a sua missão resulte ou não.

«O senhor Kissinger, repetem, é seguramente um homem muito inteligente. Mas ele não compreendeu nem a profundidade das aspirações nacionais árabes nem a complexidade da situação no Próximo Oriente. Ele vai-se queimar como muitos políticos que antes dele tentaram resolver o problema com astúcias. Nada poderia substituir uma conferência internacional que reunisse em volta da mesma mesa todas as partes interessadas com vista a uma resolução global do conflito».

Post scriptum

Continuação da pág. 3

coberto de promessas, vão materializando os seus instintos de democracia .

Assaltos, incêndios e agressões, para que servem

Servem apenas para revoltar os trabalhadores, para os dividir a fim de, dessa maneira os cobardes provocadores poderem indistintivamente agir e controlar as massas trabalhadoras, a qual, nem todos, pelas raras oportunidades que teve, não está suficientemente mentalizada para seguir o rumo que deseja.

E foi assim que, no Chile se começou a implantar a ditadura que todos nós conhecemos, mas que porventura não queremos que Portugal seja a cópia, mais ou menos fiel, dessa cambada de corujas que, usurparam os verdadeiros direitos de um Povo.

Ao fim e ao cabo, estas minhas palavras nada valem, comparadas com tudo aquilo que, o nosso tão escravizado povo pode e deve fazer, mas no fundo elas não são mais do que, um veemente protesto pela destruição que, já começa a ser crónica, de bens, os quais os portugueses foram os seus construtores.

Deixemos-nos de lutas partidárias, que a ninguém beneficia, a não ser evidentemente aos cobardes, não sejamos crianças, porque idade já nós temos para não andarmos por aí a brincar aos índios.

Sejamos realistas e coerentes com nós próprios, deixemos-nos de demagogias, não sejamos egoistas, façamos deste País, o que outros ao longo de tantos anos não souberam ou não quiseram fazer.

Construamos com o nosso estôrço, com a nossa boa vontade e principalmente com a união de todos, um Portugal Democrático, e tanto quanto possível independente, não dêmos ouvidos a pessoas que, no tempo do fascismo nos exploraram, e que agora se intitulam ferverosos democratas, mas que, no seu pensamento mesquinho estão desejando que isto volte para trás.

Avancemos sempre em frente cientes que consigamos atingir a meta desejada, o Socialismo.

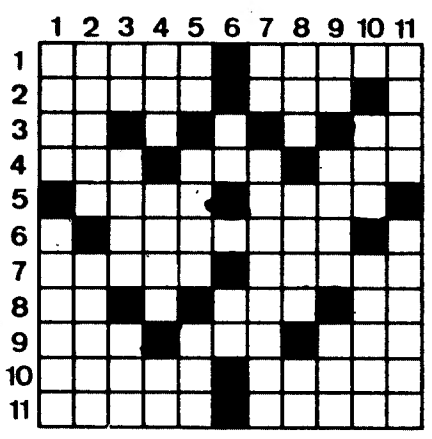
Manuel Oliveira de Almeida — Lisboa

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11 170

HORIZONTAIS

1 O mesmo que galeirão (ave). Beberrão (fig).
2 Plantio de amieiros. Milho torrado que e reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
3 Letra grega. Tempo do verbo ser. Prefixo de negação.
4 Renque. Medida de capacidade hebraica. Caminhai.
5 Letra grega. Ilha do Pequeno Belt.
6 Espécie de tambor dos Cafres.
7 Tecido de algodão, em especial para roupas interiores. Qualquer embarcação.
8 Senhor. Despidos. Caminhar.
9 Preposição. Ala ou flanco (ant.) Moderno (abrev)
10 Ilha da Grécia. Prepare com anis.
11 Cidade da Índia. Lanígero.



VERTICAIS

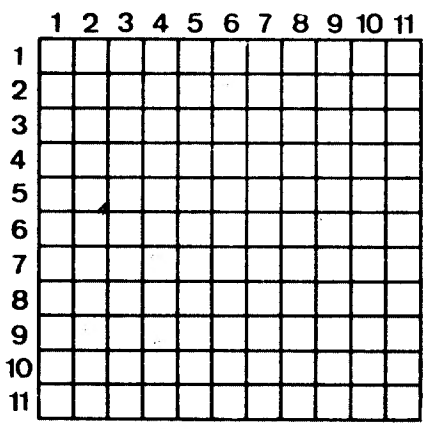
1 Atravessa. Riqueza.
2 Sacrifica. Gelha.
3 Interjeição de dor. Espírito. Um milhar.
4 Fúteis. Discursa. Neon (s.q.).
5 O mais. Rosto. Medida de líquidos da Alemanha, Holanda e Suíça.
6 Palavra latina pela qual começam muito documentos pontifícios de interesse para Portugal. Sodio (s.q.).
7 Basta. O mesmo que bambual.
8 Composição poética. Faldas. Em a.
9 Laco. Encolerizar. Nome de dois rios da China.
10 Passado. Zelosa.
11 Governo (fig.). Ferrar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7329

HORIZONTAIS

1 Rio de Portugal. Armaria Mau cheiro.
2 Habitem. Palmeiras da Amazónia.
3 Rã (pop.). Queimo.
4 Desviai de um lugar.
5 Antes do meio-dia. Guarneças com orla ou cercadura. Utensílio doméstico.
6 Consentimento. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Cidade da Ucrânia.
7 Sair frequentemente à rua. Arruinar.
8 Doutoras. Cidade da antiga Caldeia.
9 Rio da Suiça. Greda branca. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
10 Seis em romano. Gelha. Distar.
11 Cidade do estado do Paraná. Desenrugo.



VERTICAIS

1 Amónio (s.q.). Conjunção. Oferecia.
2 Vai pelo ar com grande velocidade. Perfumais.
3 Vagueia. Que é daraça do mus.
4 Engano. Campeão. Deus dos Pastores.
5 Ligar. Acreditei.
6 Rei de Israel em 919 a918 (a.C). Medida de superficie.
7 Miado. Povoação do concelho de Condeixa.
8 Lavras (fig). Lutécio (s. q.) Lutécio (s.q.).
9 Brilhei (fg.). Uma das ilhas Molucas.
10 Animal doméstico. Progenitor. Suspiros.
11 Carta de jogar. Caminho estreito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 169

HORIZONTAIS:

1 TER. Apa. Mas.
2 Anel. PARA.
3 Ra. Airão. ML.
4 Arrasta.
5 Negas. Eis.
6 Lodão. Viras.
7 Alor. Aero.
8 Pá. Ara. Al.
9 Aar. Cós.
10 Rasga. Orara.
11 Olear. Ralos.

VERTICAIS:

1 Tara. Láparo.
2 Ena! Nola. Al.
3 Re. Aedo. Ase.
4 Largar. Agá.
5 Irão. Azar.
6 PERAS. Pr.
7 Ad. Açor.
8 Poteia. Ora.
9 Ma. Aire. Sal.
10 Arm. Sara. Ro.
11 Sala. Soltas.

PROVÉRBIO: Ter para peras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7328

HORIZONTAIS:

1 Malta. Calma.
2 Ala. Nua. Air.
3 Risca. Negar.
4 Rãs. Lot. Ara.
5 Aral. Airas.
6 Ur. Ir.
7 Socai. Assa.
8 Ada. Som. Aos.
9 Mi. Fa. Odres.
10 Bar. Dor. Ari.
11 Arola. Erras.

VERTICAIS:

1 Marrã. Samba.
2 Aliar. Odiar.
3 Lassa. Ca. Rô.
5 Anal. Risada.
7 Cantai. More.
8 Ira.
9 Lagar. Sarar.
10 Miara. Soera.
11 Arras. Assis.

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo e o vento era fraco ou moderado predominando de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	18º
P.DOURADAS	10º
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	17º
BRAGANÇA	15º
SAGRES	18º
FARO	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **32º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **3º,8**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16,4º
Atmosfera 16º,6

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.29 **3,4 m**	0,57 **1,3 m**
19.49 **3,3 m**	13.18 **1,4 m**

DIA 29

8.15 **3,2 m**	1.44 **1,5 m**
20.46 **3,1 m**	14.14 **1,6 m**

DIA 30

9.26 **3,1 m**	2.48 **1,6 m**
22.15 **3,0 m**	15.35 **1,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco ou moderado do quadrante Norte. Pequena subida de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.02
OCASO AS 20.12

DIA 30	DIA 5	DIA 12	DIA 20

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Interlúdio
18.15 «Movimento das Forcas Armadas»
19.00 Informacão de trânsito
19.05 Música popular
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Música variada
21.40 Fados
22.00 Música variada
23.00 «Movimento das Forcas Armadas»
23.15 Música variada
24.00 Fecho.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?: — Oratória em 3 actos «Sansão», de Handel.
18.45 Danças alemãs: — 6 dancas K. 509, de Mozart, p/Conjunto Mozart de Viena
19.00 O canto e os seus intérpretes, p/Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Música ligeira variada
22.00 Música sinfónica.
23.20 Valsas de Schubert: — 12 valsas, p/Jörg Demus
23.30 Música vocal.
00.00 A grande música negra
01.00 Fecho

Programa em onda média-2 (397m.-755KHz)

20.30 Música de câmara de Beethoven
21.16 Música de bailado
22.00 Concerto de câmara
23.00 Música coral sinfónica: — Missa em dó menor, K. 427, de Mozart
00.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.04 Programa CDC
17.00 Noticiário
18.05 Movimento
20.50 Diálogo
21.03 Programa do MFA
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Mensagens bíblicas
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de frequência

16.05 Programa CDC
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbitra-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbitra-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Lerspectiva
03.05 Madrugada
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 — emissão continua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Lisboa

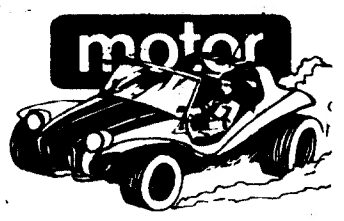
Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

Rádio Peninsular

Das **12.00** às **14.30**



farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
TODA A NOITE

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); **Estados Unidos**, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, (Telef. 680627).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A, (à Avenida Barbosa du Bocage), (Telef. 763107).
BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telefs. 321342-325553).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Casquilho, (Telef. 708242).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54, (Telef. 862835).
LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, (Telef. 691054).
LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A/B, (Telef. 636620).
ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).
ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).
ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66, (Telef. 310172).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).
CONDE DE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).
ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87, (Telef. 842725).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B, (Telefs. 720703-728395).
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99, (Telef. 321771).
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
CARCAVELOS
Central
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, Parque Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 1 de Abril, 24 (Tel. 263052)
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, n.º 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Tel. 282407).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 2750271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Estrada Nacional, 178-B (Tel. 2040302)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, Av. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254)
MOITA
Silva Rocha, R. da República, 16 (Tel. 239029
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 50 (Tel. 2310032
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 1

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz; **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Luso Francesa**, R. Sá da Bandeira, 140; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 e **Lidador**, Rua do Lidador, 171

A PARTIR DAS 22 HORAS

Campos, Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2 e **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167

COIMBRA

Estádio, R.do Brasil, 248, r/c (T.24410); **Miranda**, P. do Comércio, 41 (T.23261); **Baptista**, P.da República, 9 e 10 (T.23747)

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
LONDRES
JOHN AND MARY
CONDES
DOIS HOMENS E UM DESTINO
IMPÉRIO
O TRIPLO ECO

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19. 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
35.ª Semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O excepcional filme de Mel Brodes
BALBURDIA NO OESTE
com Gene Wilder
Madeline Kahn
s 24.00 O filme da meia-noite
Grupo D-maiores de 18 anos
«BATALHA PARA ALEN DAS ESTRELAS»

ROXY
T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
2.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao publico: Este filme conte cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme cont. cenas event. chocantes 4.ª Semana

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Para todos
CARROCEL WALT DISNEY
Uma dança maravilhosa de desenhos animados

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Int. a menores 18 anos
em 2.ª Semana
PECADOS EM FAMÍLIA
Colorido

TIVOLI
T. 570595 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
O mais extraordinário filme de todos os tempos
A BÍBLIA
70 m/m technicolor
3.ª Semana
Um filme de John Huston

IMPÉRIO
T. 555134 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
«O TRIPLO ECO»
AS 15.15, 18.30
«DILEMA EM NOITE DE NÚPCIAS

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21,15
Não acons. a menores de 18 anos
É PRECISO ELIMINAR A TESTEMUNHA

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Grupo B-maiores de 10 anos
COM OS OLHOS TORTOS DE MEDO

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
2.ª Semana
KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes 37.ª semana

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
É TUDO BOA GENTE

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15,
Não acons. a menores de 18 anos num filme sem peias nem pudores
SEM QUAISQUER PRECONCEITOS

CARLOS MANUEL SINTRA
T. 2930394 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
Sylvia Krister

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
ANNA
AQUELE PARTICULAR PRAZER

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Com Giulieta Massina
Francisco Pereira
Obra-prima de Frederico Felini
AS NOITES DE CABIRIA
19 h. Cinema e Revolução
Interdito a menores de 18 anos
«O SORRISO VERTICAL»

CONDES
T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
AS 21.15
DOIS HOMENS E UM DESTINO
Não acons. a menores de 18 anos

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
4.º MÊS DE COMÉDIA BRE E R
14.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JOHN AND MARY
c/Dustin Hoffman

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 2.º filme do ciclo Pasolini
OS CONTOS DE CANTERBURY
2.ª semana

AVIS
T. 47163 15.30, 21.15
Paratodos maiores6anos
O POTRO VERMELHO
c/Henry Fonda e Maureen O'Hara

CINEBOLSO
T. 573407 14.00, 16.30, 19.00
Apenas até ao dia 28!
Interdito a menores de 18 anos
O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

CINEARTE
T. 660446 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
PIQUENIQUE

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS CANIBAIS
Colorido
Um filme de Liliana Corani

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. cho-
5.ª semana

EUROPA
T. 661016 15.15,21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes Em 18.ª semana

RESTELO
T. 610375 21.00
Grupo A-maiores de 6 anos
OS 4 MALUCOS MOSQUETEIROS
C/Les Charlots

MONUMENTAL
T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/Julie Andrews 5.ª Semana

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
20.45 (18 anos)
«Mostra-me a Tua Piscina»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Trás Mija a Burra»
MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
LAURA ALVES
21.15 (13 anos)
«As Escandalosas»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Preço de um Rapto»
PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Um Cheiro a Dólares»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«007 Vive e Deixa Morrer»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Mulher Sozinha»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Cesar e Rosalie»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«É Preciso Eliminar a Testemunha»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Homem de La Mancha»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Oh, Calcutha!»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos
«Tamanho Natural
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Frankenstein Júnior»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Amar não mata»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Teorema»
JOÃO DINIS
21.15 (18 anos
«Tecnica de Engate
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»
COLISEU
21.15 (18 anos
«As Sobrinhas
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Não Chores com a Boca Cheia»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos
«Os Dois Bombeiros»
S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Rafael, o Libertino»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos
«Cães de Palha»

Diario de Lisboa
ASSINATURAS DE FÉRIAS
Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por dia
NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

SUSAN SONTAG EM LISBOA

Sapatos de lona, blue jeans , um eterno cigarro pendurado nos dedos, Susan Sontag andou (pela primeira vez) em Lisboa e guardou ciosamente o anonimato. Apenas alguns encontros com dois escritores portugueses lhe serviram de referência para a sua breve estadia e todo o resto do tempo foi deliberadamente disperso ao acaso e em total descontracção. Para mim , esclareceu-nos a escritora, é a maneira mais elucidativa para contactar um país pela primeira vez .

Isso não impediu que, por sua iniciativa, tivesse uma entrevista com três elementos em destaque na nossa actualidade política e que nela lhe tenha sido oferecido um excelente apoio para uma próxima visita de trabalho a Portugal.

DEPOIS DO VIETNAM PORTUGAL

Acompanhada da produtora cinematográfica Nicole Stephane, responsável, entre outros filmes, pelo célebre «Mourir à Madrid , Susan Sontag percorreu a cidade sem guia nem bloco-notas, sem as protecções de visitante ilustre, e assim, por conta própria, criou uma imagem extremamente viva e penetrante do quotidiano lisboeta. As suas últimas horas em Lisboa, passou-as no bar do York House, onde estava instalada, a redigir apontamentos e a preparar a agenda da sua próxima visita ao nosso país.

Data prevista para a viagem fins de Outubro. Objectivo conhecer a Revolução Portuguesa — «sentir pela primeira vez uma sociedade a transformar-se radicalmente em convulsão pacífica .

Escritora de primeiro plano internacional, Sontag foi, com Mary McCarthy, uma das vozes mais corajosas dos Estados Unidos na desmistificação da guerra do Vietnam. Os seus artigos sobre o Vietcong e as suas interpretações políticas são universalmente reputadas como peças modelares e interferiram polemicamente nas sessões do Congresso. Agora, depois da vitória do Vietnam é a vitória de Portugal que está em causa para a autora de Against Interpretations» e outros best sellers» inspirados na análise da sociedade dos nossos dias.

Mas, atenção, observa ela, por agora só conheço a vossa revolução através da Imprensa internacional. Que é má neste aspecto, claro., Que é na maior parte negativa. Mas eu penso que esse passo negativo se torna muito importante para chegar à verdade. Por contraste, principalmente. Por confronto com a realidade local .

«REVOLUÇÃO NA PRIMAVERA»

Por sua vez, Nicole Stephane encara a hipótese de produzir uma longa-metragem sobre a Revolução da Primavera (como lhe chamou) utilizando provavelmente a equipa que neste momento se encontra a trabalhar com Gavras. Se a intenção for por diante, será um filme baseado em documentação viva onde se exponha a alegria e a coragem de um povo que o mundo mantinha ignorado .

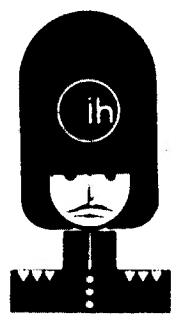
A escolha de um realizador como Gavras, especializado em filmes políticos «Z», Estado de Sítio , Confissão) é uma hipótese promissora mas Nicole Stephane apressa-se a pôr-lhe reticências. Tudo nasceu aqui, de repente, nestes dias de peregrinação por uma Lisboa activa e excitante. E tudo pode ser alterado amanhã mesmo quando a cineasta regressar a Paris e Susan Sontag partir para Nova Iorque. Além disso não são só os projectos que mudam, é tambem o próprio Portugal que se sente correr impacientemente , na opinião de Nicole Stephane.

Ou, como disse Susan Sontag

. Vocês estão a viver muito e vertiginosamente. Isso obriga uma pessoa a deixar-se envolver e a mergulhar a fundo no vosso país. Se o não fizer estará sempre ultrapassada e confusa.

M.B.

INGLÊS



CURSOS INTENSIVOS EM SETEMBRO

INSCRIÇÕES ABERTAS
central school of languages
international house
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
Telefs. 57 14 96 / 53 40 54 / 53 40 62

No Festival de Música Pop em Watchfield, Grã-Bretanha, a Igreja esteve presente. O bispo de Reading deu a comunhão a vários participantes, substituindo a hóstia sagrada por finissimas fatias de pão. O vinho da missa foi dado a beber em copos de papel.

MENOS BANCOS PARA MAIS GENTE

Vão concretizar-se em breve as primeiras medidas de reestruturação do sistema bancário português, cujas linhas gerais foram já aprovadas pelo Governo. Numa primeira fase, os estabelecimentos bancários de menores dimensões, em número de dez, são integrados nos seis bancos de maior envergadura, prevendo-se, simultaneamente, o alargamento de funções do Banco de Portugal e o redimensionamento de todo o sistema, por forma a inseri-lo no processo de transição para o socialismo, colocando-o ao serviço do povo. Todos estes elementos foram revelados pelo ministro das Finanças, eng. José Joaquim Fragoso, em conferência de Imprensa ontem realizada.

Foi também anunciada a reabertura da Bolsa de obrigações, que terá lugar no próximo dia 15 de Setembro.

Mudança significativa entre qualquer coisa que fica para trás, e qualquer coisa que se desenha no sentido de um Mundo novo — assim qualificou o eng. Fragoso a reestruturação do sistema bancário.

Trata-se, para o Governo, de implantar um programa coerente em relação com o sistema de planeamento económico, que deverá ulteriormente condicionar todo o funcionamento económico e financeiro da sociedade portuguesa , segundo acrescentou.

As deliberações recentemente tomadas pelo Conselho de Ministros quanto à orientação e reestruturação do sistema bancário inserem-se no chamado Programa Geral de Acção , elaborado por uma comissão constituída para aquele fim, e presidida pelo secretário de Estado do Tesouro.

O ministro das Finanças salientou a colaboração, estreita, activa e crítica mantida, ao longo dos trabalhos, pelos sindicatos dos Bancários de Lisboa, Porto e Coimbra, que se faziam representar na Comissão de Reestruturação do Sistema Bancário. Dela faziam parte, ainda, representantes do Ministério das Finanças, Secretaria de Estado do Planeamento Económico e Banco de Portugal.

Depois da etapa das nacionalizações democráticas, e clarificadas as opções políticas fundamentais com a publicação do Plano de Acção Política, estão asseguradas em Portugal as condições que permitem avançar no sentido de consolidar o processo das próprias nacionalizações , disse o ministro.

Uma vez nacionalizado o sistema bancário, havia que organizá-lo, de acordo com a fase de transição para o socialismo, que tem a sua própria dinâmica .

Referindo, de passagem, os sistemas bancários dos países socialistas, que foram tidos em conta no estudo a que se procedeu, o eng. Fragoso lembrou que não existe uma identidade total entre eles. «Não há modelos universalmente aceites e aplicáveis, embora existam muitos pontos comuns.

Na realidade, em qualquer sistema socialista existe um banco central como núcleo do sistema, cuja actividade é complementada por bancos especializados, que se dedicam ao investimento, ao comércio externo, à agricultura, à habitação. Funcionam, ainda, caixas de poupança que fazem a mobilização dos depósitos dos particulares, e estabelecimentos isolados que correspondem a sobrevivências de estruturas bancárias pré-capitalistas.

Para manter a operacionalidade e a eficácia do sistema , segundo o eng. Fragoso, há que conservar transitoriamente um certo número de estabelecimentos. O modelo português não se poderá afastar muito deste tipo de coordenadas, embora possa ter uma certa originalidade, atentendo à especificidade das estruturas financeiras e económicas herdadas do fascismo. De imediato, podemos lançar o embrião do futuro sistema bancário .

O processo de reestruturação do sistema bancário vai obedecer a alguns princípios orientadores. Considera-se, assim, que estamos inseridos num processo de transformação da sociedade actual numa sociedade socialista, desenvolvendo-se esse processo por várias fases, determinadas necessariamente pela evolução socioeconómica e política do povo português .

Por isso, o Ministério das Finanças entende que o modelo de sistema bancário português não poderá ser definido desde já, pois, circunstâncias próprias do nosso País, costumes e hábitos financeiros, estruturas bancárias existentes, grau de desenvolvimento alcançado e a própria dinâmica do processo revolucionário condicionam, naturalmente, a formação do novo sistema, não só no tempo como nas características a imprimir ao próprio modelo.

TRANSIÇÃO: MENOS BANCOS, MAIOR OPERACIONALIDADE

A reestruturação do sistema bancário concretiza-se em duas fases, a primeira das quais seria compatível com o próprio sistema capitalista modernizado fase de transição.

Pretende-se, então, reduzir o número de bancos, pela integração dos estabelecimentos de menor envergadura nos de maior dimensão, o que, aliás, aconteceria inexoravelmente pelas próprias leis do sistema capitalista . Procurar-se-á, deste modo, assegurar um certo redimensionamento às instituições que continuarão a agir no mercado, eliminar bancos de menor dimensão e, sobretudo, suprimir casos de anomalias anteriormente existentes, como foi o caso do B.I.P».

De acordo com o programa de execução, prevê-se a integração de dez dos estabelecimentos actualmente existentes entre os quais Pancada e Morais, Banco Viseense, Banco do Algarve, Banco Fernando Magalhães, Banco da Agricultura, Banco do Alentejo e B.I.P.), nos seis maiores bancos Português do Atlântico, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Pinto e Sotto Mayor, Fonsecas e Burnay, Crédito Predial Português e Nacional Ultramarino).

Ao Banco de Portugal competirá a orientação, coordenação e fiscalização do processo, para além da sua função emissora. A lei orgânica do banco central será revista, de modo a ajustá-lo às novas funções.

Prevê-se, igualmente, a criação de órgãos de coordenação, a nível nacional e regional, expressos no Conselho Coordenador da Política de Crédito, Conselho das Instituições de Crédito, Secretariados e Conselhos Regionais que, a nível nacional e regional vão permitir, através do Banco de Portugal, a conjugação da actividade das instituições de credito com a das entidades incumbidas do planeamento.

Esta primeira etapa abrange, ainda, o estudo da cobertura bancária do País, de forma a racionalizar a distribuição geográfica dos bancos, contrapondo à ideia de maximização dos lucros a de optimização da rentabilidade social do sector: revisão da estrutura dos órgãos de gestão de bancos, com vista a melhorar a sua operacionalidade e eficácia: coordenação e integração de alguns serviços bancários, de forma a normalizar processos, reduzir custos e melhorar o controlo.

A segunda etapa, inserida numa fase mais avançada do processo de construção do socialismo, beneficiará da experiência entretanto adquirida com os trabalhos desenvolvidos.

Serão eventualmente integrados mais alguns bancos, de forma a passar a dispor-se de um número ideal de instituições, compatível com o funcionamento eficaz do sistema económico. Novos bancos especializados poderão ser criados, nos sectores do comércio externo, agricultura e indústria alimentar, habitação e construção civil.

BOLSA ABRE NO DIA 15

A Bolsa de obrigações, encerrada desde o 25 de Abril , será reaberta ao público no dia 15 do próximo mês, segundo revelou o ministro das Finanças. O Governo reconheceu o interesse de que se reveste o funcionamento regular de um mercado oficial de compra e venda de obrigações, que permite a aplicação das poupanças de particulares, de modo a financiar investimentos cuja realização contribua para a criação de empregos e para superar as dificuldades económicas actuais .

A reabertura da Bolsa é considerada essencial para que possam ser lançadas com êxito emissões de obrigações por parte do Estado e das empresas, cujos investimentos sejam de reconhecido interesse para o desenvolvimento da economia nacional.

Numa fase inicial haverá limitações especiais de acesso ao mercado, para efeito de venda, procurando assegurar o seu regular funcionamento.